

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



Trabalho de projeto:
Análise de tradução da obra
Nostalgias Pretéritas

AGNESE RIZZO

Tese orientada pelo/a Prof.^a Doutor/a Maria de Fatima Rodrigues de Freitas Morna, especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em TRADUÇÃO.

2019

RINGRAZIAMENTI

A mio padre,

con la speranza di aver realizzato un sogno.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo o comentário da tradução efetuada ao longo do Trabalho de Projeto integrado no Mestrado em Tradução da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

O trabalho foi efetuado em duas fases, a primeira coincide com a proposta de tradução da obra *Nostalgias Pretéritas* (2016), da autoria de Mario Garrido Espinosa, e a segunda com elaboração de uma análise de tradução, onde tratámos algumas questões linguísticas e de tradução que destacaram ao longo do nosso processo de tradução, e apresentamos, seguidamente, as estratégias utilizadas para a sua resolução.

O relatório desenvolveu-se em dois capítulos.

No Capítulo I, intitulado “Questões iniciais”, num primeiro momento, procedemos à caracterização da obra e do autor e a seguir, refletimos sobre o papel do tradutor no processo comunicativo.

No Capítulo II, intitulado “Análise de questões de tradução”, analisámos algumas questões, problemas e dificuldades de tradução que surgiram ao longo do trabalho desenvolvido e refletimos sobre as escolhas tomadas pela tradutora para a resolução dos mesmos. O capítulo estruturou-se em quatro partes, a primeira referente aos aspetos lexicais, a segunda aos aspetos sintáticos, a terceira aos aspetos culturais e, por fim, a quarta a outras questões de tradução relevantes para o presente trabalho.

Relativamente aos aspetos lexicais focámos a nossa atenção em quatro pontos principais: nível linguístico, combinatórias lexicais, estrangeirismos e neologismos e jogos de palavras.

Na secção relativa aos aspetos sintáticos analisámos os temas da propriedade de seleção categorial dos predicados verbais, a colocação dos pronomes, as expressões com possessivos, a presença e omissão do sujeito, as formas ativas e passivas e as simplificações sintáticas.

A seguir abordámos as questões culturais que surgiram ao longo da tradução. Nesta secção também foi abordado o tema do itálico como recurso para assinalar a presença de estrangeirismos.

Na última secção focámos a nossa atenção sobre outras questões de tradução relevantes para este trabalho que não eram integráveis nas secções anteriores, como os

aspectos culturais secundários, a adição e omissão de elementos no texto de chegada, a pontuação e os lapsos no texto de partida.

Palavras-chave: tradução, aspectos lexicais, aspectos sintáticos, aspectos culturais, o papel do tradutor

RIASSUNTO

Il presente studio ha come obiettivo il commento della traduzione realizzata nel corso della Tesi Finale integrata nella Magistrale in Traduzione della Facoltà di Lettere dell'Università di Lisbona.

Il lavoro é stato realizzato in due fasi, la prima coincide con la proposta di traduzione dell'opera *Nostalgias Pretérita* (2016), dell'autore Mario Garrido Espinosa, e la seconda con l'elaborazione di un'analisi di traduzione, in cui sono state trattate alcune questioni linguistiche e traduttive che hanno avuto un maggior rilievo nel corso del nostro processo traduttivo e sono state presentate, successivamente, le strategie utilizzate per la loro risoluzione.

La relazione si suddivide in due capitoli.

Nel Capitolo I, intitolato "Questioni iniziali", in un primo momento abbiamo proceduto con la caratterizzazione dell'opera e dell'autore e successivamente, abbiamo riflettuto sul ruolo del traduttore all'interno del processo comunicativo.

Nel Capitolo II, intitolato "Analisi di questioni traduttive", abbiamo analizzato alcune questioni, problemi e difficoltà di traduzione che sono sorte durante il lavoro svolto e sulle scelte fatte dalla traduttrice per la risoluzione degli stessi. Il capitolo è strutturato in quattro parti, la prima fa riferimento agli aspetti lessicali, la seconda agli aspetti sintattici, la terza agli aspetti culturali e, infine, la quarta a altre questioni di traduzione rilevanti per il presente progetto.

Per quanto riguarda gli aspetti lessicali, abbiamo concentrato la nostra attenzione su quattro punti principali: il livello linguistico, le combinazioni lessicali, i forestierismi e i neologismi e i giochi di parole.

Nella sezione relativa agli aspetti sintattici abbiamo analizzato le tematiche della proprietà di selezione categoriale dei predicati verbali, la collocazione dei pronomi, le espressioni con il possessivo, la presenza o omissione del soggetto, la forma attiva e passiva e le semplificazioni linguistiche.

Successivamente abbiamo abordato le questioni culturali che sono sorte nel corso della traduzione. In questa sezione abbiamo anche trattato il tema del corsivo per segnalare la presenza di forestierismi.

Nell'ultima sezione ci siamo focalizzati su altre questioni di traduzione rilevanti per questo progetto che non è stato possibile integrare nelle sezioni anteriori, come gli aspetti

culturali secondari, l'aggiunta o omissione di elementi nel testo di arrivo, la punteggiatura e i lapsus nel testo di partenza.

Parole chiave: traduzione, aspetti lessicali, aspetti sintattici, aspetti culturali, il ruolo del traduttore

ÍNDICE

Introdução, 3

Capítulo I: Questões iniciais, 15

1. Caracterização do autor, 15
2. Caracterização da obra, 15
3. O papel do tradutor, 18

Capítulo II: Análise de questões de tradução , 21

1. Aspectos lexicais, 21
 - 1.1 Nível linguístico, 23
 - 1.2 Combinatórias lexicais, 26
 - 1.3 Estrangeirismos, 31
 - 1.4 Neologismos e jogos de palavras, 34
2. Aspectos sintáticos, 38
 - 2.1 Propriedade de seleção categorial dos predicados verbais, 39
 - 2.2 Colocação dos pronomes, 40
 - 2.3 Expressões com possessivos, 44
 - 2.4 Presença e omissão do sujeito, 45
 - 2.5 Formas ativas e passivas, 47
 - 2.6 Simplificações sintáticas, 49
3. Aspectos culturais e epocais, 52
 - 3.1 O itálico para indicar os estrangeirismos, 68
4. Outras questões, 68
 - 4.1 Aspectos culturais secundários, 68
 - 4.2 Adição e omissão de elementos no texto de chegada, 72
 - 4.3 Pontuação, 75
 - 4.4 Lapsos no texto de partida, 76

Conclusão, 79

Referências bibliográficas, 83

Anexo (tradução), 86

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo o comentário da tradução efetuada ao longo do Trabalho de Projeto integrado no Mestrado em Tradução da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. O trabalho foi desenvolvido em duas fases.

Numa primeira fase, procedemos à tradução integral (63 páginas) da obra *Nostalgias Pretéritas* (2016), do autor espanhol Mario Garrido Espinosa, Engenheiro Técnico em Informática de Sistemas na Universidad Politécnica de Madrid, que publicou algumas obras cheias de humor e relatos biográficos. Na obra traduzida, o autor apresenta uma coleção de lembranças da sua própria infância e juventude, de forma que todos os leitores se identifiquem (uns mais e outros menos, dependendo também da geração) e experimentem as mesmas sensações que o autor.

Numa segunda fase, procedemos à elaboração de um relatório de tradução que aborda as questões mais proeminentes surgidas durante o processo de tradução da referida obra.

O relatório estrutura-se em dois capítulos.

O Capítulo I, intitulado “Questões iniciais”, reúne três pontos. No primeiro ponto, “Caraterização do autor”, é apresentado o autor. Segue uma introdução do texto no ponto “Caraterização da obra”, onde analisámos o tipo de texto e a linguagem usada. No último ponto “O papel do tradutor”, está presente uma reflexão sobre a função do tradutor e uma breve explicação das escolhas linguísticas tomadas ao longo do processo de tradução.

No capítulo II, intitulado “Análise de questões de tradução”, refletimos sobre algumas questões, problemas e dificuldades de tradução que foram surgindo ao longo do trabalho desenvolvido e sobre as estratégias utilizadas para a resolução dos mesmos. O capítulo divide-se em quatro partes: aspetos lexicais, aspetos sintáticos, aspetos culturais e outras questões relevantes para a tradução. A primeira parte do Capítulo II, referente aos aspetos lexicais, onde falámos sobre nível linguístico, combinatórias lexicais, estrangeirismos e neologismos e jogos de palavras. Na segunda parte do Capítulo II, relativa aos aspetos sintáticos, abordamos fenómenos como: a propriedade de seleção categorial dos predicados verbais e a posição dos pronomes em espanhol e em português, as expressões com possessivos, abundantes na língua espanhola, o uso das formas ativas e passivas e as simplificações sintáticas. Na terceira parte do Capítulo II, tratamos da tradução dos aspetos culturais através de várias técnicas e do uso do itálico para assinalar a presença de estrangeirismos. Para terminar, na quarta e última parte do Capítulo II tratámos todas aquelas

questões relevantes para o presente trabalho de projeto mas que não foi possível integrar nas secções anteriores, como os aspetos culturais secundários, a adição e omissão de elementos no texto de chegada, a pontuação e os lapsos no texto de partida.

Por último, apresentamos, em Anexo, a tradução integral da obra trabalhada, desenvolvida ao longo da primeira fase deste Trabalho de Projeto.

Em geral, tanto a tradução do texto *Nostalgias pretéritas* como a criação do relatório de análise do trabalho, resultaram muito desafiantes e interessantes, dado que me permitiram de enfrentar todas as questões, sobretudo linguísticas e culturais, que estão ligadas a qualquer trabalho de tradução. Foi necessário refletir sobre vários aspetos e todas as dificuldades encontradas foram necessárias para a minha formação como tradutora. O trabalho desenvolvido é também relevante por ser a primeira tradução para o português de um autor contemporâneo espanhol que tem como objetivo a expansão das próprias obras para a cultura portuguesa.

CAPÍTULO I

QUESTÕES INICIAIS

1 - CARACTERIZAÇÃO DO AUTOR

Mario Garrido Espinosa, autor do livro *Nostalgias pretéritas*, nasceu em Madrid em 1972. Apesar de ser Engenheiro Técnico em Informática de Sistemas na *Universidad Politécnica de Madrid*, a real afeição dele é a literatura.

Mario Garrido Espinosa é um autor contemporâneo que tem predileção pelos contos breves e os relatos da sua própria infância. Um exemplo de coleção de contos breves é *Feliz Navidad...o no* e a obra *Los viajes del cambio de siglo*, onde se recolhem vários relatos de viagem. O autor teve um grande êxito nas Redes Sociais, onde publicou o conto *Amor de consultor informático* (publicado na revista literária *Almiar* a 18/08/2016) e a série *Nostalgias Pretéritas*. As obras mais ambiciosas dele, até agora, são a novela de aventuras *El Reino de los Malditos*, publicada pela *Editorial Leibros*, e a novela contemporânea sobre o mundo da informática *Las sinergias de Marcio*.

Espinosa escreve de forma simples e clara, prefere a linguagem informal e faz um grande uso de metáforas e outros recursos linguísticos que torna a leitura das suas obras leve e agradável.

2 - CARACTERIZAÇÃO DA OBRA *Nostalgias Pretéritas*

O livro *Nostalgias Pretéritas* é uma representação detalhada e cativante da infância no fim dos anos Setenta e no princípio dos anos Oitenta do século passado. Mario Garrido Espinosa recolhe de maneira ordenada algumas das lembranças que ele mesmo guarda com carinho e que teve a vontade de compartilhar tanto com os coetâneos como com os mais jovens. A intenção de envolver também o público português deriva da semelhança existente entre as culturas espanhola e portuguesa.

A tipologia textual que prevalece é a narração, uma vez que o autor pretende pôr por escrito as lembranças dos seus anos de criança; mas também aparecem vários fragmentos

descritivos e alguns diálogos, que ajudaram Espinosa na tentativa de enriquecer o relato de detalhes e pormenores que contribuem para a veracidade do mesmo.

O estilo e o nível linguístico informal predominam o texto, tanto na prosa como nos diálogos. Estão presentes expressões coloquiais e inclusive algumas impropriedades, como podemos ver no exemplo abaixo extraído do capítulo Basquete Feminino (1).

(1)

a) —¡**Hijo de puta!** —gritó indignada una mujer utilizando una elocución más generalista, fuera del ámbito baloncestístico.

(Página 55, linha 41)

b) —**Filho da mãe!** —gritou indignada uma mulher utilizando uma elocução mais generalista, fora do âmbito do basquete.

(Página x, linha x)

Todavía, é possível apreciar também o uso de termos e estruturas típicas da linguagem formal e culta. Além disso, o texto é rico de expressões idiomáticas que reflectem o carácter realístico do conto.

(2)

a) Recuerdo que cuando llegaba del colegio siempre me esperaba una tarjeta postal de mis abuelos. Como vivían en Alicante, era su forma de felicitarme. La tarjeta tenía un dibujo de la época con niños sonrientes y cabezudos, preferiblemente rubios como yo, soplando tartas o rodeados de juguetes. Eran dibujos muy bonitos que, vistos ahora, tienen un **sabor a antiguo entrañable**.

(Página 12, linha 31)

b) Lembro-me que quando chegava da escola esperava-me sempre um postal dos meus avós. Como viviam em Alicante,

era o jeito deles de parabenizar-me. O postal tinha um desenho da época com crianças sorridentes e cabeçudas, preferivelmente louras como eu, a soprar as velas dos bolos e rodeados de brinquedos. Eram desenhos muito bonitos que, vistos agora, têm **um sabor a antigo entranhável**.

(Página x, linha x)

No capítulo Feliz Aniversário (2) podemos ver claramente como o autor, mesmo utilizando um registo informal e coloquial, não perde de vista as características típicas do texto escrito. De facto, deparamo-nos no fragmento acima indicado, na expressão “sabor a antigo entranhável”, onde “entranhável” significa “Íntimo, profundo, arraigado.” segundo o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013. Não é necessário sublinhar que o uso de tal termo é próprio de uma linguagem culta e poética, de forma a transmitir o valor intrínseco que estes postais tinham para o protagonista do relato, que corresponde ao mesmo autor.

(3)

a) **Algunas tardes**, cuando era un niño, acudíamos a visitar a la abuela María. **Primero**, mi madre y yo, íbamos a buscar a su mejor amiga, Loli, ya que su casa pillaba de camino. **Tras** avisarla por el portero automático, bajaba junto a su hija, Eva, que era de mi misma edad más o menos, y los cuatro dábamos un paseo hasta la casa de la abuela.

(Página 4, linha 3)

b) **Em algumas tardes**, quando eu era criança, costumávamos ir visitar a avó Maria. **Primeiro**, a minha mãe e eu, íamos buscar a melhor amiga dela, a Loli, dado que a casa dela ficava a caminho. **Depois** de a avisar através do intercomunicador, descia junto com a filha dela, a Eva, que tinha mais ou menos a minha idade, e os quatro dávamos um passeio até à casa da avó.

(Página 4, linha 3)

Na parte inicial do capítulo A avozinha temos um exemplo (3) claro de narração, evidenciada pela utilização das expressões temporais típicas do relato de uma determinada situação. Podemos ver como o autor conta de forma detalhada e cronológica os acontecimentos que regularmente terminavam na chegada à casa da avó protagonista desta história.

O protagonista desta obra é o pequeno Mario, que reproduz de maneira precisa os pensamentos dele em cada situação contemplada nesta obra. Outras personagens que aparecem frequentemente são os pais do protagonista, assim como outros familiares e os amigos de família Loli e Antonio, com as duas filhas da mesma idade do Mario.

A maioria das histórias contadas tem lugar no bairro de *San Ignacio*, na periferia da cidade de Madrid, capital da Espanha, onde o autor protagonista nasceu e cresceu; porém a localização varia segundo a aventura contada nos diferentes capítulos.

Não existe uma ordem cronológica ao longo do livro, mas a obra está dividida em três partes principais: as histórias que pertencem à vida no bairro, as aventuras de verão e as experiências escolares. Esta subdivisão permite ao leitor de aproveitar dos relatos de forma organizada.

Em geral esta obra proporciona uma leitura relaxante, rápida e (claramente) ligeiramente nostálgica.

3 - O PAPEL DO TRADUTOR

Desde sempre, o papel do tradutor contém dentro de si várias controvérsias. A intervenção dele tem que ser “invisível” mas ao mesmo tempo tem a responsabilidade e o dever de produzir um texto preciso e totalmente correto e coerente na língua de chegada, mesmo que isso signifique intervir na estrutura dos períodos e substituir algumas expressões linguísticas do texto de partida para que estas resultem claras ao leitor final. Para definir o rol do tradutor é interessante considerar o pensamento do escritor italiano Gesualdo Bufalino: «Il traduttore è con evidenza l’unico autentico lettore di un testo. Certo più d’ogni critico, forse più dello stesso autore. Poiché d’un testo il critico è solamente il corteggiatore volante,

l'autore il padre e marito, mentre il traduttore è l'amante.» (“Il malpensante”, 1987 – tradução para o português de Agnese Rizzo: «O tradutor é com evidência o único autêntico leitor de um texto. Certamente mais de qualquer crítico, talvez mais do que o mesmo autor. Dado que para um texto o crítico é somente o cortejador voador, o autor o pai e marido, enquanto o tradutor é o amante.»).

Para poder desempenhar a própria função da forma mais adequada, o tradutor deve ser, em primeiro lugar, um leitor, devendo, por isso, compreender o que lê e duvidar de tudo aquilo que não compreende: «esta é a primeira obrigação de todo o tradutor: ser um leitor inteligente, interessado, curioso, crítico» (Herbulot 1997:105). Terminado o seu papel de leitor, tem de assumir outro: o de autor, transformando-se de destinatário em emissor, tendo, por sua vez, de transmitir informações a outros leitores, devendo fazê-lo de forma a que o destinatário final desempenhe as suas faculdades de leitor com inteligência.

Para poder entender plenamente esta afirmação, é necessário considerar a tradução não simplesmente como um produto final mas como um processo complexo onde o tradutor enfrenta um duro trabalho de pesquisa e de decisões de tradução, que o levam a utilizar determinadas estratégias em detrimento de outras. Assim, a tradução deveria ser vista como resultado de escolhas motivadas por parte do tradutor (Hatim & Mason, 1990:4).

No caso específico do processo de tradução apresentado neste Trabalho de Projeto, é preciso ter também em consideração que a tradutora não é nativa nem da língua de partida nem da língua de chegada, facto este que a levou a seguir, no texto de chegada, um estilo muito próximo ao do texto original. Esta decisão foi proporcionada também pela semelhança, tanto lexical como sintática, entre as línguas espanhola (no texto de partida) e portuguesa (no texto de chegada). Coincidentemente, esta mesma característica jogou, por vezes, um papel enganador, dado que resultou mais complicado distinguir entre as situações onde a mensagem transmitida era essencialmente idêntica através de uma tradução literal e aquelas onde a mesma produzia efeitos diferentes, ambíguos ou inclusive opostos.

Considerando, ainda, a natureza do relato, a tradutora viu-se inúmeras vezes na condição de ter que utilizar determinadas estratégias e técnicas de tradução com o objetivo de não perder nenhuma das referências culturais presentes no original e que existem, na maioria, em ambas as culturas. Podemos dizer que foi exatamente este último fator o maior desafio que teve que enfrentar a tradutora. A este propósito, é de referir que a tradutora teve a oportunidade de comunicar com o autor do texto de partida – Mario Garrida Espinosa – o qual lhe esclareceu algumas dúvidas e se mostrou completamente disponível para que ela

pudesse transferir quase todos os elementos culturais para o texto de chegada e manter o foco naquele que, no fundo, era o objetivo principal do texto original.

Em conclusão, podemos afirmar que o tradutor é, antes de mais, um mediador entre duas partes para as quais a comunicação mútua seria, de outra forma, problemática. A defesa desta afirmação gostaríamos de concluir esta seção com as primeiras palavras do discurso que o filólogo e tradutor espanhol Valentín García Yebra pronunciou quando foi eleito membro da Real Academia Española.

La traducción ha sido desde hace milenios uno de los procedimientos más importantes, acaso el más importante, para la propagación de la cultura, para la creación y el desarrollo de nuevas literaturas y para el enriquecimiento de las lenguas utilizadas para traducir. (García Yebra, “Traducción y enriquecimiento de la lengua del traductor”, 1985)

CAPÍTULO II

ANÁLISE DE QUESTÕES DE TRADUÇÃO

Neste capítulo, apresentámos e analisámos fragmentos da tradução da obra *Nostalgias Pretéritas* que ilustram questões de tradução relevantes para o presente Trabalho de Projeto.

O capítulo divide-se em três partes: a primeira prende-se com aspetos lexicais, a segunda com aspetos sintáticos e a terceira com aspetos culturais.

Entre os aspetos lexicais iremos analisar principalmente o fator do nível linguístico, as combinatórias lexicais e a forma de traduzí-las nas duas línguas, a presença de estrangeirismos e de neologismos e jogos de palavras.

Por aspetos sintáticos entendemos a propriedade de seleção categorial dos predicados verbais, a posição dos pronomes, as expressões com possessivos, o uso das formas ativas e passivas e as simplificações sintáticas.

Na terceira parte, tratámos da tradução dos aspetos culturais através de várias técnicas e do uso do itálico para assinalar a presença de estrangeirismos.

Para terminar, na quarta e última parte do Capítulo II tratámos todas aquelas questões relevantes para o presente trabalho de projeto mas que não foi possível integrar nas secções anteriores, como os aspetos culturais secundários, a adição e omissão de elementos no texto de chegada, a pontuação e os lapsos no texto de partida.

1 - ASPETOS LEXICAIS

Nesta seção iremos analisar todas as questões inerentes ao léxico que supuseram um trabalho de pesquisa ao longo do processo de tradução.

O léxico pode ser considerado o conjunto das unidades significativas de uma dada língua, num determinado momento da sua história. Em sentido lato, é sinónimo de vocabulário. Alguns linguistas relacionam o par “léxico/vocabulário” com as oposições preconizadas por Saussure entre “langue/parole”. As unidades virtuais do léxico, actualizar-se-iam no discurso. As unidades do léxico são os lexemas, por oposição às unidades da gramática, os gramemas ou morfemas gramaticais. Também podem ser designadas por monemas lexicais (o termo “monema” remonta a Frey e foi divulgado por Martinet, Escola

Funcionalista) ou morfemas lexicais (Bloomfield, Escola Americana). Os monemas lexicais têm um conteúdo semântico que aponta para relações extra-linguísticas, por oposição aos morfemas gramaticais, cujo conteúdo semântico é intra-linguístico, ou seja, aponta para relações do foro gramatical. Por exemplo, *mar* é um lexema, e o chamado “género”, neste caso masculino, é um morfema gramatical. O “mesmo” lexema *mar* em francês, selecciona o “género feminino”, por isso dizemos que o conteúdo semântico dos morfemas gramaticais é intra-linguístico. Fala-se de estrutura lexical ou sistema lexical, para se referir o modo como as unidades do léxico de uma dada língua se organizam. O léxico é o objecto de estudo da lexicologia. Diz-se comumente que as unidades lexicais constituem sistemas abertos (ou inventários ilimitados), ao passo que as unidades gramaticais constituem sistemas fechados. Nesta acepção, léxico opõe-se a gramática, dado que o léxico é um sistema aberto e a gramática um sistema fechado. Não obstante, as fronteiras entre estes dois domínios linguísticos nem sempre são facilmente identificáveis, começando as dificuldades na própria inventariação das unidades de cada sistema. Podemos identificar transferências de um campo a outro. Sublinhe-se também que o léxico não é um sistema homogéneo, e será mais legítimo falar de vários subsistemas do léxico, dado que no léxico coexistem palavras do quotidiano, da escrita, da oralidade, neologismos, arcaísmos, estrangeirismos, vocabulários técnicos, vocabulários regionais, sociais, etc.

Os léxicos de línguas diferentes não são meras listas de palavras que possamos relacionar biunivocamente de uma língua a outra. Uma mesma realidade extra-linguística (o referente) pode ser “traduzida” de modo muito diferente por duas línguas geneticamente aparentadas. Considerando línguas da família indo-europeia, de origem latina como o português ou o espanhol, vemos que há diferenças importantes ao nível da estrutura lexical. Em português, temos os verbos *almoçar*, *lanchar*, *jantar* e *cear*, para referir várias refeições que se tomam ao longo do dia. Não temos, porém, um verbo para referir a primeira refeição do dia e somos “obrigados” a usar um grupo de palavras como “tomar o pequeno almoço”. No espanhol, contrariamente, existe um verbo específico para referir a acção de tomar o pequeno almoço: *desayunar*. Os exemplos poder-se-iam multiplicar *ad infinitum*, mas o nosso propósito é simplesmente sublinhar o carácter convencional dos lexemas e estruturas lexicais, e ainda o seu diferente valor de língua para língua dado que as unidades estabelecem relações opositivas e contrastivas (ou se preferirmos, relações paradigmáticas e sintagmáticas) diferentes de sistema para sistema e isso determina, ou condiciona o seu valor. Na gramática gerativa (ou generativa), o léxico tem um lugar de destaque, pois abrange a componente que

contém todas as propriedades estruturais dos itens lexicais, isto é, a especificação morfofonológica, os traços sintáticos, categoriais e contextuais.

Nesta seção focar-nos-emos sobre os fenômenos de nível linguístico, combinatórias lexicais, estrangeirismos e neologismos e jogos de palavras.

Em geral o léxico utilizado é um léxico comum e apresenta só alguns exemplos de léxico especializado, em especial relativos ao basquete e ao judo.

1.1 Nível linguístico

O nível linguístico de um texto é determinado pelo tipo de linguagem que prevalece nele.

A linguagem formal e informal são variações da língua portuguesa e possuem o objetivo de comunicar. Entretanto, são usadas em contextos distintos. Assim sendo, é importante saber a diferença entre a linguagem formal e informal para fazer o uso de forma correta. Ao falarmos com os amigos e familiares, por exemplo, usamos a linguagem informal. No entanto, ao participar de uma reunião no trabalho, de uma entrevista de emprego ou para escrever um texto, devemos usar a linguagem formal. A linguagem formal e informal são variações linguísticas utilizadas em diferentes contextos. A linguagem formal é usada em situações que requerem formalidade e se vê caracterizada pelo uso da norma culta. Essa linguagem é usada em momentos profissionais, acadêmicos ou quando não existe familiaridade entre os interlocutores, isto é, em momentos que requerem mais respeitabilidade. Na linguagem formal é utilizada a norma culta, respeitando rigorosamente as normas gramaticais; é feita a utilização de um vocabulário extenso; e a pronúncia das palavras é feita de forma correta e clara. A linguagem formal é muito usada em discursos políticos, entrevistas de empregos, palestras, concursos públicos e documentos oficiais. Além disso, usamos essa linguagem quando falamos com superiores, autoridades ou públicos. Nessas ocasiões o uso das normas gramaticais deve ser feito de forma correta. A linguagem informal é usada em momentos em que pode haver mais descontração, quando existe uma relação de intimidade entre os interlocutores. Nela, não é preciso usar a norma culta, dado que é frequente o uso de gírias e coloquialismos. Na linguagem informal não há a preocupação com o uso de normas gramaticais, é muito comum o uso da linguagem coloquial, expressões populares, gíria e neologismo. Palavras abreviadas são frequentes nesse tipo de linguagem. A

linguagem informal sofre variações de acordo com a cultura e região em que é falada. É usada em conversas do cotidiano, aplicativos de mensagens, internet. Normalmente, é empregue em diálogos entre amigos e familiares. A linguagem usada nesses contextos é a coloquial, que não segue as normas da gramática. A linguagem formal e informal apresenta grandes diferenças. A linguagem formal, também é classificada como linguagem “cultura”, já a linguagem informal pode ser classificada de coloquial. A linguagem formal segue as normas gramaticais na pronúncia e na escrita, enquanto a linguagem informal é despreocupada com as regras da gramática. Na escrita, podemos cometer grandes equívocos entre a linguagem formal e informal. Por isso, quem não domina a linguagem formal e informal pode apresentar grandes dificuldades na hora de produzir um texto. Quem não tem o conhecimento dessa variação linguística pode ter problemas para se distanciar da linguagem mais espontânea e coloquial. Para não cometer erros, é preciso ficar atento ao uso da linguagem formal e informal.

Em geral, podemos dizer que a diferença da linguagem formal e informal está no contexto em que elas são utilizadas e na escolha das palavras e expressões usadas para comunicar. A linguagem formal está ligada ao uso das normas gramaticais, enquanto a linguagem informal é mais livre, sendo mais utilizada em situações cotidianas.

Contudo, à afirmação em cima deveríamos acrescentar que, quando o autor opta por utilizar um nível linguístico informal dentro de um texto narrativo (como é o caso do texto de partida que estamos a analisar), juntam-se e misturam-se, de certa forma, as características da linguagem formal com aquelas da linguagem informal.

De facto, o estilo do escritor compreende aspetos típicos da linguagem formal quais a utilização da norma culta, o respeito rigoroso das normas gramaticais e a utilização de um vocabulário extenso, assim como traços próprios da linguagem informal como a utilização de coloquialismos, expressões populares, gírias, palavras inventadas (neologismos).

A maioria destes temas será tratada a seguir de forma mais aprofundada, porém no exemplo a seguir poderemos ver com clareza o elemento principal do relato em análise: a veracidade.

(4)

- a) Había un instante de felicidad absoluta durante el año: cuando empezaban las vacaciones de verano.

—¡Qué bien! —me decía mi madre—. Ahora a disfrutar y a hacer el vago durante tres meses...

—Sí, es genial, pero no son tres meses —matizaba, ya que aunque era un niño de siete u ocho años, no sacaba sobresalientes en matemáticas por casualidad—. Son dos meses y pico, ojo...

—Bueno, prácticamente tres meses...

—No —negaba casi ofendido—. Si empezamos el 20 de junio y volvemos el 12 de septiembre, no son tres meses ni mucho menos...

—Casi.

—¡Que no!

—Mira que eres cabezota... ¿A quién habrás salido?

—¡Que no son tres meses! ¡Y no soy cabezota! —exclamaba cabezota, pues ya sabía a estas alturas que los cálculos matemáticos sencillos no deben cuestionarse. Son lo que son y, además, son exactos. Si contamos y salen 84 días, pues no son tres meses. Nos pongamos como nos pongamos.

(Página 44, linha 38)

b) Havia um instante de felicidade absoluta durante o ano: quando começavam as férias de verão.

—Que bom! —dizia a minha mãe—. Agora é aproveitar e fazer de preguiçoso durante três meses...

—Sim, é brutal, mas não são três meses —precisava eu, dado que apesar de ser uma criança de sete ou oito anos, não tirava dez nas matemáticas por casualidade-. São dois meses e pico, atenção...

—Bom, basicamente três meses...

—Não —negava quase ofendido—. Se começamos a 20 de junho e voltamos a 12 de setembro, não são três meses, nem por sombras...

—Quase.

—Não!

—Olha que teimoso...A quem é que terá saído?

—Não são três meses! E não sou teimoso! —exclamava teimoso, pois já sabia nestas alturas que os cálculos matemáticos simples não se devem questionar. São o que são e, ainda por cima, são exatos. Se contamos e saem 84 dias, pois não são três meses. Seja como for que os ponhamos.

(Página x, linha x)

Como podemos ver, neste fragmento (4, do capítulo Volta para o colégio!) é evidente como a linguagem coloquial é reproduzida no relato. O autor declara que o estilo usado, foi a maneira que ele achou mais eficaz para reproduzir as lembranças de uma criança.

1.2 Combinatórias lexicais

O conhecimento do léxico de uma língua implica não só o conhecimento das palavras que a integram, mas também o conhecimento de expressões mais complexas, correspondentes àquilo que vários autores denominam por “combinatórias lexicais”.

Relativamente às suas características, as combinatórias lexicais são combinações de palavras que existem na língua isoladamente, mas cuja coocorrência é de uso recorrente, apresentam um carácter (mais ou menos) fixo e estável e podem estar associadas a um significado específico. Compreende-se, a partir destas características, a razão pela qual alguns autores utilizam a designação “combinações repetidas”, de forma a diferenciá-las das combinações livres de palavras.

As combinatórias lexicais podem ser de vários tipos, e por isso alguns autores usam o termo fraseologia (ou unidade fraseológica) como um hiperónimo que engloba todo o tipo de combinatórias. No entanto, outros estabelecem uma distinção entre fraseologias, colocações e expressões idiomáticas, tendo por base o grau de fixidez das expressões.

Dado que o objetivo desta análise é observar como o tradutor atua diante de conjuntos de palavras que têm um significado específico quando são utilizadas como uma expressão única, continuaremos a referir-nos a elas como “combinatórias lexicais”.

O primeiro passo do tradutor é reconhecer e entender a combinatória lexical no texto de partida, depois é necessário verificar a existência de uma expressão que tenha o mesmo significado no texto de chegada. Se não houver uma correspondência então é preciso reproduzir a combinatória lexical através de uma paráfrase.

Seguem alguns exemplos onde é evidente a existência de combinações linguísticas correspondentes nas duas línguas:

(5) **Gato por liebre - Gato por lebre**

a) La mercera revisaba primero los tebeos que traíamos. Cuando uno no le gustaba, por viejo, repetido o por ser de una colección que no reconocía, lo apartaba con desprecio, como si le hubiéramos intentado colar “**gato por liebre**”. A la vez los iba separando por número de hojas. Para ella, no era lo mismo un Súper López de la colección “Olé!” que un “Mortadelo Especial”, por ejemplo.

(Página 5, linha 41)

b) A retroseira revistava primeiro as bandas desenhadas que trazíamos. Quando não gostava de uma delas, por ser velha, repetida ou por ser de uma coleção que não reconhecia, apartava-a com desprezo, como se tivéssemos tentado trocar “**gato por lebre**”. Ao mesmo tempo separava-as por número de folhas. Para ela, não era a mesma coisa um Super López da coleção “Olé!” do que um “Mortadelo especial”, por exemplo.

(Página x, linha x)

No extracto apresentado (5) está presente a expressão “gato por lebre” que tem exactamente a mesma conotação tanto em espanhol como em português, ou seja indica o ato de trocar algo bom por algo de menor qualidade.

(6) No era nada mío – Não me era nada

a) Dicho de otro modo, familiarmente hablando, **no era nada mío**, pero, si tengo algún recuerdo de infancia donde aparezca una abuela, ese es para esta señora pequeñita, encogida, toda vestida de negro, poco habladora y de rostro infinitamente bondadoso.

(Página 5, linha 41)

b) Dito de outra maneira, familiarmente falando, **não me era nada**, mas, se tenho alguma lembrança de infância onde apareça uma avó, essa é para esta senhora pequenina, encolhida, toda vestida de preto, pouco faladora e com um rosto infinitamente bondoso.

(Página x, linha x)

No capítulo A avozinha o protagonista utiliza uma expressão de posse para referir-se a avó da amiga dele. De facto, para indicar a falta de parentalidade entre ele e a avó protagonista deste relato, em espanhol o autor utiliza a expressão “no era nada mío” e em português o mesmo conceito foi reproduzido através da expressão “não me era nada”, a significar que a pessoa em questão não fazia parte da família do narrador.

(7) Qué le vamos a hacer – O que havemos de fazer?

a) Supongo que el espectador que le tocara a nuestro lado, sería víctima de tanta actividad y no podría disfrutar mucho de la proyección. **¿Qué le vamos a hacer?**

(Página 7, linha 23)

b) Imagino que o espetador que calhava ao nosso lado era vítima de tanta atividade e não podia aproveitar muito da projeção. **O que havemos de fazer?**

(Página x, linha x)

Neste exemplo (7) extraído do capítulo Cinema de bairro podemos ver a pergunta retórica “¿Qué le vamos a hacer?” no texto de partida, traduzida por “O que havemos de fazer?” no texto de chegada, que indica de certa forma indiferença e resignação.

(8) Corría el año – Corria o ano

- a) **Corría el año** 1978 y mi abuelo Primitivo me cogió una tarde y me montó en el autobús 39.

(Página 8, linha 7)

- b) **Corria o ano** de 1978 e o meu avô Primitivo foi-me buscar numa tarde e pôs-me no autocarro 39.

(Página x, linha x)

No capítulo Cinema de bairro é interessante notar como o autor utiliza o verbo “correr” dentro da expressão “corría el año” (8) para indicar o movimento, o passar do tempo. Tal combinatória linguística existe também na língua portuguesa e tem exactamente o mesmo significado alegórico. Como podemos ver, a única diferença entre espanhol e português para construção da combinatória linguística em questão é a necessidade, na língua de chegada, de acompanhar o substantivo “ano” com a preposição “de” antes de indicar de qual ano se trata.

(9) Puesta en escena – Posta em cena

- a) Después, esperamos por turnos para entrar al despacho del cura. De uno en uno. No sabíamos qué era aquella **puesta en escena** y preguntábamos a los que iban saliendo.

(Página 14, linha 20)

- b) Depois, esperámos em turnos para entrar no escritório. Um de cada vez. Não sabíamos o que era aquela **posta em cena** e perguntávamos aos que saiam.

(Página 14, linha 20)

No fragmento acima apresentado (8) e extraído do capítulo O terceiro grau antes do Segundo Sacramento é presente a locução nominal “posta em cena” que, exactamente como no correspondente “puesta en escena” na língua de partida, serve para indicar uma situação desnecessariamente exagerada ao ponto de parecer teatral.

(9) **Sonrisa de oreja a oreja – Sorriso de orelha a orelha**

- a) Pero aunque no eran tres meses, insisto, sí que eran muchos días y el vértigo de tener tanto tiempo libre, unido al calorcillo que empezaba a sentirse, el cual auguraba mil actividades divertidas asociadas al verano, hacían que se me pusiera una **sonrisa de oreja a oreja** durante días.
(Página 45, linha 4)

- b) Mas apesar de que não fossem três meses, insisto, é verdade que eram muitos dias e a vertigem de ter tanto tempo livre, junto com o calorzinho que começávamos a sentir, o qual pressagiava mil atividades divertidas associadas ao verão, provocavam no meu rosto um **sorriso de orelha a orelha** durante dias.
(Página x, linha x)

Para concluir, analisemos a expressão “sorriso de orelha a orelha” (9) presente no capítulo “Volta para o colégio”, muito comum e usada também em castelhano. Encontramo-nos novamente diante de uma locução nominal que se serve da hipérbole para indicar o tamanho da felicidade que pode invadir uma pessoa capaz de ter um sorriso que vai de uma orelha a outra.

Graças aos exemplos acima referidos, podemos apreciar como a proximidade cultural e a origem românica dos idiomas espanhol e português jogam um papel muito importante na possibilidade de traduzir de uma língua para a outra mantendo a autenticidade do texto de partida.

1.3 Estrangeirismos

É noto que nos últimos decénios, graças sobretudo à globalização, à Internet e aos meios de comunicação, o léxico de muitas línguas viu-se acrescentado por vários estrangeirismos, ou seja palavras de outros idiomas que começaram a fazer parte do léxico comum.

O estrangeirismo é o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma tomadas por empréstimos de outra língua. Vocábulos oriundos de outras línguas são incorporados por meio de um processo natural de assimilação de cultura ou ainda por conta da proximidade geográfica com regiões cujos idiomas oficiais sejam outros. Desta forma, podemos dizer que o estrangeirismo é um fenómeno linguístico orgânico, isto é, ele acontece de maneira espontânea e, quando menos percebemos, estamos a utilizar empréstimos linguísticos para nos referir a objetos e ideias. Alguns estudiosos, sobretudo os tradicionalistas, veem o estrangeirismo como uma ameaça à língua portuguesa. Contudo, é preciso ter cautela antes de afirmarmos que os empréstimos linguísticos causam prejuízos ao idioma oficial de um país. O estrangeirismo é um fenómeno social e as interações sociais, econômicas, culturais e políticas refletem de maneira considerável os comportamentos linguísticos, portanto, conclui-se que, diante da tradição duma língua, o estrangeirismo é apenas uma “nuvem passageira”. Há casos onde a palavra estrangeira manteve a sua forma original e outros onde se produziu uma adaptação ortográfica à língua de chegada.

A maioria dos estrangeirismos presentes na tradução em análise encontra-se em espanhol mas este tema será tratado posteriormente no capítulo referente às referências culturais. Porém, existem no texto alguns casos onde a palavra estrangeira vem de outro idioma diferente do espanhol, em especial do inglês, do catalão valenciano e do japonês. Em seguida analisaremos as ditas situações:

(10)

- a) Los juegos para ordenador presentaban una resolución tan pequeña que, para la cara del muñeco protagonista, el diseñador tenía que valerse sólo de unos pocos **píxeles**; a

veces una cuadrícula de 4x4 era un lujo de resolución para intentar reflejar la cara de un ser humano.

(Página 15, linha 10)

- b) Os jogos para computador apresentavam uma resolução tão pequena que, para a cara do boneco protagonista, o desenhador tinha que se conformar com uns poucos **píxeis**; às vezes uma quadrícula de 4x4 era um luxo de resolução para tentar reproduzir a cara de um ser humano.

(Página x, linha x)

(11)

- a) Pero este material pronto se quedó pequeño y hubo que ingeniárselas para conseguir nuevos retos de tipo **arcade**, ajustando el gasto a la economía de guerra propia de un adolescente del momento.

(Página 15, linha 16)

- b) Mas este material em breve ficou curto e teve que desenrascar-se para conseguir novos desafios de tipo **arcade**, ajustando o gasto à economia da guerra própria de um adolescente do momento.

(Página 15, linha 16)

Ambos os exemplos (10, 11) acima referidos fazem parte do capítulo Troca de jogos e contêm os termos ingleses “pixel” e “arcade”, próprios do âmbito tecnológico. Especificamente, a palavra “pixel” indica, segundo o dicionário *Collins* online, “*the smallest area on a computer screen which can be given a separate colour by the computer*” e é possível notar que, tanto em espanhol como em português, o termo existe oficialmente com uma adaptação ortográfica: “píxeles” em espanhol e “píxeis” em português; quanto ao termo inglês “arcade”, sempre segundo a definição do dicionário *Collins* online, indica “*An arcade*

game is a computer game of the type that is often played in amusement arcades” e mantem nas duas línguas a forma original. É inclusive necessário, pelo que diz respeito ao português, não confundir com a palavra portuguesa “árcade” que segundo o dicionário Priberam significa: “1. Natural ou habitante da Arcádia, região da Grécia. 2. [Literatura] Sócio de uma arcádia. 3. Relativo ou pertencente à Arcádia. = ARCÁDICO, ARCÁDIO 4. Designativo do estilo, da maneira literária dos membros das arcádias” e deriva do latim.

(12)

a) —Mama, ¿hoy vamos a comer pollo **a l'ast**? —preguntaba esperanzado, utilizando la única palabra en valenciano que me sabía y me sé.

(Página 23, linha 13)

b) —Mamã, hoje vamos comer frango **a l'ast**? —perguntava esperançoso, utilizando a única palavra em valenciano que sabia e sei.

(Página x, linha x)

Neste exemplo (12), procedente do capítulo Veraneios em Oropesa II. A praia., o próprio autor afirma que escolheu utilizar a expressão da língua valenciana (considerada uma variante dialectal do catalão) “a l’ast” para indicar o frango assado no espeto.

(13)

a) El profesor extendía las colchonetas que formaban parte del equipamiento del gimnasio, para así hacer un **tatami** que ocupaba casi toda la superficie.

(Página 50, linha 33)

b) O professor estendia os colchões que faziam parte do equipamento do ginásio, para assim fazer um **tatâmi** que

ocupava quase toda a superfície.

(Página x, linha x)

No exemplo acima (13), seleccionados no capítulo Judo, aparece o termo japonês “tatami” que, tanto na língua espanhola como portuguesa, aparece com uma definição no dicionário: espanhol: “Tatami (s.m.) Tapiz acolchado sobre el que se practica yudo, kárate u otros deportes.” (Diccionario Clave online); português: “Tatâmi: Superfície destinada à prática de alguns desportos de combate, como o judo.” (Dicionário Priberam online).

Nestes exemplos (10, 11, 12, 13) é possível ver as três formas como os estrangeirismos podem aparecer dentro de um texto, nomeadamente com a própria forma original, adaptados à língua de chegada ou completamente integrados dentro dela.

1.3 Neologismos e jogos de palavras

Outros desafios consideráveis ao longo da tradução em análise foram as traduções dos neologismos e dos jogos de palavras presentes no texto original.

O Neologismo é um fenómeno linguístico que consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente. É uma nova palavra criada na língua, e geralmente surge quando o indivíduo quer se expressar, mas não encontra a palavra ideal. Como o falante nativo tem total domínio dos processos de formação de palavras, pois tem a língua internalizada, para ele é fácil criar uma nova palavra sem nem mesmo se dar conta de que está utilizando um dos processos existentes na língua como a prefixação, a sufixação, a aglutinação ou a justaposição. Existem várias formas de classificar os neologismos de acordo com diferentes estudiosos da área, eis aqui algumas delas: neologismo semântico: a palavra já existe, mas ganha uma nova conotação, um novo significado; neologismo lexical: é criada uma palavra nova, com um novo conceito; neologismo sintático: são resultados da organização de um novo vocábulo. Supõem a combinatória de elementos já existentes na língua como a derivação ou a composição.

A tradução deste tipo de palavras resulta ser, por vezes, bastante problemática mas, como veremos nos exemplos a seguir, a coincidente derivação das línguas em questão torna a tarefa mais fácil.

(14)

- a) —Pero si no te va a doler. Yo, cuando pongo inyecciones lo hago sin aguja. Mira —te explicaba con convicción y, por si no te lo creías, te enseñaba la jeringuilla “**desagujada**”.

(Página 10, linha 22)

- b) —Tranquilo, não vai doer. Eu, quando faço as injeções, faço-as sem agulha. Olha —explicava com convicção e, para que acreditasses, mostrava-te a seringa “**desagulhada!**”.

(Página x, linha x)

(15)

- a) Cuando yo era un niño mi familia tenía la costumbre semanal de ejercer el noble arte del “**dominguerismo**”.

(Página 19, linha 3)

- b) Quando era criança a minha família tinha o costume de exercer todas as semanas a nobre arte do “**dominguerismo**”.

(Página x, linha x)

Nos dois exemplos acima referidos e extraídos respectivamente dos capítulos Agulhadas (14) e Dominguerismo (15) vemos dois casos de neologismo sintático. O primeiro deriva do substantivo “agulha” (“aguja” em espanhol) que indica, segundo o *Dicionário Priberam* online, “14. [Cirurgia] Instrumento de cirurgia para perfurar partes moles.” O mesmo significado tem na língua espanhola (Diccionario Clave online: “3. Varilla delgada, generalmente larga y con un extremo puntiagudo, que sirve para distintos usos”) e em ambos idiomas estes foram modificados adicionando o sufixo “-ado” que tem função de adjetivação e o prefixo latino “des-“ que “exprime a noção de negação, separação ou cessação” (Dicionário Priberam online). No segundo caso, a partir do substantivo “domingo” (idêntico tanto em português como em espanhol) que denomina nas duas culturas o último dia da

semana, foi criado o termo “dominguerismo” através da adição do sufixo latino e grego “-ismo” que é considerado um “sufixo formador de substantivos abstractos” (*Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013) e tem, portanto, a função de indicar as actividades que se desempenham neste dia. É importante notar que, no texto original, o autor utiliza este neologismo como título do capítulo onde o mesmo aparece; isto prova o facto que o uso de neologismos é uma prática muito comum na realidade linguística actual.

Outro tema digno de nota é a tradução dos jogos de palavras presentes no relato. Um jogo de palavras é um tipo de calembur, um trocadilho para misturar as palavras ou os sons, e em particular os que consistem em duas palavras ou frases homófonas, no sentido humorístico, mas com sentido diferente, para darem lugar a equívocos. Exatamente pela mesma natureza deste fenómeno linguístico, a tradução dos jogos de palavras pode representar um grande desafio, principalmente quando o autor do texto original se serve da homofonia para produzir efeitos irónicos, como podemos ver nos próximos exemplos:

(16)

a) Me acuerdo que en el campamento había dos clases sociales: los Boys Scouts —que en secreto llamábamos “**burros escapaos**”— y el resto.

(Página 25, linha 16)

b) Lembro-me que no acampamento havia duas classes sociais: os Escuteiros –a quem em segredo chamávamos de “**burros escapaos**” -e o resto.

(Página x, linha x)

No caso acima mencionado (16), presente no capítulo O campo de concentração, o jogo de palavras começa a partir do termo inglês “*Boy Scouts*” que é o estrangeirismo com que se denominam o grupo organizado dos Escuteiros na língua espanhola. Por homofonia, o autor compara este termo com a expressão “burros escapaos” (“escapados”, com eliminação do “-d-“ intercalado, costume muito comum no espanhol coloquial) para indicar o “desprezo” que o protagonista sentia por estas pessoas. Dado que em português existe uma

palavra, “Escuteiros”, para indicar esta categoria de pessoas, não foi possível reproduzir o jogo de palavras da mesma forma e foi, portanto, preciso inserir uma nota para explicar a situação: “Jogo de palavras a partir do espanhol “Boy Scout” que fonicamente é parecido com “burros escapaos” (burros escapados)”.

Outro caso parecido é apresentado a seguir:

(17)

a) Otro que se apellidaba Valladares —“**Vaya andares**”, se le motejó— calzaba una deportivas viejas totalmente deformadas. Tenía el defecto de caminar con los pies metidos hacia dentro de manera muy marcada.

(Página 28, linha 40)

b) Outro que se chamava Valladares - “**Vaya andares**”, foi motejado- calçava uns ténis velhos totalmente deformados. Tinha o defeito de caminhar com os pés para dentro de maneira muito marcada.

(Página x, linha x)

No capítulo O caminho do Cares I. A Convivência o jogo de palavras começa a partir do apelido de um dos peregrinos da Convivência religiosa nele relatada. Também neste caso se trata de uma correspondência homofônica entre o apelido “Valladares” e a expressão “Vaya andares”, onde a expressão espanhola “vaya” “se usa para indicar sorpresa, satisfacción, contrariedad o disgusto” (Diccionario Clave online) e o substantivo “andar” que indica, segundo a segunda definição do Diccionario Clave online, a “forma en la que se realiza este movimiento”. Desta maneira o autor consegue indicar uma característica da personagem em questão através de um simples jogo de palavras. Contudo, transferir todos estes detalhes para o texto de chegada resultou ser bastante complicado, por isso se optou por inserir uma nota que indica que se trata de um jogo de palavras sem ser muito específicos. Este é, infelizmente, um caso onde a mensagem do autor perdeu parte do seu matiz ao passar de uma língua para outra.

(18)

a) Superé a dos chicas de las peor preparadas para estas aventuras y a las dos les pregunté lo mismo, obteniendo idéntica respuesta:

—¿Qué tal vas?

—Una y no más, Santo Tomás.

(Página 32, linha 29)

b) Superei duas das meninas pior preparadas para estas aventuras e às duas perguntei a mesma coisa, e obtive uma resposta idêntica:

—Como vais?

—Uma e não mais, São Tomás.

(Página x, linha x)

Por último, no capítulo O caminho do Cares III. A mulher da curva, encontramos um caso onde a homofonia pode ser representada tanto na língua espanhola como portuguesa, dado que nas duas línguas é possível criar uma rima, mesmo que esta seja perfeita em espanhol e imperfeita em português. Apesar disso, é importante indicar que, embora tenha sido possível reproduzir a musicalidade deste jogo de palavras, não foi transmitido o significado da expressão espanhola “Una y no más, Santo Tomás” que indica a falta de intenção do falante de fazer algo que não saiu como se desejava. Contudo, a proximidade cultural poderá ajudar o leitor do texto de chegada a interpretar a mensagem da mesma forma.

2. ASPETOS SINTÁTICOS

Nesta secção, analisaremos algumas diferenças relativas a questões sintáticas entre as línguas com as quais trabalhámos, espanhol e português.

Apesar de este par de línguas possuir uma gramática semelhante em diversos aspetos, existem, na realidade, diferenças entre as duas línguas que o tradutor deve conhecer, de forma a produzir traduções corretas e adequadas.

Nos pontos seguintes, serão analisadas algumas questões sintáticas relevantes na tradução do texto de partida, que incluem as propriedades de seleção categorial dos predicados verbais, a posição dos pronomes, as expressões com possessivos, o uso das formas ativas e passivas e as simplificações sintáticas.

2.1 Propriedade de seleção categorial dos predicados verbais

No imaginário comum, o conhecimento de uma língua estrangeira diferente da própria língua de origem limita-se ao armazenamento de um léxico cada vez mais rico em palavras. Contudo, a este propósito é interessante apresentar a teoria de Duarte (2000) que declara que “conhecer uma palavra envolve o conhecimento dos seguintes aspetos: (i) a sua forma fónica; (ii) o(s) seu(s) significado(s); (iii) a categoria sintática a que a palavra pertence (que determina as posições que ela pode ocupar); (iv) as suas propriedades de subcategorização (as categorias dos argumentos que seleciona); (v) as suas propriedades de seleção semântica (as funções semânticas desses argumentos); (vi) as restrições de seleção semântica que a palavra impõe aos seus argumentos (os traços semânticos que lhes estão associados).

Portanto, chegamos à conclusão que, ter a capacidade de transmitir uma mensagem de uma língua a outra implica de forma indispensável o conhecimento da palavra em si mas também todas as propriedades e as regências que ela tem dentro de um determinado contexto lexical e sintático. No texto analisado neste projeto de trabalho é frequente encontrar várias diferenças deste tipo entre a língua de partida e a língua de chegada, principalmente no que diz a respeito as construções dos sintagmas verbais. No caso dos verbos, por exemplo, cada um determina a categoria gramatical dos constituintes com os quais pode, não pode, ou deve ocorrer no interior do sintagma verbal (Raposo 1992). Acontece, assim, que alguns verbos que são lexical e foneticamente muito parecidos, ou inclusive iguais, em espanhol e em português não regem, porém, a mesma categoria gramatical.

(19)

- a) La chica o no se enteraba del efecto que provocaba o nos había escuchado y **disfrutaba** siniestramente **con** la situación.

(Página 33, linha 31)

- b) A menina ou não se dava conta do efeito que provocava ou tinha-nos ouvido e **desfrutava** sinistramente **da** situação.

(Página x, linha x)

No exemplo acima referido (19) e extraído do capítulo O caminho do Cares III. A mulher da curva podemos claramente achar um caso de verbo semântica, lexical e foneticamente muito parecidos na língua de partida e na língua de chegada (esp: “disfrutar”; pt: “desfrutar”) porém a categoria gramatical que forma o sintagma verbal não corresponde. De facto a preposição utilizada no texto de partida é “com”, apesar de ser admitida também a preposição “de” na maioria dos casos, enquanto na língua de chegada é “de”.

2.2 Colocação dos pronomes

Um dos maiores desafios encontrados ao longo da tradução em análise foi a colocação de pronomes clíticos, itens lexicais sem acento prosódico atribuído no léxico (tal como os afixos e contrariamente às palavras), mas com uma certa liberdade posicional (tal como as palavras, mas contrariamente aos afixos) (Martins 2013:2231), dado que esta é diferente no espanhol e no português.

Em ambas as línguas, os pronomes clíticos estão sempre associados a um verbo. No entanto, quanto à sua posição, em português europeu, os clíticos podem ocupar uma posição de adjacência à direita (ênclise), à esquerda (próclise), ou interna (mesóclise) relativamente ao hospedeiro verbal. Ao contrário, o espanhol conta apenas com o posicionamento enclítico e proclítico dos pronomes clíticos.

O que realmente distingue a colocação dos clíticos nas duas línguas são vários fatores sintáticos. No espanhol, a posição dos clíticos depende do modo verbal presente na frase. De acordo com a Gramática da RAE (1999), os clíticos ocorrem em posição enclítica com os modos Infinitivo, Gerúndio e Imperativo (afirmativo), assumindo uma posição proclítica com os restantes modos verbais. Quanto ao português, os pronomes clíticos encontram-se sempre em posição enclítica, exceto quando existem na frase unidades desencadeadoras de próclise como, por exemplo: (i) advérbios de negação frásica; (ii) quantificadores na posição de

sujeito; (iii) alguns advérbios; (iv) elementos interrogativos, relativos e exclamativos, (v) conjunções subordinativas; (vi) conjunções coordenativas correlativas.

(20)

a) Al final, hacía recuento de lo que habíamos escogido, separando por tamaños e incluso temáticas: revistas pequeñas, normales, extras, de superhéroes o de Conan (por las que curiosamente cobraba una peseta más que por las del resto de superhéroes publicadas por la misma editorial; quizás el cimerio **le** parecía más heroico que los demás y por eso se cambiaba a mayor precio) y las de la serie “Olé!” de Bruguera.

(Página 6, linha 9)

b) No fim, fazia uma recontagem do que tínhamos escolhido, e separava-**as** por tamanho e até temática: revistas pequenas, normais, extras, de super-herói ou de Conan (pelas quais curiosamente cobrava uma peseta a mais do que pelas outras de super-heróis publicadas pela mesma editora; se calhar o cimeiro parecia-**lhe** mais heróico que os outros e por isso trocava-**o** a um preço maior) e as da série “Olé!” da editora Bruguera.

(Página x, linha x)

Neste fragmento (20) procedente do capítulo Troca de bandas desenhadas, podemos ver como no texto de chegada todos os pronomes clíticos se encontram em posição posposta ao verbo e separados dele por um traço.

(21)

a) Acabada esta observación, el doctor **te** daba el palo a modo de premio. Después, con el aparato para este fin, observaba

el interior de los oídos. Este elemento de exploración no te lo regalaba, cosa que los niños habríamos agradecido más que el palo.

(Página 11, linha 23)

- b) Acabada esta observação, o doutor dava-te o pau a título de prémio. Depois, com o aparato para este fim, observava o interior dos ouvidos. Este elemento de exploração **não to** oferecia, coisa que as crianças teriam agradecido mais do que o pau.

(Página x, linha x)

O fragmento acima referido (21) pertence ao capítulo Um médico e dois directores e permite de examinar como, na língua portuguesa, a posição do pronome clítico varia em relação ao tipo de constituinte presente na frase. Na primeira linha o pronome encontra-se na sua posição clássica: “dava-te”; a seguir, com a comparência de um adverbio de negação, a posição do pronome é alterada e torna-se proclítica: “não to oferecia”. Ao contrário no espanhol a posição do pronome fica enclítica nos dois casos.

(22)

- a) Después de hacer la comunión como cualquier niño de la época, por tradición o exigencia, nunca por convicción —a esas edades no se tienen—, se me preguntó si quería seguir dando catequesis para confirmarme.

(Página 13, linha 28)

- b) Depois de fazer a comunhão como qualquer criança da época, por tradição ou exigência, nunca por convicção —a essa idade ninguém **as** tem—, perguntaram-me se queria continuar a ir para a catequese para confirmar-me.

(Página x, linha x)

Podemos confirmar quanto afirmado anteriormente acerca da mudança de posição do pronome na língua portuguesa quando é presente um determinado elemento linguístico no fragmento (22) citado do capítulo “O terceiro grau antes do Segundo Sacramento”. Nesta situação, o elemento determinante é o pronome indefinido “ninguém” que leva o pronome “as” a aparecer antes do verbo, como em espanhol.

(23)

a) Como es ley de vida la mujer falleció, pero yo siempre **me** acordaré de ella cada Navidad.

(Página 5, linha 19)

b) Segundo a lei da vida, a mulher faleceu, mas eu lembrar-**me**-ei dela em cada Natal.

(Página 6, linha 9)

(24)

a) Por otro lado, ignoro el nombre del practicante, de modo que para no enfrascarnos en prolijas descripciones **le** llamaremos doctor Terror, dando así, de un plumazo, la medida exacta de sus acciones.

(Página 9, linha 39)

b) Por outro lado, ignoro o nome do enfermeiro, de forma que, para não mergulharmos em prolixas descrições, chamar-**lhe**-emos de doutor Terror, dando assim, de uma assentada, a medida exata das ações dele.

(Página 10, linha 11)

Os exemplos acima (procedente respectivamente do capítulo A avozinha (23) e Agulhadas (24)) permitem-nos também analisar aqueles casos em que a língua portuguesa requer que o pronome clítico se encontre em posição entre a raiz do verbo e a desinência no

tempo futuro simples do indicativo e no modo condicional. Nos casos examinados o verbo encontra-se ao tempo futuro do indicativo. Mais uma vez na língua espanhola o pronome encontra-se em posição enclítica.

2.3 Expressões com possessivos

Outra discrepância entre a sintaxe espanhola e a portuguesa pode ser encontrada nas expressões que contêm um pronome possessivo.

É importante destacar a frequência com que este tipo de pronomes aparece na língua espanhola, que é muito mais elevada do que o uso dos mesmos na língua portuguesa. Portanto em mais de uma ocasião foi necessário omitir o pronome possessivo no texto de chegada.

(25)

a) Este señor, tío de mi padre, tenía un chalet en la urbanización que hay junto al pantano, “El Realejo”. En **su** jardín había una fuente donde en la pileta inferior dejábamos a los peces con otros congéneres de **su** especie para que en su nuevo entorno hicieran aquello que hacen las carpas de colores.

(Página 19, linha 39)

b) Este senhor, tio do meu pai, tinha um chalé no conjunto residencial que fica junto ao pântano, “El Realejo”. No jardim (**dele**) tinha uma fonte onde, na pia inferior, deixávamos os peixes com outros congéneres da **mesma** espécie para que no novo ambiente fizessem o que fazem as carpas coloridas.

(Página 19, linha 41)

No exemplo indicado (25), extraído do capítulo Dominguerismos, podemos ver como ambos os pronomes possessivos do texto de partida não foram reportados no texto de

chegada. No específico, no primeiro caso houve uma omissão do pronome e no segundo o pronome possessivo foi substituído pelo pronome demonstrativo português “mesma”.

Outra questão relacionada com o uso das expressões com pronomes pessoais é a presença e a posição de um elemento determinante, no específico o artigo, nas duas línguas. Em espanhol, distinguem-se três tipos de possessivos. O primeiro tipo integra unidades dependentes, que exigem a presença de um nome, ou equivalente, que precedem; os possessivos deste tipo são: *mi, tu, su, mis, tus, sus*. De acordo com a Gramática da RAE (1999), no espanhol atual, estes não podem ser precedidos por um artigo porque detêm, em si próprios, a função identificadora do artigo. O segundo tipo integra unidades autónomas que podem aparecer em construções com verbos copulativos ou juntas a nomes; os possessivos deste tipo são: *mío, mía, míos, mías, tuyo, tuya, tuyos, tuyas, suyo, suya, suyos, suyas*. De acordo com a gramática referida, ao contrário dos possessivos do primeiro tipo, os do segundo carecem de valor identificador, pelo que, no grupo nominal em que ocorrem, podem ser ou não precedidos de artigo. Relativamente ao terceiro tipo, este é constituído pelos possessivos: *nuestro, nuestra, nuestros, nuestras, vuestro, vuestra, vuestros, vuestras*, que, dependendo da sua posição relativamente ao nome, poderão admitir ou não a presença de artigo. Quando estes possessivos se encontram à esquerda do nome, possuem o valor identificador dos do primeiro tipo e não requerem, portanto, artigo; por outro lado, quando se encontram à direita do nome, podem ter ou não artigo.

Relativamente ao português europeu, de acordo com Brito (2003:349), os determinantes possessivos são precedidos por artigos definidos ou por demonstrativos.

2.4 Presença e omissão do sujeito

Desde o ponto de vista sintático, tanto o espanhol como o português são línguas onde a presença do sujeito ativo não é imprescindível para a compreensão do texto; contudo na maioria dos casos a escolha de omitir ou manter o mesmo depende do contexto específico em que se encontra. Destacaremos alguns dos contextos nos quais os pronomes são ou não usados (expressos) em ambas as línguas com o propósito de mostrar que, nesses trabalhos, apesar da origem latina de ambas as línguas, o espanhol (em algumas de suas variedades) e o português, podem apresentar tendências contrárias para o uso e a omissão do sujeito

pronominal. Veremos, ao longo da discussão deste tema, que em algumas variedades do espanhol, o sujeito pronominal pode ser mais usado que omitido (como na do Caribe) e que, ainda, há estudos que indicam que o sujeito pronominal é mais usado que omitido nas variedades hispano-americanas que nas peninsulares.

Sob perspectiva gerativista, a tendência para uso ou omissão das formas pronominais de sujeito nas línguas tem sido bastante estudada a partir do Parâmetro do Sujeito Nulo. Esse parâmetro foi configurado na década de 80 com a proposta inicial de comparar o inglês e as línguas latinas de sujeito nulo, considerando a relação entre a morfologia de concordância verbal “rica” e a propriedade do sujeito não ser foneticamente realizado (DUARTE, 1995). Segundo a Teoria de Princípios e Parâmetros, em relação à ocorrência do sujeito nulo, as línguas passaram a ser classificadas em dois grandes grupos: 1) línguas de sujeito nulo e 2) língua de sujeito não nulo. O primeiro grupo, como o espanhol e o italiano, tem em comum a possibilidade de não preencher o sujeito gramatical [+ pro-drop]; o segundo, como o inglês e o francês, remete às línguas cujo sujeito gramatical é obrigatório [- pro-drop]. Há, porém, ainda, segundo Filiaci (2011), um terceiro grupo, denominado “línguas de sujeito nulo parcial” que inclui as línguas como o alemão e o holandês - que permitem apenas o sujeito nulo expletivo - e, segundo Holmberg (2009), o finlandês, o Marathi e o português – que apresentam o sujeito nulo em sentenças genéricas e em construções encaixadas complemento. O português, desta forma, quanto ao licenciamento do sujeito nulo, apresenta um status particular, por assim dizer, não sendo possível se enquadrar em um dos dois grandes grupos. Por esta razão, em algumas situações foi necessário, ao longo da tradução em análise, acrescentar na versão portuguesa o sujeito que, ao contrário, tinha sido omissivo no texto de partida, como podemos ver no exemplo a seguir extraído do capítulo A avozinha (26).

(26)

a) Algunas tardes, cuando era un niño, acudíamos a visitar a la abuela María.

(Página 4, linha 3)

b) Em algumas tardes, quando **eu** era criança, costumávamos ir visitar a avó Maria.

(Página 5, linha 3)

Para concluir, podemos afirmar novamente que, além das normas gramaticais e linguísticas de cada idioma, a escolha de manter ou omitir o sujeito de um predicado está estreitamente relacionada com o grau de confusão que a omissão do mesmo poderia causar no leitor.

2.5 Formas ativas e passivas

As vozes verbais indicam a relação entre o sujeito e a ação expressa pelo verbo. Tanto na língua portuguesa como na língua espanhola, o verbo se distribui em três vozes: voz ativa: quando o sujeito pratica a ação, é um sujeito agente; voz passiva: quando o sujeito sofre a ação verbal, é um sujeito paciente; voz reflexiva: quando o sujeito pratica e ao mesmo tempo recebe a ação. A voz reflexiva apresenta a seguinte estrutura: verbo na voz ativa + pronome oblíquo exercendo a função de objeto.

É possível notar, ao longo do texto de partida, uma elevada ocorrência da voz passiva. A voz passiva na língua espanhola forma-se exactamente como na língua portuguesa, ou seja através do verbo *ser* (flexionado segundo a necessidade) e o particípio passado do verbo principal. Esta implica a utilização de tempos verbais compostos que não costumam ser frequentes na sintaxe portuguesa. Por essa razão, em algumas situações foi preciso alterar a voz passiva espanhola em voz ativa no texto de chegada.

Outro tipo de forma passiva na língua espanhola é a chamada *voz pasiva refleja* e muitas vezes é confundida com a forma impessoal. Esta é constituída pelo morfema passivo “se” seguido pelo verbo conjugado na terceira pessoas singular ou plural. Normalmente o sujeito destas orações costuma ser desconhecido e, portanto, omissivo. Em português esta construção é definida voz passiva com “se” apassivante e a posição do mesmo segue as mesmas normas dos pronomes clíticos. Contudo, mais uma vez esta forma verbal não costuma ter na língua portuguesa a mesma frequência que tem na sintaxe espanhola.

(27)

- a) Justo antes del embalse, **se podían ver** unas piletas redondas llenas de agua que seguramente eran parte de las

instalaciones de la Central adosada al muro de contención del agua.

(Página 19, linha 8)

- b) Justamente antes da represa, **dava para ver** umas pias redondas cheias de água que provavelmente faziam parte das instalações da Central encostada à parede de contenção da água.

(Página 19, linha 9)

No extracto (27) do capítulo Dominguerismos acima mencionado podemos ver como, com a tradução, a *forma pasiva refleja* “se podían ver” foi substituída pela expressão de forma ativa “dava para ver”. Como foi dito antes, o sujeito desta frase não é expressado.

(28)

- a) Mi hermano y mi padre gustaban de pescar en el embalse. Solían coger unos pececillos pequeñajos que llamaban “gobios”, pero a veces pillaban alguna carpa de color rojo o amarillo. Estos preciados bichos **se metían** en un cubo con agua del pantano y, a veces, **se llevaban** al tío Luis.

(Página 19, linha 37)

- b) O meu irmão e o meu pai gostavam de pescar na represa. Costumavam apanhar uns peixinhos pequenos a que chamavam de “góbios”, mas às vezes pescavam alguma carpa de cor vermelha ou amarela. **Metiam** estes apreciados bichos num balde com água do pântano e, às vezes, **levavam-nos** ao tio Luís.

(Página 19, linha 39)

No caso em análise (28), também procedente do capítulo Dominguerismos, vemos como as expressões passivas “se metían” e “se llevaban” foram transformadas em ativas: “metiam” e “levavam-nos”. Além disso, a presença dos sujeitos no princípio do período consente uma simples identificação da flexão verbal a ser utilizada, no caso específico, a terceira pessoa do plural.

É importante reforçar a ideia que estas mudanças não foram necessárias por falta de correspondência entre as duas línguas mas para uma pura questão estilística.

2.6 Simplificações sintáticas

A sintaxe é uma parte essencial da gramática que se centra no estudo das palavras dentro das frases e também das orações, e como essas palavras se relacionam entre si. Além disso, faz o estudo dessa oração dentro do período, permitindo que a frase tenha sentido e que as palavras estejam na ordem certa dentro da oração. Essas definições são essenciais para que frases, orações e períodos façam sentido e sejam de fácil compreensão por parte do leitor. Na hora de compor uma ideia e transformá-la em um texto que seja coerente, conciso e escrito da forma correta, a sintaxe é essencial e precisa ser levada em consideração. Para ter uma ideia clara da importância da sintaxe na língua, é importante entender as diferenças entre três itens importantes na hora de construir e transmitir uma ideia. A seguir apresentamos as características e as diferenças entre esses elementos da sintaxe: a frase é qualquer enunciado que transmita uma ideia com sentido e não conta com a presença de verbo; a oração é uma frase com sentido e conta com a presença de verbo, é todo e qualquer enunciado que se organiza em torno de um verbo; o período que pode ser simples ou composto: o período simples é um enunciado que pode ter apenas uma oração e é finalizado por um sinal de pontuação e o período composto é um enunciado que pode ter duas ou mais orações e é finalizado por um sinal de pontuação. Dentro da oração, cada termo tem a sua função sintática. A função sintática é determinada a partir de uma análise sintática dos termos, para entender profundamente que papel desempenha dentro do período e como interfere no sentido da ideia apresentada.

Como é sabido, a sintaxe de uma língua pode variar também conforme o tipo de texto e linguagem utilizados. No caso do texto de partida, tratando-se duma narrativa, é possível notar uma grande presença de períodos subordinados, para proporcionar fluidez e coerência

ao relato. A característica que acabamos de descrever é própria também da língua e da sintaxe portuguesas. Contudo, foi preciso, por vezes, alterar a sintaxe com uma consequente transformação de períodos subordinados em períodos coordenados e vice-versa.

(29)

a) **Una vez que montábamos** el campamento en la zona habilitada entre los árboles, aneja al embalse, cada uno hacía un poco lo que le daba la gana.

(Página 19, linha 16)

b) **Uma vez montado** o acampamento na zona habilitada entre as árvores, anexa à barragem, cada um fazia um pouco o que queria.

(Página 19, linha 17)

No caso tratado em cima (29, do capítulo Dominguerismos), por exemplo, podemos ver como a oração relativa espanhola formada pela locução “una vez que” seguida pelo tempo verbal conjugado no pretérito imperfeito foi substituída pela mesma locução “uma vez” seguida pelo particípio do verbo, de forma a evitar uma subordinação.

(30)

a) Pero el segundo temporal fue aún peor, ya que fue de viento. El vendaval que asoló la zona **hacía volar** los cubos de la basura y casi cualquier cosa que no estuviera bien atada.

(Página 24, linha 1)

b) Mas o segundo temporal foi ainda pior, dado que foi de vento. O vendaval que assolou a zona **fazia com que voassem** os caixotes do lixo e quase qualquer coisa que não estivesse bem atada.

(Página 23, linha 26)

No caso acima mencionado (30) e procedente do capítulo Veraneios em Oropesa III. Sestas, Carmelitanos e temporales o autor utiliza a expressão “fazer + indefinido”, inexistente na gramática portuguesa. Por esta razão, foi necessário utilizar a expressão correspondente formada por “fazer com que + subjuntivo”.

(31)

- a) Antes de ir a dormir, se ocupaban las horas de diversas maneras: se jugaba a las cartas, o se iba a una bolera cercana, o se tomaba un helado o una horchata paseando por el paseo de la playa de la Concha, **escuchando el sonido relajante de las olas, mientras observábamos** hipnotizados el titilar de las luces de los hoteles y apartamentos reflejadas en el mar.

(Página 24, linha 7)

- b) Antes de ir dormir, ocupávamos as horas de diversas maneiras: jogávamos cartas, ou íamos para um bowling próximo, ou tomávamos um gelado ou uma chufa passeando pelo passeio da Playa de la Concha, **enquanto ouvíamos o som relaxante das ondas e observávamos** hipnotizados o cintilar das luzes dos hotéis e apartamentos refletidas no mar.

(Página 23, linha 32)

No exemplo apresentado em cima (31, capítulo Veraneios em Oropesa III. Sestas, Carmelitanos e temporais), houve duas variações sintáticas estreitamente correlacionadas uma com a outra. Primeiramente houve uma substituição do gerúndio espanhol “escuchando” com a locução relativa temporal portuguesa “enquanto ouvíamos” e depois a locução relativa temporal espanhola “mientras observávamos” foi trocada pelo conjunção copulativa “e” e o verbo “observar” no pretérito imperfeito do indicativo. Esta escolha foi tomada para evitar o

uso do gerúndio no texto de chegada e, por consequência, a repetição do adverbio temporal “enquanto”.

(32)

a) Pero aunque no eran tres meses, insisto, sí que eran muchos días y el vértigo de tener tanto tiempo libre, unido al calorcillo que empezaba a sentirse, el cual auguraba mil actividades divertidas asociadas al verano, **hacían que se me pusiera una sonrisa de oreja a oreja** durante días.

(Página 45, linha 4)

b) Mas apesar de não serem três meses, insisto, é verdade que eram muitos dias e a vertigem de ter tanto tempo livre, junto com o calorzinho que começávamos a sentir, o qual pressagiava mil atividades divertidas associadas ao verão, **provocava no meu rosto um sorriso de orelha a orelha** durante dias.

(Página 42, linha 37)

Por último, no exemplo (32) do capítulo Volta para o colégio, deparamo-nos mais uma vez com a expressão espanhola “hacer que + subjuntivo” que foi substituída pelo pretérito imperfeito do verbo “provocar”.

Como já referido acima, nem sempre era indispensável optar por este tipo de modificações sintáticas. Porém, acreditamos que estas acções proporcionaram ao texto de chegada fluidez e naturalidade.

3. ASPETOS CULTURAIIS

Dada a natureza do relato traduzido, é elevado o número de referências culturais nele presentes. Um dos maiores desafios para um tradutor é transferir estes aspetos de uma cultura para outra da maneira mais natural e fluida para o leitor do texto de chegada. Tal tarefa fica

mais simples quando a referência que se quer transmitir existe nas duas culturas, tanto naquela de partida como naquela de chegada. Porém há situações onde esta correspondência não existe e, portanto, é necessário explicar o conceito de outra forma.

Na maioria dos casos tais aspetos apresentam-se na forma de nomes próprios. Newmark (1988) distingue três classes de nomes próprios: nomes de pessoas; nomes de objetos; nomes geográficos. Os autores que mais trataram este assunto são Nord e Verme; ambos concordam no fato que a tradução dos nomes próprios, e por consequência das referências culturais, é normalmente vista como uma simples transferência, mas é de fundamental importância para a completa compreensão do texto por parte do leitor da cultura de chegada. Seguem as palavras dos dois autores:

«“Proper names are never translated” seems to be a rule deeply rooted in many people’s minds. Yet looking at translated texts we find that translators do all sorts of things with proper names» (Nord, 2003:182)

«The translation of proper names has often been considered as a simple automatic process of transference from one language into another, due to the view that proper names are mere labels used to identify a person or a thing. (...) the translation of proper names is not a trivial issue but, on the contrary, may involve a rather delicate decision-making process, requiring on the part of the translator careful consideration of the meanings the name has before deciding how best to render it in the target language». (Verme, 2003:89).

Segundo Newmark (1988, Verme 2001), o primeiro e o último nome das pessoas é, normalmente, transferido desde que se suponha que não tenha conotações na língua de chegada e de forma a indicar a nacionalidade da personagem; o nome de objetos e de marcas registadas é também, normalmente, transferido; por último, para os nomes geográficos, o tradutor deve verificar se existe algum correspondente na língua de chegada e, caso exista, utilizá-lo. Porém quando um nome geográfico se refere a um endereço, este deve ser transferido. Verme (2003) estuda esta questão tão a fundo que definiu quatro estratégias básicas que o tradutor pode utilizar na tradução de nomes próprios: transferência, substituição, tradução e modificação. A primeira estratégia, transferência, consiste em referir o nome sem aplicar nenhum tipo de alteração; na segunda estratégia, substituição, o tradutor utiliza o correspondente da língua de chegada; na terceira estratégia, a tradução, o nome é traduzido literalmente na língua de chegada e na estratégia da modificação, utiliza-se “a

substitute in the target text for the original noun which is not related or just partly related to the source language noun conventions or logics” (op.cit.:11), que supõe uma alteração considerável na forma e nas conotações do nome original. Para Vermes (2003), esta última estratégia é uma mistura de estratégias de omissão (o tradutor omite total ou parcialmente o nome), adição (o tradutor expande o nome) e generalização (o tradutor recorre a um hiperónimo).

Contudo, tanto Verme como Newmark e Nord, concordam no fato que para os nomes próprios geográficos têm que ser substituídos pelo correspondente da língua de chegada sempre que haja um. Contudo, o tradutor pode decidir de manter o nome original, utilizando então uma estratégia de transferência, para manter a naturalidade do mesmo. Portanto, tendo em conta tanto o elevado número de topónimos presentes no texto original, a natureza dos mesmos (além de nomes próprios de cidade, há muitos nomes próprios de localidades ou estabelecimentos onde tiveram lugar os acontecimentos contados pelo autor) e a proximidade de Portugal e Espanha, tanto geograficamente como linguística e culturalmente, a escolha de tradução foi a transcrição literal de todos os topónimos encontrados, optando pela utilização, na maioria dos casos, do itálico, para que fosse mais intuitivo para o leitor.

(33)

a) Así, el local contaba con una enorme pantalla para la época (más que la mayoría de los cines de estreno de la **Gran Vía**), que se escondía detrás de unas cortinas, como si fuera un teatro.

(Página 6, linha 36)

b) Assim, o local contava com um ecrã enorme para a época (mais do que a maioria dos cinemas de estreia da **Gran Vía**), que se escondia atrás de umas cortinas, como se fosse um teatro.

(Página 7, linha 26)

(34)

a) La **Mercería Laly** era un comercio del barrio de **San Ignacio de Loyola** donde se cambiaban tebeos.

(Página 5, linha 29)

b) A **Mercería Laly** era um comércio do bairro de **San Ignacio de Loyola** onde se trocavam histórias aos quadrinhos.

(Página 6, linha 19)

(35)

a) Antonio era droguero y el establecimiento donde trabajaba, que también era perfumería, estaba en la calle Toledo, casi enfrente de los inenarrables escaparates de **Caramelos Paco**.

(Página 42, linha 26)

b) O Antonio era droguista e o estabelecimento onde trabalhava, que também era perfumaria, estava na calle Toledo, quase em frente às inefáveis montras de **Caramelos Paco**. Costumavam ficar ali, durante um tempo, antes que fechasse.

(Página 40, linha 18)

Nos exemplos acima podemos ver como, no capítulo Cinema de bairro (33) o autor faz referência a maior e mais conhecida avenida de Madrid, por esta razão foi feita a escolha de inserir uma nota explicativa: “*Avenida principal de Madrid*”. No segundo caso (34), fragmento extraído do capítulo Troca de banda desenhada, é citado tanto o nome do bairro onde acontecem a maioria das histórias contadas (Bairro de *San Ignacio de Loyola*) e da única retrosaria ali presente (*Mercería Laly*). Mesmo existindo uma correspondência na língua portuguesa, a tradutora preferiu manter o nome original para manter a coerência ao longo do texto inteiro. A mesma escolha foi feita no capítulo O calendário número 500 (35) em relação a *Caramelos Paco*, uma “Famosa loja de guloseimas de Madrid ainda operativa”, como explicado numa nota.

Mais uma vez, estas escolhas, assim como muitas outras, foram ditadas pela intenção de não tirar, sempre que possível, a originalidade do texto de partida.

Outra situação onde se optou por manter os nomes originais foi nas citações de títulos de banda desenhada e filmes, como podemos ver nos exemplos a seguir:

(36)

a) Mi madre contaba con un lote de no menos de cincuenta revistas de historietas del momento: **Mortadelos, Zipizapes, Pulgarcitos, Tío Vivos, DDT's, etc...**

(Página 5, linha 29)

b) A minha mãe contava com um lote de não menos de cinquenta revistas de historietas do momento: **Mortadelo y Filemón, Zipizapes, Pulgarcitos, Tío Vivos, DDT's, etc...**

(Página 6, linha 20)

Neste fragmento (36) do capítulo Troca de bandas desenhadas aparecem os títulos de muitas histórias aos quadrinhos da época. Algumas delas tinham um correspondente também em Portugal e, portanto, foram acrescentadas notas para indicar os títulos em português: “Em português: *Mortadelo e Salaminho*” e “*Zipi y Zape*: banda desenhada cómica espanhola”. É importante notar que, na versão portuguesa, foi necessário indicar o título completo da história indicada na versão espanhola com a abreviação *Mortadelos*, cujo nome inteiro é *Mortadelo y Filemón*.

(37)

a) Aquellos carteles, que eran verdaderos obras de arte pintadas con técnicas propias de un cuadro, servían para tener la pequeña ilusión de, quizás, poder volver a la semana siguiente a la sala a ver “**Terminator**” o “**Los Inmortales**”, pongamos por caso.

(Página 7, linha 17)

- b) Aqueles cartazes, que eram verdadeiras obras de arte pintadas com técnicas próprias de um quadro, serviam para ter a pequena ilusão de, talvez, poder voltar na semana seguinte à sala para ver “**Terminator**” ou “**Los Inmortales**”, por exemplo.

(Página 8, linha 2)

(38)

- a) Fue en el cine San Ignacio donde vi, totalmente apabullado, como un enorme destructor imperial pasaba casi por encima de mí cabeza al comiendo de “**La Guerra de las Galaxias**”.

(Página 7, linha 34)

- b) Foi no cinema San Ignacio onde vi, totalmente agoniado, como um enorme destruidor imperial passava quase por cima da minha cabeça no começo de “**La Guerra de las Galaxias**”.

(Página 8, linha 19)

(39)

- a) Y aluciné con la que se convertiría en la mejor película de aventuras de todos los tiempos (con permiso de su segunda parte): “**En busca del arca perdida**”. Tendría 11 años.

(Página 7. Linha 37)

- b) E alucinei com o que se transformaria no melhor filme de aventura de todos os tempos (com permissão da sua segunda parte): “**En busca del arca perdida**”. Devia ter 11 anos.

(Página 8, linha 22)

(40)

a) Pero a veces se descolgaban con un programa doble irresistible, como por ejemplo “**Rambo**” y “**Conan el Bárbaro**” en la misma sesión; una detrás de otra.

(Página 6, linha 45)

b) Mas, às vezes, soltavam um programa duplo irresistível, como, por exemplo, “**Rambo**” e “**Conan el Bárbaro**” na mesma sessão; um a seguir ao outro.

(Página 7, linha 36)

Nos casos acima mencionados (37, 38, 39 40), todos procedentes do capítulo “Cinema de bairro”, são mencionados vários títulos de filmes. Nos casos onde existe uma correspondência na língua portuguesa, esta foi indicada nas notas para manter no texto a versão original: *Terminator - Exterminador Implacável; Los Inmortales - Highlander – Duelo Imortal; La Guerra de las Galaxias - Guerra das Estrelas; En busca del arca perdida - Indiana Jones e Os Salteadores da Arca Perdida*. Em outros casos, como *Rambo* e *Conan el Bárbaro* a tradutora optou por não indicar o título português, considerada a proximidade entre as duas línguas (*Rambo* e *Conan, o Bárbaro* em Portugal).

(41)

a) Pero así como llegó la época del vídeo y el de las casas llenas de cintas VHS vírgenes grabadas cien veces, también vinieron otras series a la televisión que me hicieron olvidar hoteles y compañías petrolíferas; me refiero, por ejemplo, al “**El coche fantástico**” o “**El gran héroe americano**”, pero esta, en todo caso, es otra historia.

(Página 12, linha 19)

b) Mas assim que chegou a época do vídeo e das casas cheias de fitas VHS virgens gravadas cem vezes, também

apareceram outras séries na televisão que me fizeram esquecer hotéis e companhias petrolíferas; refiro-me, por exemplo, a “**El coche fantástico**” ou “**El gran héroe americano**”, mas esta, de qualquer forma, é outra história.

(Página 12, linha 25)

O mesmo aconteceu (41) no capítulo “Um médico e dois diretores”, onde o autor cita o título de duas séries de televisão da época, no específico *El coche fantástico*, cujo título em português, *O Justiceiro*, foi indicado nas notas e *El gran héroe americano*, sendo a correspondência em português *Super-Herói americano*, onde a tradutora não considerou necessário indicar a versão na língua de chegada.

(42)

a) Los juegos que nos proporcionaron tantas tardes de diversión recibían sugerentes nombres: **La abadía del crimen, Phantis, Barbarian, Arkanoid, Renegade, Desperados, Army Moves, Commando...** Había un montón.

(Página 15, linha 42)

b) Os jogos que nos proporcionaram tantas tardes de diversão recebiam sugestivos nomes: **La abadía del crimen, Phantis, Barbarian, Arkanoid, Renegade, Desperados, Army Moves, Commando...** Havia montes.

(Página 15, linha 32)

Para terminar, no capítulo Troca de Jogos (42), o autor cita o nome de alguns dos videojogos mais famosos dos finais dos anos Oitenta. A maioria dos títulos ficou invariável tanto na língua espanhola como na língua portuguesa e manteve, então, o nome em inglês: *Barbarian, Arkanoid, Renegade, Desperados, Army Moves e Commando*. Só nos casos de *La abadía del crimen* e *Phantis* foi necessário indicar o título inglês, como é conhecido em Portugal, numa nota explicativa: *The Abbey of Crime e Game over II*.

Além dos nomes próprios de filmes, bandas desenhadas, séries de televisão e videojogos, como vimos até agora, também foi desafiante traduzir outros nomes relativos a história, moeda, sistema médico, etc. A seguir analisaremos de maneira mais detalhada cada um dos casos mencionados:

(42)

a) Y es que a cada uno le aplicaba un precio distinto, siendo la diferencia de una o dos **pesetas**.

(Página 5, linha 44)

b) E a cada uma aplicava um preço diferente, mesmo que a diferença fosse de uma ou duas **pesetas**.

(Página 6, linha 35)

(43)

a) Los “Olé!” eran los de mayor precio. En concreto costaba cambiarlos un **duro**, que visto en perspectiva, me resulta bastante abusivo.

(Página 6, linha 14)

b) As “Olé!” eram as que tinham o preço mais alto. Na realidade, trocá-las custava um **duro**, o que me parecia bastante abusivo.

(Página 7, linha 4)

Como podemos notar (42 e 43), no capítulo Troca de bandas desenhadas aparece o termo *peseta* que era o nome próprio da moeda espanhola antes da instituição do euro na Comunidade Europeia. Dado que em todos os Países europeus havia uma moeda diferente do euro antes da chegada do mesmo, a tradutora optou por inserir uma nota explicativa onde é presente também a correspondência em valor entre a *peseta* e o *escudo*, moeda oficial em

Portugal antes do euro: “Moeda oficial espanhola antes do euro, corresponde a 1,20 escudos portugueses”. No mesmo capítulo o autor também menciona o termo *duro* que, a nível de conotação linguística coloquial, poderia ser substituído pelo termo português *tostão*; contudo, mais uma vez a tradutora, para manter a fidelidade ao texto original, escolheu manter a palavra espanhola e explicar numa nota que “Um *duro* corresponde a 5 *pesetas*”.

(44)

a) «Con **Franco** se vivía mejor». Este dicho lo hemos oído muchas veces, aunque el tiempo es su peor enemigo, como es lógico, y ahora apenas se escucha.

(Página 39, linha 3)

b) «Com o **Franco** vivia-se melhor». Este ditado ouvimo-lo muitas vezes, apesar do tempo ser o seu pior inimigo, como é lógico, e agora mal se escuta.

(Página 37, linha 3)

(45)

a) Bajo el gobierno del **Generalísimo** yo no tenía ni preocupaciones ni obligaciones, me trataban a cuerpo de rey, dormía casi todo el día, me alimentaban gratis y cuando me apetecía, mis necesidades higiénicas eran amorosamente resueltas por terceras personas y todos los días descubría algo nuevo...

(Página 39, linha 20)

b) Sob o governo do **Generalísimo** eu não tinha nem preocupações nem obrigações, tratavam-me como um rei, dormia quase todo o dia, alimentava-me de forma grátis e quando me apetecia, as minhas necessidades higiénicas eram

amorosamente resolvidas por terceiras pessoas e todos os dias descobria algo novo...

(Página 37, linha 20)

(46)

- a) Me imagino a mi padre diciéndome «Mario, ahora que ha muerto el **Caudillo**, esa vida de Califa de las Mil y una Noches que llevas se ha terminado.

(Página 39, linha 29)

- b) Imagino o meu pai dizendo “Mario, agora que morreu o **Caudillo**, essa vida de Califa de Mil y una Noches que levas acabou.

(Página 37, linha 31)

(47)

- a) Naturalmente, no hay ninguna prueba documental de todo esto, pero imagino que un bebé rubio de ojos azules debía ser un poderoso imán para las mujeres de la España de los años finales del **Franquismo**; y de cualquier otra época.

(Página 39, linha 25)

- b) Naturalmente, não há nenhuma prova documental de tudo isto, mas imagino que um bebé loiro de olhos azuis devia ser um poderoso íman para as mulheres da Espanha dos finais do **Franquismo**; e de qualquer outra época.

(Página 37, linha 26)

No capítulo (44, 45, 46 e 47) Anos finais da ditadura o autor faz várias referências ao ditador Francisco Franco e à época em que ele governou. Também neste caso e sempre por

uma questão de coerência linguística e fidelidade ao original, a tradutora optou por manter sempre o nome em espanhol e por se servir de notas explicativas para transmitir a fundo a mensagem do autor. No específico podemos ver: *Franco*: “Refere-se ao ditador Francisco Franco”; *Generalísimo*: “Nome que se chamava ao ditador Francisco Franco”; *Caudillo*: “Outro nome que se chamava ao ditador Francisco Franco”; *Franquismo*: “Nome do período da ditadura de Francisco Franco”.

(48)

a) El practicante al que acudíamos formaba parte de unas instalaciones médicas de una **Iguala** que mis padres pagaban todos los meses.

(Página 9, linha 37)

b) O enfermeiro onde costumávamos ir, trabalhava numa das instalações médicas de uma **Iguala** que os meus pais pagavam todos os meses.

(Página 10, linha 9)

No capítulo Agulhadas (48) o autor cita a *Iguala* que, como explicado numa nota, é uma “Taxa anual paga em Espanha antigamente para o médico de família”. Neste caso a escolha de manter o termo original, além das razões já mencionadas ao longo da análise, foi ditada pela falta de correspondência na realidade portuguesa do mesmo sistema médico.

(49)

a) En esta y otras silvestres diversiones se ocupaba el tiempo en espera de la llegada del primer **morlaco**.

(Página 26, linha 33)

b) Nesta e em outras silvestres diversões ocupávamos o tempo à espera da chegada do primeiro **morlaco**.

(Página 25, linha 48)

(50)

a) —Siempre hay que intentar ir detrás del toro —aconsejaba Paulino y eso pretendimos hacer todo el tiempo, aunque el “**miura**” a veces era caprichoso y daba una vuelta de 180 grados, justo donde tú estabas.

(Página 26, linha 40)

b) —Tens sempre que tentar ir atrás do touro —aconselhava o Paulino e foi isso pretendemos fazer o tempo todo, apesar do “**miura**” às vezes ser birrento e dar uma volta de 180 graus, exatamente onde tu estavas.

(Página 26, linha 1)

No capítulo Touros de fogo (49 e 50) o autor menciona os nomes de duas raças de touro. Em ambos os o nome original foi mantido e foram usadas duas notas para comunicar ao leitor que o *morlaco* é um “Touro de lide de grande tamanho” e o *miura* é uma “Raça de touro”.

(51)

a) También recuerdo cómo Antonio tuvo la santa paciencia de enseñarme a jugar al **tute** siendo yo un niño.

(Página 43, linha 19)

b) Também me lembro de como o Antonio teve a santa paciência de ensinar-me a jogar ao **tute** quando eu era criança.

(Página 41, linha 6)

(52)

a) En particular, las partidas que más éxito cosechaban eran las

dedicadas a la “**perejila**”, que era un juego donde la sota de oros (la **perejila**) ejercía de comodín y que al tener unas reglas tan básicas, resultaba ideal para el consumo infantil.

(Página 53, linha 15)

- b) Em particular, as partidas que mais êxito colhiam eram aquelas dedicadas à “**perejila**”, que era um jogo onde a dama de ouros (a **perejila**) fazia de joker e que por ter umas normas tão básicas, era ideal para o consumo infantil.

(Página 49, linha 47)

Nos capítulos O calendário número 500 (51) e O polidesportivo (52) aparecem os termos *tute* e *perejila* que indicam, respectivamente, os jogos de carta que em Portugal são conhecidos como *bisca* e *trinta-e-um* (explicação nas notas). Podemos novamente notar como a proximidade cultural entre Portugal e Espanha se reflete em algo tão culturalmente vário como pode ser um jogo de cartas.

(53)

- a) Nuestros macutos escondían un riquísimo —y plúmbeo— tesoro en forma de botes de **fabada**, conservas de atún, magro de cerdo y otros comestibles enlatados; también leche condensada, galletas, chocolate...

(Página 28, linha 26)

- b) As nossas mochilas escondiam um delicioso -e plúmbeo- tesouro em forma de boiões de **fabada**, conservas de atum, carne magra de porco e outros comestíveis enlatados; também leite condensado, bolachas, chocolate...

(Página 27, linha 32)

Ainda, no capítulo O caminho do Cares I. A Convivência (53), há uma referência

culinária com o termo *fabada* que, como explicado nas notas, é uma “Feijoada branca típica de Asturias”.

(54)

a) Cursaba primero o segundo de **BUP** en el recién estrenado instituto del barrio, El María de Molina, cuando conocí a Ernesto.

(Página 15, linha 19)

b) Frequentava o primeiro ou o segundo ano de **BUP** no recém-estreado liceu do bairro, o Maria de Molina, quando conheci o Ernesto.

(Página 15, linha 9)

(55)

a) Hasta que a principios de siglo XXI empezaran a proliferar los desastres urbanísticos llamados **PAU's** y sus urgencias por ocupar todo el terreno posible con viviendas, dejando para después o para nunca los equipamientos, el barrio de San Ignacio era una de las lindes de la capital de España.

(Página 40, linha 10)

b) Até quando, no princípio do século XXI, começaram a proliferar os desastres urbanísticos chamados **PAU's** e as urgências de ocupar todo o terreno possível com casas, e de deixar para depois ou para nunca os equipamentos, o bairro de San Ignacio era um dos limites da capital de Espanha.

(Página 38, linha 8)

(56)

a) En mi caso tengo recuerdos muy vagos de los maestros que tuve hasta quinto de **EGB**, aunque los tres docentes que se encargaron de mi clase de sexto, séptimo y octavo, me dejaron un rastro inolvidable.

(Página 46, linha 13)

b) No meu caso tenho lembranças muito vagas dos professores que tive até ao quinto ano de **EGB**, apesar dos três docentes que se encarregaram das minhas aulas de sexto, sétimo e oitavo, deixarem um rastro inesquecível.

(Página 43, linha 40)

(57)

a) Con el tiempo nos distanciamos aunque, necesariamente, nos seguíamos viendo todos los días en el “María de Molina”, nuestro liceu de BUP y **COU**.

(Página 53, linha 46)

b) Com o tempo distanciamo-nos apesar de, necessariamente, continuarmos a ver-nos todos os dias no “María de Molina”, o nosso instituto de BUP e **COU**.

(Página 50, linha 21)

No texto original estão presentes várias siglas (54, 55, 56 e 57) que, por serem altamente comuns na linguagem coloquial espanhola, não se encontram explicitadas no texto original. Consideramos, portanto, necessário servir-nos de notas explicativas para indicar o significado das mesmas na língua espanhola e a tradução literal em português. No específico podemos ver a sigla BUP no capítulo “Troca de jogos” que está por “*Bachillerato Unificado Polivalente*”, corresponde ao ensino secundário português”, a sigla PAU no capítulo “O caldinho”, que indica o “*Programa de Actuación Urbanística* (Programa de Atuação Urbanística)”, a sigla EGB no capítulo “Testes sem avisar” que faz referência à “*Educación General Básica* (Educação Geral Básica)” e, finalmente, a sigla COU no capítulo “O

polidesportivo”, referente ao “*Curso de Orientación Universitaria* (Curso de Orientação Universitária)”. A tradutora considerou necessário entrar nos detalhes dos acrónimos acima analisados para poder proporcionar ao leitor uma compreensão clara e rica de detalhes.

3.1 O itálico para indicar os estrangeirismos

Na linguagem oral existem várias formas de transmitir uma mensagem que se encontra além da definição do termo em si, como por exemplo o tom e a inclinação da voz, as expressões faciais, os gestos, etc. Ao contrário, na linguagem escrita, a única possibilidade do autor é o utilização de modificações gráficas como o itálico, o sublinhado, o tamanho das letras, etc. Segundo as normas portuguesas, é recomendado o uso do itálico ou das aspas na grafia de estrangeirismos que ainda não foram adaptados à ortografia portuguesa. Por esta razão, todas as situações onde se optou por manter a forma original das palavras referidas no capítulo anterior, foram sinalizadas nesta tradução com o itálico.

4. OUTRAS QUESTÕES

Nesta seção iremos analisar aqueles casos onde houve a necessidade de tomar uma escolha de tradução por parte da tradutora e que não puderam ser tratados até este momento por serem, embora ligeiramente, situações diferente daquelas já mencionadas ao longo da presente análise. No específico falaremos de desafios culturais não estreitamente relacionados com a presença de um nome próprio, a exigência de acrescentar ou omitir alguns elementos no texto de chegada e (de forma muito limitada) a pontuação.

4.1 Aspetos culturais secundários

No capítulo anterior examinámos muitos casos de tipos diferentes de nomes próprios presentes no texto de partida que indicavam um aspeto cultural que a tradutora decidiu manter para salvaguardar da melhor forma possível a autenticidade do texto original. Apesar disso, em várias situações encontramos-nos frente a um desafio linguístico estreitamente ligado à

cultura, embora sem a presença de um nome próprio que determinasse o mesmo. A seguir veremos e examinaremos alguns exemplos.

(58)

- a) Tengo entendido que esta bonita y sencilla tradición se ha desmadrado en nuestros tiempos y ha derivado en una fiesta que recuerda a las cervantinas “**bodas de Camacho**” y mucho estresa a los padres y sus bolsillos.

(Página 12, linha 26)

- b) Reparei que esta bonita e simples tradição descontrolou-se nos nossos tempos e derivou numa festa que lembra as cervantinas "**bodas de Camacho**" e stressa muito os pais e os seus bolsos.

(Página 12, linha 33)

No exemplo acima (58), extraído do capítulo Feliz aniversário o autor faz referência a uma obra literária de bastante espessura cultural na cultura de partida. Em particular foi mencionado o casamento do rico Camacho, uma personagem fictícia criada pelo escritor Miguel de Cervantes e apresentada na segunda parte da sua obra maestra *Dom Quixote de la Mancha*. A relevância que este trabalho tem na cultura castelhana e na formação de todos os espanhóis desde séculos, permite que a simples menção deste casamento remita à memória um gasto exagerado de dinheiro para organizar uma festa, e este elemento pôs o autor na posição de referir-se de forma sarcástica às festas de aniversário das crianças atuais através duma simples citação que não precisa ser explicada. Ao contrário, a falta de conhecimentos detalhados da obra em questão por parte do auditório português, obrigou a tradutora a acrescentar no texto de chegada uma nota explicativa que clarificasse ao leitor o porquê de tal referência: “Faz referência ao casamento do rico Camacho, personagem fictícia da obra *Dom Quixote*”.

(59)

a) Siempre he pensado que fue la época dorada de esos establecimientos llamados “**tiendas de decomisos**”. En la del barrio, justo al lado de la Peluquería Marcial, compraba yo los casetes vírgenes para poder hacer dichas copias de seguridad.

(Página 15, linha 33)

b) Sempre pensei que foi a época dourada desses estabelecimentos chamados de “**tiendas de decomisos**”. Naquela do bairro, mesmo ao lado da Peluqueria Marcial, comprava eu as fitas virgens para poder fazer as ditas cópias de segurança.

(Página 15, linha 23)

No capítulo Troca de jogos (59) aparece a definição de “tienda de decomisos”, que segundo a definição do dicionário online “Clave” é um “Establecimiento comercial en el que se venden a bajo precio mercancías de contrabando que han sido confiscadas por el Estado”. Dado que esta realidade não existe na cultura portuguesa não foi possível achar um correspondente para substituir este conceito no texto de chegada e foi necessário optar, portanto, por explicar numa nota que a autor se refere a “lojas que vendem produtos livres de impostos dado que não foram abonados ao Governo”.

(60)

a) —Verás Mario, cuando yo tenía tu edad estaba tan preocupado como tú antes de ir por primera vez al colegio —me confesó mi padre—, pero cuando llegué al “**cole**” el primer día vi que no era tan malo; al contrario, era genial, porque me enseñaron a dibujar, y a leer y a escribir y un montón de cosas divertidas... Ya verás.

(Página 44, linha 15)

b) —Sabes Mario, quando tinha a tua idade estava tão preocupado como tu antes de ir pela primeira vez ao colégio —confessou o meu pai—, mas quando cheguei ao “cole” no primeiro dia vi que não era assim tão mau; pelo contrário, era brutal, porque me ensinaram a desenhar, e a ler e a escrever e um monte de coisas divertidas...vais ver.

(Página 41, linha 54)

No capítulo Volta para o colégio (60) o autor retoma o uso de uma abreviação muito comum entre os jovens castelhanos para fazer referência à escola: “cole”, da palavra “colegio”. É importante não perder esta conotação no texto de chegada desde que, o contexto em que ela aparece transmite mais uma mensagem secundária por parte do autor. De facto, neste fragmento o pai da criança protagonista, o Mario, está a tranquilizar o filho sobre o primeiro dia de escola e escolhe, portanto, utilizar a expressão “cole” (no texto original também assinalado através de aspas) para criar uma certa empatia e proximidade entre as duas gerações. Por esta razão a tradutora achou interessante explicar tal conceito na nota: “Abreviação de “colégio” muito usada entre os jovens espanhóis”.

(61)

a) —Menudo **remolino** que tienes aquí detrás —decía el peluquero en mitad del esquilado.

—Sí. **Así ha salido el niño de malo** —terciaba mi madre, otra vez, de manera tradicional.

(Página 9, linha 18)

b) —Olha que **remoinho** tens aqui atrás —dizia o barbeiro a meio da rapadura.

—Sim. **Esta criança é da ruindade** —cortava a minha mãe, outra vez, de forma tradicional.

(Página 9, linha 45)

No caso acima apresentado (61), selecionado do capítulo O corte de cabelo, aparece

uma correspondência muito interessante entre a cultura de partida e a cultura de chegada. De facto, tanto na Espanha como em Portugal, ter um ou mais remoinhos na cabeça não é considerado um sinal positivo, sobretudo nas crianças. A definição de “remolino” no Dicionario Clave em linha é: “Conjunto de pelos que salen en diferentes direcciones y que son difíciles de peinar.”, e no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, o “remoinho” é definido como a “Disposição do cabelo em espiral.” Alguns estudos afirmam que a presença e a forma do remoinho é puramente genética, porém é comum nas duas culturas acreditar que, visto que o cabelo e o cérebro no feto se formam ao mesmo tempo, a presença de remoinho possa levar a uma alta hiperatividade ou a problemas mentais. Não há provas científica acerca deste assunto mas é certo que algumas estatística demonstram que as crianças com um ou mais remoinhos na cabeça costumam ser mais vivaces do que os companheiros sem remoinho. A nível de tradução foi relativamente simples transmitir esta mensagem graças à expressão portuguesa “ser da ruindade” para referir-se aquelas crianças que são particularmente animadas e que possuem um remoinho no cabelo.

A presença desta seção é importante dentro de uma análise de tradução para apresentar os vários desafios derivados da diferença de cultura e que põem o tradutor numa constante posição de escolha e selecção desde que são assuntos tão vários que é impossível criar uma norma específica por cada caso. Para concluir, podemos dizer que a forma do tradutor enfrentar cada um destes obstáculos é o que o mesmo deixa da própria personalidade dentro do texto de chegada.

4.2 Adição e omissão de elementos no texto de chegada

Durante o ato de tradução dum texto, independente do par linguístico em questão, o tradutor encontra-se inúmeras vezes com a responsabilidade de escolher a melhor forma de transmitir a mensagem, seja que for principal ou secundária, que o autor decidiu passar no texto de partida. Para cumprir tal tarefa por vezes é necessário acrescentar elementos que possam de forma fluida ajudar o leitor a interpretar algumas passagens particulares ou omitir outros elementos pouco relevantes que criariam confusão e falta de naturalidade no texto de chegada. A seguir veremos alguns exemplos a propósito.

(62)

a) Un verano mi padre me compró allí mismo el número 1 del Jabato, “Esclavos de Roma”, de Ediciones Bruguera; una reedición que se publicó en los primeros años ochenta con el formato de la colección “Olé!”. Aún la conservo.

(Página 18, linha 9)

b) Num verão o meu pai comprou-me ali mesmo o número 1 **da banda desenhada** do Jabato, “Esclavos de Roma”, de Ediciones Bruguera; uma reedição que foi publicada nos primeiros anos oitenta com o formato **do álbum** da coleção “Olé!”. Ainda a guardo.

(Página 17, linha 34)

No capítulo *El Jabato* no teatro chinês (62) a tradutora viu-se de certa forma obrigada a acrescentar a definição “banda desenhada” diante do título “Jabato” para esclarecer ao leitor do texto de chegada a referência que o autor usou inclusive no título do capítulo. “El Jabato” (autor: Victor Mora) é, de facto, um super-herói dos desenhos aos quadrinhos com o mesmo nome que aparece na forma de lutador romano. Dado que esta banda desenhada é relativamente conhecida também na cultura portuguesa consideramos suficientes adicionar um pequeno elemento explicativo que esclarecesse ao leitor do texto de chegada tanto o título como o conteúdo do mesmo. A mesma razão levou a tradutora a optar por se servir da expressão “álbum” para não dar espaço a confusões ou desentendimentos no texto de chegada.

(63)

a) Cuando ya teníamos instaladas las sombrillas y tumbonas, mi madre me embadurnaba de crema solar **factor “tropecientos”** y me ponía una gorra.

(Página 22, linha 21)

- b) Quando já tínhamos instalados os guarda-sóis e as espreguiçadeiras, a minha mãe untava-me de creme solar **com o fator mais alto** e punha-me um boné.
(Página 22, linha 4)

No fragmento acima referido (63) e pertencente ao capítulo Veraneios em Oropesa II. A praia. podemos ver claramente como no texto de chegada o autor se serve duma hipérbole para comunicar que a mãe do protagonista, no seu excesso de protecção, aplicava o creme solar com o maior fator protetivo na pele da criança para a proteger da acção do sol. Dada a falta de correspondência da expressão “tropecientos” na língua portuguesa, a tradutora optou por explicitar o conceito usando a expressão “com o fator mais alto”, ciente que esta escolha implicasse uma perda de ironia que o autor quis transmitir ao escolher utilizar uma expressão hiperbólica.

(64)

- a) Y ya sólo nos queda el tercer docente, pero para este ser atroz (y otros de su misma calaña), **que Dios confunda a todos**, dedicaremos una “nostalgia pretérita” entera, tal es el horror que dejaron sus maldades en mi memoria.
(Página 48, linha 4)
- b) E já só faltava o terceiro docente, mas para este ser atroz (e outros da sua mesma laia), dedicaremos uma “nostalgia pretérita” inteira, tanto é o horror que deixaram as maldades deles na minha memória.
(Página 45, linha 17)

No capítulo Testes sem avisar (64), o autor decide utilizar a expressão idiomática “que Dios confunda a todos” pouco usada na linguagem coloquial e para a qual não existe uma correspondência na língua portuguesa. Desta forma o autor pretende expressar uma maldição com uma ponta de humor. Considerada a falta de equivalência da expressão em análise na

língua de chegada, a tradutora optou por omitir a mesma, de forma a evitar o uso de uma locução que poderia resultar demasiado forte e negativa na cultura de chegada.

(65)

a) En esto llegó una pareja de la guardia civil, enfundada en su capa de agua y con su tricornio, que **como sabemos** era la legendaria y tétrica uniforme de la época.

(Página 20, linha 17)

b) Nisto chegaram dois guardas, enfiados nas capas e com os seus tricórnios, que era o lendário e tétrico uniforme da época.

(Página 20, linha 12)

Para terminar, no fragmento acima mencionado (65, capítulo Dominguerismos) foi novamente necessário omitir a locução “como sabemos” desde que no texto de partida a mesma está a indicar que a uniforme dos guardas-civis da época é um elemento muito conhecido na cultura espanhola. A seguimento desta consideração podemos determinar que, sendo uma característica tão estreitamente ligada à cultura espanhola, não teria o mesmo impacto a expressão “como sabemos” no texto de chegada.

4.3 Pontuação

Pontuação, de modo geral é aquilo que permite expressar ritmo, melodia e aspectos da fala, do idioma falado. É um recurso de escrita que permite caracterizar como na fala, o idioma escrito. São basicamente marcações gráficas que auxiliam a forma escrita do idioma. Cada tipo de pontuação tem a sua função própria, como por exemplo a vírgula, que separa palavras para dar pausa (em alguns casos), ou o ponto final que serve para indicar que a frase terminou, diferente dos pontos de exclamação e interrogação, que representam questões, dúvida e espanto, respectivamente. A pontuação é sempre empregada para dar coerência, uma vez que ao expressar determinado sentimento, é preciso que se coloque a pontuação correta na

frase, para que não se mude o sentido, ou se tire a coesão, para que a frase tenha duplo sentido e entre outros problemas gráficos. É a pontuação que permite a coesão textual e permite que o texto fique compreensível para quem o lê. A pontuação é necessária para qualquer texto escrito, se o autor quer se fazer entender e deseja passar clareza naquilo que ele apresenta ao leitor. Quem não utiliza a pontuação, dificilmente consegue transmitir com clareza, coesão e facilidade aquilo que deseja mostrar. Apesar disso, se a sua falta causa problema, o uso em excesso ou de forma inadequada da mesma também trará prejuízos ao texto. Portanto, para se ter um bom proveito é necessário aplicar de forma correta a pontuação a fim de alcançar o objetivo de transmitir corretamente a mensagem desejada. A pontuação surgiu aos poucos na história, uma vez que o hábito de ler era extremamente restrito na Idade Média e não se tinha tamanha preocupação com leitura e escrita impecável. Embora haja registros de utilização do ponto final, ainda no Egito antigo, os demais símbolos gráficos foram surgindo com o passar dos anos, sua grande maioria surgiu após o final da Idade Média.

Contudo, nem todos os idiomas usam os mesmos pontos e com as mesmas funções. Isto ocorre pela enorme diversidade desses sinais e as enormes diferenças que existem entre alguns idiomas. Considerada a origem latina tanto da língua castelhana como da língua portuguesa, não existem grandes diferenças no uso dos vários sinais de pontuação entre os dois idiomas mas é importante dedicar uma particular atenção à presença da vírgula em alguns pontos do texto original que notificariam um grave erro ortográfico no texto de chegada.

4.4 Lapsos no texto de partida

Considerado o tradutor “o único autêntico leitor” de um texto, segundo a definição de Bufalino, a ele toca também notar e referir todas as falhas ortográficas ao autor do texto de partida. De facto, apesar das inúmeras revisões tanto automáticas como manuais as quais é submetido um texto antes da sua publicação, este apresentará sempre algumas pequenas falhas, que na maioria dos casos passarão despercebidas por um leitor comum, focado claramente mais no conteúdo da história do que na forma em que a mesma é escrita e estruturada. Portanto, retomando o tópico de reflexão sobre o papel do tradutor no processo comunicativo, presente no capítulo I (questões iniciais) do presente relatório de projeto, e tendo em consideração que o objetivo da nossa tradução é transmitir uma realidade cultural diferente e próxima ao mesmo tempo, acreditamos que,

tal como Herbulot (1997) sustenta, tendo o tradutor detetado algum erro ou lapso no texto de partida, deverá intervir, de forma a proporcionar ao seu leitor um texto com informações corretas e por ele verificadas, resultado de uma leitura atenta e crítica do texto original.

No caso específico de “Nostalgias pretéritas” foram detectadas várias falhas ortográficas não intencionais mas houve alguns casos onde foi necessário um contacto entre a tradutora e o autor do texto de partida para evitar que a falta de compreensão por parte da tradutora pudesse interferir no significado e na qualidade da tradução.

(66)

a) A los ojos del niño que yo era, el tío Tito resultaba ser aquel señor que cuando llegaba a Madrid te traía regalos de sitios insospechados, te montaba en la cabina de un tráiler enorme —tanto como para tener un **colchó** para dormir detrás de los asientos del piloto y el copiloto—, y te llevaba a un circo; lugar este absolutamente exótico y diferente de cualquiera de los ambientes en que yo me podía mover a tan corta edad.
(Página 18, linha 14)

b) Aos olhos da criança que eu era, o tio Tito resultava ser aquele senhor que quando chegava a Madrid trazia prendas de lugares inimagináveis, fazia-te montar na cabina dum semirreboque enorme (tanto que tinha um **colchão** para dormir por detrás dos assentos do piloto e do co-piloto), e levava-te a um circo; lugar absolutamente exótico e diferente de qualquer um dos ambientes em que eu me podia mover quando era tão novo.

(Página 17, linha 39) No exemplo acima referido (66) e extraído do capítulo *El Jabato* no teatro chinês, podemos ver como a falha ortográfica do texto de partida “colchó” em vez de “colchón”, não significa de forma alguma uma dificuldade para o tradutor, dado que é um erro de fácil identificação e que não existe em castelhano nenhum significado relacionado à palavra “colchó”. A tradutora limitou-se então a traduzir a palavra na sua forma correta para

“colchão”, correspondente português de “colchón”.

(67)

a) Algunos eran de los llamados “buscapiés”, que **rectan** por el suelo y son realmente peligrosos.

(Página 26, linha 31)

b) Alguns eram dos chamados “busca-pés”, que **reptan** pelo chão e são realmente perigosos.

(Página 25, linha 46)

Ao contrário do exemplo anterior, no fragmento (67) procedente do capítulo “Touros de fogo”, a falha ortográfica do autor no texto de partida supôs uma grande dificuldade para a tradutora, dado que na língua espanhola existe o verbo “rectar” e tem a seguinte definição: “tr. p. us. Hacer recto, rectificar” (Diccionario en línea da Real Academia Española). Após ter comunicado com o autor, este esclareceu que o verbo em questão era, na verdade, “reptar”, cujo significado é “Andar o desplazarse arrastrando el cuerpo” (Clave) e indica o andamento típico do reptis. O mesmo verbo existe em português com a mesma conotação, portanto, uma vez aclarada a confusão, foi simples obviar a este mal-entendido.

Para concluir gostaríamos de contrastar a afirmação de François Vauclose acerca do facto que “Todos os autores temem o tradutor, o único leitor lúcido”. Houve de facto uma grande colaboração por parte do autor Mario Garrido Espinosa que além de esclarecer com muito entusiasmo todas as dúvidas da tradutora mostrou um grande interesse em receber uma lista de todas as falhas detectadas ao fim de melhorar cada vez mais a qualidade da própria obra.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como objetivo o comentário da tradução efetuada ao longo do Trabalho de Projeto integrado no Mestrado em Tradução da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

O trabalho foi efetuado em duas fases, a primeira coincide com a proposta de tradução da obra *Nostalgias Pretéritas* (2016), da autoria de Mario Garrido Espinosa, e a segunda com elaboração de uma análise de tradução, onde tratamos algumas questões linguísticas e de tradução que destacaram ao longo do nosso processo de tradução, e apresentamos, seguidamente, as estratégias utilizadas para a sua resolução.

Apesar de termos identificado várias questões de tradução que seria igualmente interessante analisar, por uma questão de restrição de espaço neste relatório, focámo-nos nos aspetos que apareceram no texto de forma mais frequente e que implicaram um maior desafio para a tradutora, nomeadamente aspetos lexicais, sintáticos e culturais.

O relatório desenvolveu-se em dois capítulos. No capítulo I, intitulado “Questões iniciais”, num primeiro momento, procedemos à caracterização da obra e da autora; a seguir, refletimos sobre o papel do tradutor no processo comunicativo, sobre as situações em que o mesmo tem a responsabilidade de tomar uma decisão que poderia modificar por inteiro o estilo do texto traduzido e sobre a importância fundamental desta figura para servir de ponte entre duas culturas.

No capítulo II, intitulado “Análise de questões de tradução”, analisámos algumas questões, problemas e dificuldades de tradução que surgiram ao longo do trabalho desenvolvido e sobre as escolhas tomadas pela tradutora para a resolução dos mesmos. O capítulo estruturou-se em quatro partes, a primeira referente a aspetos lexicais, a segunda a aspetos sintáticos, a terceira a aspetos culturais e, por fim, a quarta a outras questões de tradução relevantes para o presente trabalho.

Relativamente aos aspetos lexicais focámos a nossa atenção em quatro pontos principais: nível linguístico, combinatórias lexicais, estrangeirismos e neologismos e jogos de palavras.

No primeiro ponto, analisamos o estilo utilizado pelo autor na escritura do texto de origem e a sua tendência a preferir a linguagem informal e coloquial por uma questão de coerência com o tema da obra (o relato conta as lembranças de infância da criança protagonista). Na seção relativa às combinatórias lexicais tratámos de forma teórica a

natureza das mesmas e, contemporaneamente, apresentamos vários exemplos para demonstrar o desafio que implica a transmissão destes elementos de uma língua para outra. No terceiro ponto, considerada a frequência de aparição dos mesmos no texto de partida, abordámos o tema dos estrangeirismos e a forma como estes se apresentam no texto de chegada. Para terminar, o último ponto abordou o tema dos neologismos e dos jogos de palavras, sendo estes também relativamente frequentes dentro do texto.

Na secção relativa aos aspetos sintáticos analisámos os temas da propriedade de seleção categorial dos predicados verbais, a colocação dos pronomes, as expressões com possessivos, a presença e omissão do sujeito, as formas ativas e passivas e as simplificações sintáticas. No primeiro ponto destacámos aquelas situações em que os elementos gramaticais das duas línguas, nomeadamente os predicados verbais, apesar da proximidade gráfica, lexical e de significado, regem elementos diferentes em espanhol e em português. Na segunda secção focamos a nossa atenção sobre a posição dos pronomes dentro da frase na língua de partida e na língua de chegada. Abordámos a seguir o tema das expressões com possessivos, cuja ocorrência varia de uma língua a outra. No quarto ponto abordámos a questão relativa à presença ou omissão do sujeito e como isto se reflecte no texto de chegada. Seguidamente falámos das formas ativas e passivas e de como estas aparecem dentro dos textos de partida e de chegada. Para terminar, na última secção analisamos a necessidade de intervir em alguns momentos com uma simplificação sintática para poder proporcionar fluidez e naturalidade ao texto de chegada.

A seguir abordámos as questões culturais que surgiram ao longo da tradução e que, ao parecer da tradutora e autora do presente relatório, constituem a parte mais fundamental não somente da presente tradução mas de todas as traduções, independente do par linguístico e do tipo de texto. Foram apresentados vários exemplos de diferente tipo e as consequentes estratégias utilizadas para a tradutora ao fim de manter sempre que possível a mensagem que o autor queria transmitir intacta. Nesta secção também foi abordado o tema do itálico como recurso para assinalar a presença de estrangeirismos.

Na última secção focámos a nossa atenção sobre outras questões de tradução relevantes para este trabalho que não eram integráveis nas secções anteriores, como os aspetos culturais secundários, que por razões logísticas não foi possível inserir na secção precedente, a adição e omissão de elementos no texto de chegada para manter a fluidez do mesmo, a pontuação e as diferenças que existem entre as duas línguas em relação à mesma, os lapsos no texto de partida e a tradução de citações dentro do relatório, considerada a variedade linguísticas dos autores nele mencionados.

Por último, em Anexo, apresentamos a nossa proposta de tradução da obra *Nostalgias Pretéritas*, desenvolvida no decurso da primeira fase deste Trabalho de Projeto.

Como já foi referido na, o trabalho desenvolvido representou um grande desafio para a tradutora que, por não ser nativa nem da língua de partida nem da língua de chegada, se viu muitas vezes na posição de individuar um problema linguístico que precisava ser resolvido e cuja resolução requereu um grande trabalho de pesquisa e investigação. Por esta e por outras razões a tradutora optou sempre por manter à fidelidade ao texto e por adicionar elementos (na tradução é presente um considerável número de notas explicativas) que não alterassem, sempre que possível, a mensagem que o autor quis transmitir através das escolhas linguísticas tomadas no relato do texto da obra seleccionada como texto de partida. A tal propósito gostaríamos de concluir este trabalho com uma citação em língua original do linguista e crítico literário italiano Benvenuto Aronne Terracini, seguida pela tradução da mesma para o portuguesa realizada pela tradutora.

«Questo deve fare il perfetto traduttore; senza sviarsi né a destra né a sinistra deve trovare la ragione espressiva della propria fatica; la sua personalità non si annulla perché non può, ma si fa trasparente, si riduce come una parete di cristallo che lascia vedere senza deformazioni ciò che sta dall'altra parte, ma che con il suo spessore mantiene separati gli ambienti.»

(Terracini)

«Eis o que tem que fazer o tradutor perfeito; sem desviar nem para a direita nem para a esquerda tem que encontrar a razão expressiva da própria fátiga; a personalidade dele não se anula porque não pode, mas torna-se transparente, reduz-se como uma parede de cristal que deixa ver sem deformações o que está do outro lado, mas que com a sua espessura mantem separados os ambientes.»

(Rizzo)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCOS, Emilio Llorach (1999). *Gramática de la lengua española*. Real Academia Española, Colección Nebrija y Bello. Madrid: Editorial Espasa Calpe, S.A.

BRITO, Ana Maria (2003). Categorias sintáticas. In MATEUS, Maria Helena Mira, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE, Isabel Hub FARIA, Sónia FROTA, Gabriela MATOS, Fátima OLIVEIRA, Marina VIGÁRIO & Alina VILLALVA (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 5ª edição revista e aumentada, pp 323-417.

BUFALINO, Gesualdo (1987) *Il malpensante*, 1987. Milano: Bompiani.

Collins English Dictionary [online]. <https://www.collinsdictionary.com/pt/>

Diccionario Clave. Diccionario del uso del español actual. [en línea]. <http://clave.smdiccionarios.com/app.php>

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/vitima> [consultado em 16-09-2019].

DUARTE, M. E. L. (1995). A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro. Tese (Doutorado), UNICAMP.

FILLIACI, Francesca. 2011.

GARCÍA YEBRA, Valentín. (1985). *Traducción y enriquecimiento de la lengua del traductor*. Madrid.

GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris, Lib. Larousse, 1975.

HATIM, Basil & Ian MASON (1990). *Discourse and the translator*. London: Longman.

HERBULOT, Florence (1997). «O tradutor dilacerado». In JORGE, Guilhermina (coord.).

Tradutor dilacerado: reflexões de autores franceses contemporâneos sobre tradução. Lisboa: Edições Colibri, pp. 103-112.

HOLMBERG, Anders. 2011.

MARTINS, Ana Maria (2013). Posição dos pronomes pessoais clíticos. In RAPOSO, Eduardo Bozaglo Paiva, Maria Fernanda Bacelar do NASCIMENTO, Maria Fernanda, Maria Antónia COELHO DA MOTA, Luísa SEGURA, Amália MENDES, Graça VICENTE, & Rita VELOSO (orgs.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp.2231-2301.

NEWMARK, Peter (1988). *A Textbook of Translation*. London: Longman.

NORD, Christiane (2003). «Proper names in translations for children: *Alice in Wonderland* as a case in point». *Meta: Translators' journal*, vol. 48, nº1-2, pp. 182-196. Disponível em: <http://www.erudit.org/revue/meta/2003/v48/n1-2/006966ar.html>

REZENDE, J.M. *Linguagem médica*, 2.ed., Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 1998

da SILVA PEREIRA, Diana Isabel (2015). *Trabalho de Projeto: Questões de tradução relevantes na obra “Kana, alma de mujer”*. Lisboa: FLUL.

TERRACINI, Benvenuto.

ULLMANN, S. *Semântica. Uma introdução à ciência do significado*, 4.ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

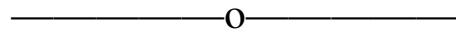
VAUCLUSE, François.

VERMES, Albert Péter (2003). «Proper names in translation: An explanatory attempt». *Across Languages and Cultures*, 4(1), pp. 89-108. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1556/Acr.4.2003.1.5>

ANEXO

Proposta de tradução da obra *Nostalgias Pretéritas*

Mario Garrido Espinosa



Nostalgias Pretéritas

Tradução: Agnese Rizzo

Resumo:

“Nostalgias Pretéritas” é uma coleção de recordações de infância e juventude, onde o autor solta as rédeas à sua costumada ironia, mas, desta vez, coberta pela ternura e a beleza das memórias um pouco mitificadas. Algumas destas “Nostalgias” foram publicadas durante o ano 2016 em diferentes redes sociais literárias com grande êxito. Os leitores reconheciam as vivências do protagonista como próprias, seja porque viveram situações parecidas ou porque lhes faziam lembrar outras que já tinham esquecido. Este reconhecimento não se fez sentir apenas entre os leitores espanhóis; também foram encontradas semelhanças na Argentina ou México. Afinal, as crianças não deixam de ser crianças por estarem no outro lado do planeta. Volta a viver a ilusão de quando te compraram uma simples banda desenhada, o terror puro de quando tinhas que visitar o enfermeiro, a alegria do veraneio na praia, a simplicidade dos aniversários da tua infância, exatamente como eram no último quarto do século passado; mas cuidado, talvez te possa surpreender o quão este livro se parece com a tua própria biografia.

Breve biografia do autor:

Nascido em Madrid em 1972, é Engenheiro Técnico em Informática de Sistemas na Universidad Politécnica de Madrid. Em âmbito laboral, fez parte de diversos projetos informáticos para distintas companhias e para o Ministério de Defesa. Apesar da formação e atividade dentro do terreno técnico, a paixão dele é a literatura. Escreveu vários contos (“Feliz

Navidad... o no”) e relatos de viagem (“Los viajes del cambio de siglo”). Nas Redes Sociais conseguiu ter um certo eco graças ao conto “Amor de consultor informático” (publicado na revista literária Almiar no 18/08/2016) e à série “Nostalgias Pretéritas”. As obras mais ambiciosas dele, até agora, são a novela de aventuras “El Reino de los Malditos”, publicada pela Editorial Leibros, e a novela contemporânea sobre o mundo da informática “Las sinergias de Marcio”.

Dedicatória:

Aos meus pais, irmãos e todas as personagens secundárias destas nostalgias.
A todos aqueles que reconhecerão trechos da própria vida ao ler este livro.

Índice de conteúdos

LIVRO I — O BAIRRO E OS SUS COSTUMES	5
A Avozinha	5
Troca de bandas desenhadas	6
Cinema de bairro	7
O corte de cabelo	8
Agulhadas	9
Un médico e dois diretores	11
Feliz aniversário!	12
O terceiro grau antes do Segundo Sacramento	13
Troca de jogos	14
Alergias controladas	16
El Jabato no Teatro Chinês	17
LIVRO II — VERANEIOS E OUTRAS AVENTURAS	18
Dominguerismos	18
Veraneios em Oropesa I. O primeiro dia.	19
Veraneios em Oropesa II. A praia.	20
Veraneios em Oropesa III. Sestas, Carmelitanos e temporales.	21
O campo de concentração	22
Toros de Fogo	24
O caminho do Cares I. A Convivência	25
O caminho do Cares II. El Passo dos Lagos de Covadonga	27
O caminho de Cares III. A mulher da curva	29
Caranguejos de rio	31
Terror na casa rural	32
LIVRO III — DOCÊNCIAS E OUTRAS MISÉRIAS	36
Anos finais da ditadura	36
O caldinho	36
O calendário número 500	39
Volta para o Colégio!	40
Testes sem avisar	42
Leituras obrigatórias	44

Judo	46
O Polidesportivo	47
Basquete feminino	49
Expressão artística	52

LIVRO I — O BAIRRO E OS SUS COSTUMES

A AVOZINHA

Em algumas tardes, quando eu era criança, costumávamos ir visitar a avó Maria. Primeiro, a minha mãe e eu, íamos buscar a melhor amiga dela, a Loli, dado que a casa dela ficava a caminho. Depois de a avisar através do intercomunicador, descia junto com a filha dela, a Eva, que tinha mais ou menos a minha idade, e os quatro dávamos um passeio até à casa da avó. Por isso, tínhamos que atravessar a fila de casas chamada Santa Margarita, circunscção indeterminada que, na teoria, separa as urbanizações de San Ignacio de Loyola e Parque Europa, todas elas pertencentes ao bairro de Las Águilas, e que, junto com muitas outras da mesma espécie, conformam essa colina que chamamos de cidade; entidade, esta, que sabemos que se divide em distritos, bairros, urbanizações, subúrbios, paróquias, vizinhanças, zonas e outros territórios que, na realidade, ninguém sabe com certeza onde começam e onde acabam. A meio caminho esperava-nos uma mítica passagem superior. Por debaixo daquela velha ponte vermelha, escorria uma linha de comboio que ia parar aos quartéis de Campamento ou em qualquer outro lugar inesperado. Eu nunca cheguei a ver um comboio por essa linha, mas sim lembro —ou, se calhar, aconteceu só na minha imaginação- o som do apito da locomotiva, que se ouvia à distância desde qualquer outro lugar do bairro, desde a casa dos meus pais ou enquanto esperava com impaciência que acabasse a tediosa missa, num domingo qualquer, metido, muito contra à minha vontade, na igreja localizada paralelamente à rua. O nosso humilde bairro era muito especial: tinha vários nomes, um enorme polidesportivo, o aeródromo mais antigo de Espanha, grandes parques, recônditas zonas militares onde chegavam legendários comboios que ninguém tinha visto e aquela passarela vermelha, cada dia mais desconjuntada e roída e que, na verdade, só usávamos nós que éramos crianças, dados que os adultos preferiam atravessar a rua deserta.

—Tenham cuidado ao subir! E não corram! —avisava-nos alguma das duas mães.

E então, a minha companheira de jogos e eu, fingindo não ouvir, corríamos pelas rampas de subida em zig zag até chegar ao cimo. Amávamos atravessar pela zona alta, dado que a elevação que alcançava era muito considerável e vibrava à nossa passagem —sem falar de quando resolvíamos começar a pular-, até resultar uma pequena aventura atravessá-la.

Hoje em dia, tudo isto tem desaparecido —a passagem superior, a linha, o quartel...bom, a igreja continua aí; há coisas que o progresso não pode eliminar com tanta facilidade-, mas naquele tempo era como a separação de duas cidades. A modesta mas moderna San Ignacio e o, aparentemente, humilde Parque Europa, com os seus ortogonais prédios gigantescos com muitos andares, varandas coladas umas às outras e infinitos andares nas suas entranhas. Verdadeiras colmeias que, arquitetonicamente falando, pareciam-me um horror e que com o tempo e depois de observar as construções dos indizíveis apartamentos de proteção oficial que germinaram por toda Madrid nas décadas seguintes, acabei por ver como algo que, dentro do seu caráter funcional, não estava tão mal.

Num destes geométricos prédios, num apartamento baixo, vivia a avó Maria. Esse era o nosso objetivo final daquelas tardes: visitar esta mulher, que era a mãe da Loli. Dito de outra maneira, familiarmente falando, não me era nada, mas, se tenho alguma lembrança de infância onde apareça uma avó, essa é para esta senhora pequenina, encolhida, toda vestida de preto, pouco faladora e com um rosto infinitamente bondoso. Durante a minha infância foi a única avozinha que via com uma certa assiduidade, dado que a minha avó materna faleceu antes que eu nascesse e a minha avó paterna, naquele tempo, vivia em Alicante; de maneira que esta senhora era a única referência que tinha no bairro em termos de avós.

Nas lembranças que tenho de quando era uma criança muito pequena —que é inevitável que se tendam a mitificar-, a mulher sempre aparece sentada num cadeirão de orelhas, a ocupar um canto da pequena sala do rés-do-chão, por cuja janela, o barulho da rua, que estava no mesmo nível, metia-se sem ser convidado. Pela casa também costumava estar o avô, mas este era um senhor muito sério, alto e que presumia que tinha muito mau feitio e exercia-o. Não tenho uma especial lembrança deste senhor. Ao contrário, lembro-me perfeitamente da avó Maria, que mal conseguia levantar-se da cadeira e recebia-te com beijos e abraços e, então, tu sentias a fragilidade dela, o cheiro a limpo, a suavidade das bochechas quase transparentes, a bondade dela.

Depois, a neta dela e eu, saíamos para brincar na rua até que nos chamassem para lanchar. Na mesa aparecia uma bandeja com uns bolos de amêndoas que eram deliciosos. Cada peça tinha forma retangular, tudo coberto de uma massa de maçapão com a adição de chocolate em cada extremo. Dentro ocultava-se um esponjoso bolo rodeado de creme pasteleiro. Delicioso. Impossível resistir. A avó Maria comprava-os numa pastelaria que estava ali perto quando a filha a avisava que a gente ia. Só Deus sabe quanto custavam e do que ela se privava para os comprar. Mas ela sabia que a neta e eu os comíamos como o manjar que eram, deixando o prato limpo. E ela sorria feliz ao ver-nos.

Quando terminava a visita, voltávamos a entrar em casa e despedíamos-nos da avó. A avó, escondendo os seus atos para o avô não a ver, tirava do mealheiro alguns tostões e dava-os à neta e a mim às escondidas.

—Mamãe, não lhes dê nada —repreendi-a a filha.

Mas ela insistia e nós recolhíamos o pequeno botim com a avarícia própria das crianças. E, provavelmente, faríamos bom uso dele ao comprar futuras guloseimas.

Segundo a lei da vida, a mulher faleceu, mas eu lembrar-me-ei dela em cada Natal. Nestas datas, uma célebre marca cujo negócio é a confeitaria industrial, ficou com a exclusiva dos bolos de amêndoa. No final do ano, coloca-os à venda junto com outros produtos natalinos diferentes. Chama-os “marpeipis” e são apresentados em pacotes individuais. Mas não têm nada a ver com os que nos comprava a avó Maria. Aqueles eram grandes e esponjosos e tinham que alimentar o suficiente para não jantar nesse dia. Os de agora são raquíticos e a percentagem de amêndoas que levam deve ser testemunhal. São bons, ainda que se pareçam muito pouco com aqueles com que lanchava naquele apartamento baixo de Parque Europa; de qualquer forma, fazem com que não me esqueça nunca da “avozinha”.

TROCA DE BANDAS DESENHADAS

A Mercería Laly era um comércio do bairro de San Ignacio de Loyola onde se trocavam histórias aos quadrinhos. A minha mãe contava com um lote de não menos de cinquenta revistas de historietas do momento: Mortadelo y Filemón , Zipizapes , Pulgarcitos , Tío Vivos , DDT 's, etc...A cada três ou quatro meses, após uma campanha de acosso e derrubamento da minha parte para que fossemos outra vez trocar as histórias aos quadrinhos, a minha mãe acabava por sucumbir à minha pesada insistência e carregávamos as revistas até à retrosaria. Para mim era um dia muito especial, quase uma festa.

O pouco iluminado estabelecimento, azulejado com misteriosas gavetinhas de madeira na parede do fundo, tinha forma alargada, dividido por um velho balcão. A velha que o geria estava sempre num tamborete, com um braço apoiado no tabuleiro, à espera da chegada de algum cliente. Quando a porta se abria, levantava-se de forma pesada e olhava para ti de soslaio, se calhar por desconfiança ou talvez só por ter má visão. A mim sempre me pareceu uma mulher esquiva e receosa, mas a tosca presença dela não me retirava nem um ápice da felicidade do dia da troca de bandas desenhadas.

A retroseira revistava primeiro as histórias aos quadrinhos que trazíamos. Quando não gostava duma delas, por ser velha, repetida ou por ser de uma coleção que não reconhecia, apartava-a com desprezo, como se tivéssemos tentado trocar “gato por lebre”. Ao mesmo tempo separava-as por número de folhas. Para ela, não era a mesma coisa um Super López da coleção “Olé!” do que um “Mortadelo especial”, por exemplo. E a cada uma aplicava um preço diferente, mesmo que a diferença fosse de uma ou duas pesetas. Depois desta rigorosa espulgação e classificação, começava a tirar os lotes de histórias aos quadrinhos que tinha debaixo do mostrador, ordenadas por tamanho e qualidades, e as mais velhas e rotas eram as primeiras que oferecia. Nesse momento iniciávamos a lenta procura de algum exemplar que não tivéssemos lido. Eu, que, mesmo que fosse uma criança, não era tonto e estava bem ensinado pela minha mãe (que era quem pagava, ao fim e ao cabo), passava os primeiros lotes de maneira implacável e resgatava qualquer história aos quadrinhos em razoável bom estado, mais por estratégia do que por convicção. A velha bufava cada vez que tinha que guardar um lote de histórias aos quadrinhos mil vezes manuseadas sem que tivéssemos ficado com nenhuma. Sabia que chegaria o momento em que tinha que tirar as melhores peças dela, e não gostava disso.

—Vão e voltam sempre as mesmas —dizia, ao ver que não ficávamos com quase nada e então, contradizendo os seus próprios argumentos, pegava um lote de histórias aos quadrinhos quase novas e dos últimos anos. Era um jogo de resistência em que cada vez éramos mais doutos a minha mãe e eu.

No fim, fazia uma recontagem do que tínhamos escolhido, e separava-as por tamanho e até temática: revistas pequenas, normais, extras, de super-herói ou de Conan (pelas quais curiosamente cobrava uma peseta a mais do que pelas outras de super-heróis publicadas pela mesma editora; se calhar o cimeiro parecia-lhe mais heróico que os outros e por isso trocava-o a um preço maior) e as da série “Olé!” da editora Bruguera. Como já sabemos, os preços das trocas eram variados, mas o facto de ter um maior número de páginas fazia que fossem sempre mais caras, como se pagasses pelo espaço que ocupavam debaixo do mostrador. As “Olé!” eram as que tinham o preço mais alto. Na realidade, trocá-las custava um duro, o que me parecia bastante abusado. A mulher, com essa estranha avarícia, parecia a bruxa dum conto, metida na sua guarida dissimulada como retrosaria, ciumenta dos próprios lotes de histórias aos quadrinhos que lhe davam suculentas pesetas e que queria sempre guardar no melhor estado, como se fossem um tesouro parecido à cornucópia.

Chegados a este ponto, a mulher começava a fazer as contas e repassava-as uma e outra vez como se um erro nessa venda pudesse significar o fecho do negócio. A minha mãe pagava e a

retroseira rasgava o papel exatamente por onde estava escrito, suponho que era para poder usar o resto para uma futura conta. Depois da entrega de tão estranha —e fraudulenta— fatura, íamos embora com a carga. Uma vez na rua, repassávamos a conta, porque às vezes se enganava. Acredito que não fosse de propósito, mas era sempre a favor dela.

Imagino que uns minutos depois, a velha revisasse as bandas desenhadas que deixámos para depositá-las no lote e na posição correspondentes, segundo estado, grossura, coleção, temática e as manias classificatórias dela. Essa visão doentia e meticulosa afundava na perceção esquiva que tínhamos do lugar e da dona.

Com o tempo deixámos de ir porque não conseguíamos trocar nenhuma banda desenhada; «vão e voltam sempre as mesmas», como não se cansava de dizer a retroseira.

Os anos passaram e a retrosaria converteu-se numa loja de alimentos dos chineses. Uma entre todas as que assolavam o bairro, tirando assim parte da sua personalidade e da sua história.

CINEMA DE BAIRRO

O cinema do bairro San Ignacio era um local bastante grande. Naquela época os cinemas com várias salas e as suas inaceitáveis estreitezas não se tinham inventado. Assim, o local contava com um ecrã enorme para a época (mais do que a maioria dos cinemas de estreia da Gran Vía), que se escondia atrás de umas cortinas, como se fosse um teatro. Quando se corriam e a luz se ia apagando pouco a pouco, sabíamos que era o momento em que começava a magia.

O cinema estava localizado numa lateral do Centro Comercial com o mesmo nome. Era a definição exata de um cinema de bairro. Pagavas para ver dois filmes e se o primeiro já tinha começado podias ver o que te faltava depois de terminar a projeção do segundo, dado que voltavam a passá-lo. Os filmes já tinham estreado seis ou mais meses antes quando chegavam ao cinema e costumavam intercalar uma superprodução tipo a última de James Bond (falamos, claramente, daquelas que interpretou o Roger Moore) com uma de Pajares e Estesos, de Bud Spencer e Terence Hill ou de Bruce Lee. Algo muito equilibrado. Mas, às vezes, soltavam um programa duplo irresistível, como, por exemplo, “Rambo” e “Conan el Bárbaro” na mesma sessão; um a seguir ao outro. Um luxo.

Houve uns anos em que, antes de começar com a primeira projeção, ofereciam-nos uma aventura de Mortadelo y Filemón, procedente do filme de desenhos animados “El armario del tiempo”. Eram quase sempre as mesmas e o celuloide e o som iam perdendo qualidade de maneira muito apreciável. Mas essas linhas na metade da imagem e os cortes cada vez mais frequentes, tornavam íntima a história que, à força de ver durante meses, já sabias de cor. Quando começavam as letras tinhas a esperança que fosse uma aventura nova, mas isso

aconteciam raramente. Logo antes martirizavam-nos com anúncios publicitários, feio costume que continua presente na atualidade nos cinemas de estreia e que poucas pessoas entendem, tendo em consideração os desorbitados preços das entradas. Mas voltamos ao passado: no cinema San Ignacio, a distribuidora desta indesejada publicidade tinha o nome de “Movirecord” e, a musiquinha e forma de dizer a marca, acho que ficou na cabeça de todos os vizinhos do bairro. Estou a cantá-la agora mesmo enquanto escrevo.

No intervalo entre filmes, punham o clássico fotograma com a ordem “visite o nosso bar”. Quase toda a gente saía ao vestíbulo, ou para ir ao balcão ou às casas de banho. Para chegar a estas últimas tinham que se descer umas sórdidas escadas tipo mármore que te adentravam num frio submundo onde a limpeza era discutível e melhorável. Tinha sempre que se esperar na fila entre apertos e cheiros. Eu, pessoalmente, costumava aguentar até fazê-lo em casa. Ao fim e ao cabo, para a escola e para o cinema há que ir com certas necessidades resolvidas.

Durante a semana, era obrigatório consultar os cartazes dos filmes que o cinema punha na entrada principal e em cima de um dos acessos ao Centro Comercial. Aqueles cartazes, que eram verdadeiras obras de arte pintadas com técnicas próprias de um quadro, serviam para ter a pequena ilusão de, talvez, poder voltar na semana seguinte à sala para ver “Terminator ” ou “Los Inmortales ”, por exemplo. E a classificação por idades dos filmes não se respeitava para nada. Se pagavas, entravas e pronto.

No princípio ia com o meu avô ou com a minha mãe e a amiga dela, a Loli, com as filhas. As esforçadas mulheres carregavam qualquer tipo de coisa para resolver qualquer tipo de necessidade durante a projeção: água, lanche, guloseimas, lenços. Imagino que o espetador que calhava ao nosso lado era vítima de tanta atividade e não podia aproveitar muito da projeção. Que havemos de fazer? Em qualquer caso, isso durou pouco, dado que não passou muito tempo até quando comecei a ir sem a companhia familiar; ao fim e ao cabo, o meu avô conhecia os arrumadores, que eram do bairro, e, de alguma maneira, o cinema era um lugar totalmente seguro, doméstico, como estar em casa.

Muitos jovens iam para a escola à tarde, a cinco minutos do cinema, com o lanche na pasta. Com bastante impaciência, os amiguinhos do momento e eu pedíamos permissão ao professor para sairmos dez minutos antes e assim podíamos ir a correr para o cinema. Costumávamos chegar um pouco antes das cinco da tarde à bilheteira e pagávamos as 75 pesetas da entrada das quintas-feiras, por ser o dia do espetador. Uma vez que estávamos dentro e sentados onde queria o arrumador, como não eram secções numeradas, passávamos a tarde toda no cinema. Até às nove e pouco da noite.

Foi no cinema San Ignacio onde vi, totalmente agoniado, como um enorme destruidor imperial passava quase por cima da minha cabeça no começo de “La Guerra de las Galaxias”. Devia ter 7 anos. Também voei com o Superman quando projetaram a insuperável versão que fez Richard Donner das façanhas deste super-herói. Devia ter 9 anos. E alucinei com o que se transformaria no melhor filme de aventura de todos os tempos (com permissão da sua segunda parte): “En busca del arca perdida”. Devia ter 11 anos.

Também tive os meus avessos. Foi impossível entrar e ver “Los Cazafantasmas”. Parecia que todo o bairro se tinha congregado ali. A fila serpenteava por todo o Centro Comercial, rodeava a padaria, o talho e quase todos os estabelecimentos... provavelmente houve algum problema na bilheteira porque uma fila assim não se tinha visto nunca. Azar.

É que naqueles tempos não havia videoclubes nem internet, a televisão tinha só dois canais e os filmes que passavam tinham dez anos ou mais —o que não significa, necessariamente, que eram maus— e, obviamente, não tinham inventado a pirataria informática. E foi naquela sala abarrotada, tanto no pátio de poltronas ou no primeiro andar, onde aprendi a amar o cinema.

Mas tudo acaba. Nos últimos anos voltavam a repetir filmes antigos, deixaram de comprar os novos... as instalações deterioraram-se, as pessoas pararam de ir e acabou por fechar. No lugar dele, puseram vários salões de casamento com o nome de “Cesar Palace” e uma discoteca “Clip”; tal era o tamanho do local que ocupava o cinema. Ambas as coisas fracassaram ao cabo de dois anos. Hoje há um restaurante de dois andares e um supermercado de uma das tantas cadeias. Uma pena.

Corria o ano 1978 e o meu avô Primitivo foi-me buscar numa tarde e pôs-me no autocarro 39. Descemos na última paragem, na Plaza de Ópera. Ficámos à espera na fila do cinema Real Cinema, que era um cinema de estreia no centro de Madrid. Hoje está abandonado e os mendigos dormem nos seus alpendres entre caixas de papel. Mas naquele tempo era um dos cinemas mais importantes da cidade, como o Avenida, o Palafox ou o Callao. Depois de comprar as entradas, passámos à sala para ver a estreia de “Las 12 pruebas de Astérix”. Nada menos.

Como já sabemos não era a primeira vez que ia ao cinema, mas aquela foi a primeira que não foi no San Ignacio...Inesquecível.

O CORTE DE CABELO

Nos meus primeiros anos de vida tinha cabelo. Isto parece uma obviedade, mas quando alguém é calvo as pessoas tendem a pensar que sempre foi assim. Pois, não. Tinha uma maravilhosa juba loira que combinava com os meus olhos azuis. Apesar da chatice de se pentear com a risca de um lado primeiro e com o cabelo para atrás depois, eu aproveitava a minha cabeleira, às vezes ao vento, e não entendia a mania que tinha a minha mãe de cerceá-la sem piedade a cada três ou quatro meses.

Íamos ao barbeiro do bairro. Ali, o Marcial, o irmão dele e o cunhado ocupavam-se cada um do seu lugar. O começo do dia era sempre o mesmo.

—Boa tarde —cumprimentava a minha mãe-. Há muitas pessoas?

—Não —respondia o Marcial, independente da quantidade de pessoas que tínhamos à frente—. Dentro de nada é a vossa vez, mas, se quiser, vai fazer as suas tarefas que nós vigiamos o Mario.

E eu ficava ali, com a minha mãe ou sem ela, à espera da minha vez, às vezes triste, às vezes resignado, mas quase sempre raivoso, folheava revistas manuseadas cem mil vezes que não me interessavam para nada. Naquele tempo as pessoas fumavam dentro do pequeno local e o ambiente transformava-se em sórdido, como se fosse um matadouro pelo qual íamos passando nós, as pobres vítimas ali reunidas.

Claramente tinha um barbeiro preferido: o Marcial, quem dava o nome ao estabelecimento. O irmão dele, o Lorenzo, retorcia-me as orelhas sem piedade para perfilar-me o cabelo por aquele lado e o cunhado, com pouco olfato para o negócio, fazia-me uns cortes tão rapados que ficava preparado na hora para alistar-me para o serviço militar e não voltar durante quatro meses ao estabelecimento.

Depois da triste espera, quando já não tinha mais ninguém à frente, deixava a revista de turno e observava as evoluções dos meus pobres predecessores, desejando que naquela competição inexistente ganhasse o Marcial, para terminar primeiro. No momento em que um dos três barbeiros passava o pincel pela nuca do cliente atual, tirava o lençol que lhe rodeava o pescoço e cobrava o trabalho, ficava terrivelmente nervoso. Além disso, o facto de ter a sorte que fosse o Marcial a terminar o serviço primeiro, nem sempre te assegurava que podias contar com a mão esperta dele. Havia clientes que queriam que lhes cortasse o cabelo ele e só ele e apropriavam-se da vez com autoridade, sem dar explicações, como se houvesse uma fila para o Marcial e outra para o resto dos pobres mortais.

—O Lorenzo já vai terminar e atende o Mario —dizia o Marcial educadamente à minha mãe, quando algum cliente privilegiado apagava o cigarro no cinzeiro e levantava-se tranquilamente para sentar-se no ambicionado trono do barbeiro.

A minha progenitora consentia, sem contar com a minha opinião, e continuava a ler a revista dela tranquila. Eu ficava um pouco mais chateado, afeava a complacência da minha mãe com o olhar, cruzava os braços resmungando e apiedava-me das minhas pobres orelhas, que iam sofrer torções impossíveis.

Então, como se já não fosse suficiente tudo que vos contei, vinha o momento da humilhação, do escárnio: o barbeiro pegava debaixo da bancada um banco auxiliar vermelho –como o sangue- que punha em cima da cadeira. Aquilo era necessário para que a cabeça não ficasse mais baixa que o respaldo, mas aos olhos de uma criança era uma espécie de ignomínia, de intolerável diferenciação do resto dos clientes. Além disso, era duro e desconfortável. Resignado, subia a esse degradante banquinho, enquanto o resto das crianças que pululavam pelo local olhavam para mim. Os mais pequenos, que sentiam o cheiro do seu triste destino, como se fosse o paredão; os mais velhos, com ar de superioridade, conhecedores de que eles não precisavam de banquinho.

—Como corto? Como sempre? —perguntava o profissional.

—Sim, curtinho, já sabes —respondia a minha mãe de forma maquinal.

Começava a luta e, aquelas que antes eram umas simples caretas, viravam pranto. Com lágrimas e tudo.

—Fica quieto...e para de chorar. Não dói. —consolava-me o barbeiro.

Mas doía sim. Doía o orgulho por estar sentado nesse vexante banquinho. Doía a futura nuca livre –perfeita para dar cachaçadas- que brilharia nas semanas seguintes. Doía mudar de aspeto sem o desejar. Doía sim. E muito.

—Olha que remoinho tens aqui atrás —dizia o barbeiro a meio da rapadura.

—Sim. Esta criança é da ruindade —cortava a minha mãe, outra vez, de forma tradicional.

E, terminada a faina, voltava para casa entristecido. Olhava-me no espelho e não acreditava. Mas era uma criança, e então esquecia rapidamente o assunto até ao seguinte corte de cabelo.

O dia em que me pude sentar na cadeira do barbeiro em vez do banquinho, começaram a passar-me todos os medos. Não se engane o leitor: preferia ter o cabelo comprido do que curto, mas tomava o episódio com maior desportivismo. Ao fim e ao cabo, ao Sansão também lhe cortaram o cabelo sem o consentimento dele, mas tiveram a decência de não o fazer subir num ofensivo banquinho.

Como sabemos, o destino brinca com os homens de maneira caprichosa, de forma que aos vinte e tal fiquei calvo. Não voltei a pisar numa barbearia mas, em confiança, o “destino” podia ter ficado quietinho.

AGULHADAS

Porque é que às crianças da minha época curavam a maioria das doenças a base de injeções? Não vamos negar a eficácia deste tratamento, mas as lembranças terríficas que deixam na nossa memória infantil são um estigma para toda a vida. Por acaso não havia outra maneira?, pergunto.

A questão é que depois, em adulto, injetaram-me sucessivas vacinas para a alergia, ano atrás de ano, até que me curei desta afeção, e então, com a força que dá o costume, perdi o respeito às injeções; mas quando era criança, o dia em que, com enganos, me levavam a espetar convertia-se num episódio de medo gótico.

O enfermeiro onde costumávamos ir, trabalhava numa das instalações médicas duma Iguala que os meus pais pagavam todos os meses. Um dos doutores que nos atendia chamava-se dom Pedro e merece todo o meu respeito. Justamente por isso será o motivo da seguinte “nostalgia”. Por outro lado, ignoro o nome do enfermeiro, de forma que, para não mergulharmos em prolixas descrições, chamar-lhe-emos de doutor Terror, dando assim, de uma assentada, a medida exata das ações dele. Era um homem calvo, encurvado e de uma certa idade. Esperava-te enfiado na bata branca, com uma expressão mesquinha na cara, desejoso de te magoar. A guarida dele era uma sala revestida até ao teto de azulejos brancos. O cheiro era muito peculiar, a medicamentos e desinfetantes; o cheiro a medo. Fazia muito frio ali, pelo horror que tinham visto as paredes e por uma janelinha que, a uns dois metros do chão, estava aberta às escâncaras. Por baixo havia um recipiente de metal que continha um líquido fervente e borbulhante, como se fosse a poção de um cientista louco. Ali, o malévolo doutor Terror, desinfetava as seringas e outros inquietantes artefactos metálicos, tirados de uma truculenta história medieval sobre torturas, que entesourava com o fim de ser mais eficaz na hora de realizar as maldades dele com as crianças.

Bom, se calhar estou a fantasiar um pouco— ao fim e ao cabo estas querem ser as lembranças de uma criança— e aquele homem simplesmente era um mau profissional, mas quando a minha mãe baixava as minhas calças e punha-me nos joelhos dela para poder-me segurar melhor, o espanto apoderava-se de mim. O tipo tomava o tempo dele e, finalmente, o silêncio era interrompido pelo barulho dos sapatos dele contra o chão ao andar até ao condenado. Nesse momento de máxima tensão, quando sabia que era iminente o ato final deste drama, convertia-se num ser desalmado que picava com uma sanha e uma falta de bondade que ninguém me pode tirar da cabeça.

—Amanhã vou matar-te às doze! —ameaçava aos gritos, cheio de raiva e de dor, antes de ir embora. Acredito que na minha mente infantil, pôr horário à justa execução do meu malfeitor

era importante para dar credibilidade ao assunto. A minha mãe lembrou-me desta ameaça não resolvida já em adulto em múltiplas ocasiões. Devia ser muito engraçado, ainda reconheço que me incomoda pensar que a aquele psicopata também lhe desse graça e risse do meu ofensivo ultimato com as gargalhadas de sanguessuga rasteira que provavelmente tinha.

Toda esta descrição que, se calhar, pode parecer um pouco exagerada —não para uma criança—, não o vai parecer tanto se a comparamos com o que aconteceu depois. Por sorte, a coisa mudou a meio da minha infância. O doutor Terror reformou-se ou mandaram-no embora ou ascendeu na seita satânica à que provavelmente pertencia ou condenaram-no por crueldade manifesta a todas as crianças ou por más práticas hospitaleiras; ou tudo junto. Seja como for, veio o novo estagiário. Era um senhor jovem, alto e com bigode. Era amável e sorridente. O Beijamín, pois tal era o nome dele, era muito hábil e sabia como virar-se nestas situações com as crianças. Assim, quando via uma pobre criança entrar louca de terror na sala fria e demoníaca onde desenvolvia o ofício dele, falava-lhe com calma desta maneira:

—Tranquilo, não vai doer. Eu, quando faço as injeções, faço-as sem agulha. Olha — explicava com convicção e, para que acreditaras, mostrava-te a seringa “desagulhada!”.

O facto de que não usaria agulha era inovador e desconcertante. Como todas as crianças pequenas sabem, a odiosa agulha é o que te magoa, e se não se usa... Enquanto davas voltas a isto, acabavas outra vez com as calças pelos tornozelos e em cima dos joelhos da tua mãe. Então o médico, logicamente, punha a agulha e extraía o líquido da ampola. Mas os teus infantis sentidos, ainda mais com medo, já não pensavam nisso.

O Benjamín, com aquela técnica dele tão depurada, continuava a falar:

—Bom, vou começar. Tranquilo que quase não dói —assegurava e então beliscava na zona da bochecha das nádegas onde ia espetar-te—. Dói?

—Não muito —costumava responder a criança, dado que o dano provocado por aquela estranha injeção sem agulha era, sem ser agradável, bastante suportável. Em geral esperavas sentir a explosão de dor que com tanta aversão insuflava-te o doutor Terror. Mas aqui, surpreendentemente, não havia rasto das passadas torturas. Com essa estranheza, sem querer, também chegava certa confiança.

—Aguenta, que só falta um pouquinho — informava diligente o Benjamín, seguindo com o engano.

E então, na carne um pouco entorpecida pelo enganoso belisco, picava-te.

Efetivamente, a técnica consistia em trabalhar durante um tempo o subconsciente da criança sem, na verdade, ter começado. O paciente de curta idade, claramente, notava a picada — executada com subtilidade; não de um golpe e com crueldade desatada, como tanto gostava

fazer o antecessor—, mas ao pensar que este episódio já tinha passado, tomava a nova dor como o foguetório final; não esqueçamos que “faltava um pouquinho”. Além disso, como tinha demonstrado galhardia desde o princípio não era agora o momento de jogar fora a recém ganha reputação. De facto, o Benjamín, não parava de animar-te com justos elogios à tua valentia durante o resto do transe. De forma que aguentavas até ao fim sem uma lágrima. No fim saias à rua como um valente. Como um tipo duro. Mas atenção, o facto de superar a peripécia de forma exemplar não significava que querias voltar. Também não era assim. Como pudemos apreciar, a delicadeza com que o Benjamín praticava o seu ofício era diametralmente oposta às más artes do doutor Terror. Por isso, acho que as crianças do bairro tinham medo de que alguma vez se voltasse a semear o terror na povoação de certa idade. Por sorte, nunca mais se soube algo dele. Esperemos que as maldades dele lhe sejam devolvidas mil vezes.

UN MÉDICO E DOIS DIRETORES

O Dom Pedro era um senhor alto de óculos redondos que praticava medicina na Iguala à qual pertenciam os meus pais. Partilhava o local com o estagiário que já todos conhecemos pelas suas infinitas maldades, o abominável doutor Terror. Mas essa foi outra “nostalgia” de que não nos queremos lembrar. A questão é que, antes de chegar à sala de espera do médico, tinhas que passar por aquela do estagiário demoníaco, coisa que eu fazia à velocidade da luz, a não ser que, por engano, me metessem dentro do covil dele; esta era uma hábil estratégia dos meus pais que me convenciam de que íamos ver o dom Pedro quando a razão final era entrar na câmara de horrores e sofrer uma nova tragédia de proporções infantis.

O consultório era uma cave reabilitada. Entre a antecâmara da enfermaria e aquela do doutor havia três degraus, e ao lado de cada um destes, dava para ver um banquinho do qual saíam uns barrotes pretos até ao teto, como se fossa a porta duma jaula. Suponho que era a austera decoração da época.

Naquele que, se calhar, foi pensado inicialmente para ser o salão do imóvel, as crianças doentes esperavam a sua vez, enquanto as mães revisavam as revistas disponíveis. À consulta acedias através dum corredor com duas portas, uma era a casa de banho e a outra a sala de raio X. No fundo havia um cómodo com uma maca, a mesa do doutor e um antigo armário branco onde se armazenavam caixas de medicamentos e remédios misteriosos.

Independentemente da doença descrita pela minha mãe, o dom Pedro pedia para me sentar na maca e olhava para a garganta com um desses tradicionais paus chatos de madeira dos quais tinha um monte dentro dum fritilo.

—Diz aaaa.

—Aaaaa —dizias obediente, com o pau metido na boca até quase causar arcadas.

Acabada esta observação, o doutor dava-te o pau a título de prémio. Depois, com o aparato para este fim, observava o interior dos ouvidos. Este elemento de exploração não to oferecia, coisa que as crianças teriam agradecido mais do que o pau. Afinal levantava-te a camiseta para poder auscultar o peito e as costas.

—Respira fundo... Mantém a respiração... Solta o ar...

E com estas averiguações e mais alguma informação que pedia, o dom Pedro já tinha todos os dados para diagnosticar qual era a tua doença e como curá-la. Tais eram as habilidades dos doutores de então. Ou deste senhor em particular.

Lembro em particular dum episódio. Andava eu aflito por uma tosse tremenda e dor no peito. O médico da Segurança Social que nos calhou naquele tempo declarou que era um simples catarro. Aquele homem era um incompetente, o que não quer dizer que o resto dos seus companheiros o fosse. Como naquela época o médico de família não se podia escolher, pois, calhou-nos o irresponsável; azar. A questão é que, como a coisa não melhorava com o fraco tratamento prescrito, e começava a ter uma febre muito alta, tosse mais seca que nunca e dores em todo o corpo, a minha mãe levou-me ao dom Pedro. Este, depois das suas averiguações tradicionais, ficou muito sério e ditou que tinha uma pneumonia bastante avançada. Do insondável armário dele pegou um remédio que me injetou de urgência o doutor Terror. Era Becetacil. Depois estivemos um bom tempo na sala de espera para ver se era visível alguma reação depois da injeção, dado que se não se visse nenhuma melhoria, o passo seguinte era ir às Urgências. Felizmente, a decisão do doutor foi certa e, pelos vistos, melhorei em parte. O dom Pedro, depois de outra inspeção, deixou-nos ir para casa com uma severa planificação de toma de medicamentos e posta de injeções. Lembro que mancava por causa da dor da picada daquele remédio que me evitou uma estadia no hospital.

Estive mais de um mês sem ir ao colégio. Se não fosse pelo doente que estava, teria sido uma grande alegria. O caso é que, como a pouco e pouco me recuperava, comecei a ter sentimentos opostos: que bom que já estou bem e que mau que tinha que voltar ao colégio. Além disso, durante a minha convalescença, interessei-me por duas séries que via à tarde todos os dias. A primeira chamava-se “Los Colby”. Nela um Charlton Heston bastante maior, fazia uso das experiências dele como organizador de êxodos bíblicos e auriga no Circo Máximo da antiga Roma para tentar suprimir as lutas intestinas dum império petrolífero dos anos 80, repleto de maliciosos familiares e competidores malvados. A outra série era “Hotel”, onde o ator James Brolin dirigia e resolvia com mão de ferro, desde o último andar do Hotel

Saint Gregory de São Francisco, as milhões de anedotas simpáticas ou sentimentais que é noto que acontecem neste tipo de estabelecimentos; além disso, também porfiava com os problemas, acontecimentos e amóricos dos vários empregados. Dois grandes profissionais imersos num ambiente hostil.

Não pude terminar de ver estas séries —que, a propósito, não sei se eram infinitas— porque me tocou voltar para a escola e às suas misérias. Desta maneira tão radical, tive que prescindir das valiosas instruções que estes dois diretores da televisão me ensinavam cada dia com o exemplo deles. Sem a tutoria deles, quem sabe se pudera sair vitorioso no futuro de todas essas situações complexas ou quotidianas que me esperavam na vida. Não me dei ao trabalho de argumentar nada disto como justas razões para não voltar a pisar a escola. Por muito criança que fosse, sabia que no final, as matemáticas e a linguagem ganhariam esta competição. Que havemos de fazer?

Infelizmente, os aparatos de vídeo, que me teriam permitido gravar os capítulos restantes, não se comercializavam ainda. Ou se calhar sim, mas na minha família não havia dinheiro nem vontade nesse momento para comprar um. Naquela altura os preços destes aparatos já esquecidos eram proibitivos. Além disso, lembro-me que custou bastante às pessoas assumir o vídeo como algo de uso quotidiano, necessário para ter uma maior qualidade de vida, um elemento fundamental para o ócio do momento. Mas quando se deram conta e baixaram os preços, não havia apartamento em que não houvesse um. Mas assim que chegou a época do vídeo e das casas cheias de fitas VHS virgens gravadas cem vezes, também apareceram outras séries na televisão que me fizeram esquecer hotéis e companhias petrolíferas; refiro-me, por exemplo, a “El coche fantástico ” ou “El gran héroe americano”, mas esta, de qualquer forma, é outra história.

FELIZ ANIVERSÁRIO!

Quando era criança, havia o costume de levar uma sacola de rebuçados —preferivelmente "Sugus", que rendiam mais— para a escola e reparti-los entre os companheiros da turma. Reparei que esta bonita e simples tradição descontrolou-se nos nossos tempos e derivou numa festa que lembra as cervantinas "bodas de Camacho " e stressa muito os pais e os seus bolsos. Não sei se a atenção que se dá agora às crianças é racional ou não, mas é certo que os meus aniversários infantis, na simplicidade deles, eram muito felizes. Não precisava de mais nada. Lembro-me que quando chegava da escola esperava-me sempre um postal dos meus avós. Como viviam em Alicante, era o jeito deles de parabenizar-me. O postal tinha um desenho da época com crianças sorridentes e cabeçudas, preferivelmente louras como eu, a soprar as

velas dos bolos e rodeados de brinquedos. Eram desenhos muito bonitos que, vistos agora, têm um sabor a antigo entranhável.

À tarde vinham para casa alguns primos e amigos e havia sandes de fiambre com manteiga cortadas em triângulos e empilhadas numa bandeja, batata frita, gusanitos e coisas assim, tudo regado com garrafas de dois litros de Coca-Cola e Fanta. Depois chegava o bolo com as velas que tinha que soprar, a inevitável canção do “Parabéns a você”, puxões de orelhas e tudo o resto das atividades obrigatórias próprias dum bom aniversário no final dos anos setenta. Depois retirava-se a comida e passávamos o resto da tarde a brincar a algum jogo de mesa ou algo parecido. E no dia seguinte na escola à espera de outro ano.

Mas vamos ao que realmente importa (para uma criança, quero dizer): as prendas. Eram de dois tipos: brinquedos ou livros e roupa. A segunda categoria era um obséquo auspiciado e, às vezes, patrocinado pela minha mãe. Nunca saiu da minha boca infantil um “mamãe, como eu gostaria de ter uma calça castanha”, por exemplo. Mas essa podia ser uma perfeita candidata a prenda de aniversário. Não acredito que mostrara muita alegria quando descobria um anódino fato de treino azul com uma listra lateral branca atrás do papel de cor. Um fato de treino perfeito para usar na aula de educação física na escola. Claro que sentia decepção e zanga. Pois a prenda tinha que ser algo suspirado ou inesperadamente desejado, nunca algo necessário que terias que comprar de qualquer forma; mas com menos de dez anos não podes defender estas dissertações justamente depois de descobrir um pijama de “Galerías Monserrat”, a loja justamente ao lado de casa, como terceira e última prenda do dia. De qualquer forma, o número de obséquios entrava dentro do assumível e se no lote havia, por exemplo, uma história aos quadradinhos de Mortadelo, era desfrutada ao máximo do mesmo, porque era uma (não havia outras dezenas de prendas para desembulhar) e era tua. Para falar nisso, vem-me à memória um aniversário em que a melhor amiga da minha mãe naquela altura, a Loli, levou-me até ao quiosque do Centro Comercial San Ignacio. A intenção dela era que escolhesse uma banda desenhada da série “Olé!”, da editora Bruguera, como prenda. Então eu fiquei a olhar para os livros de Astérix que estavam na parte superior do quiosque.

—Escolhe um desses —ofereceu-me quando se deu conta.

Eu sabia que eram muito caros e, apesar de ser uma criança, não me tinham educado para ser irresponsável; então mostrei-me indeciso, sem saber o que fazer.

—Não te preocupes. Custam mais mas também não tanto... —animou-me, para que não me sentisse mal por promover aquele dispêndio.

Na primeira página do livro que me ofereceu a amiga da minha mãe, aparece num canto o número “575” pintado com lápis. Não tenho certeza, mas este poderia ser o preço em pesetas

naquele momento. Dito de outra forma, o livro custou três ou quatro vezes mais do que a história aos quadrinhos que seria a minha prenda originária. Fora do importe que fosse, finalmente cheguei à casa com um “Astérix em Córcega” debaixo do braço e um sorriso de orelha a orelha. Lembro-me perfeitamente. Este Astérix, o primeiro que conseguira, é talvez a prenda de aniversário mais querida da minha infância, entre outras coisas porque é a única prenda daqueles anos que guardo em perfeito estado numa das estantes da minha casa. Trata-se da edição de 1980 (suponhamos, então, que isto aconteceu no meu nono ou décimo aniversário), da série onde destacavam guardas castanhas, cheias lamentavelmente de tinta e balões preenchidos de letras maiúsculas que pareciam feitas com uma máquina de escrever. Os estudiosos desta história aos quadrinhos, supondo que existem, saberão do que estou a falar. Não sei quantas vezes tentei copiar as vinhetas, pois desenhar era um dos meus passatempos infantis. Depois, com os anos, vieram mais livros deste galo irreduzível. Na realidade, vieram todos.

O TERCEIRO GRAU ANTES DO SEGUNDO SACRAMENTO

Recebi o crisma quando tinha treze ou catorze anos. Depois de fazer a comunhão como qualquer criança da época, por tradição ou exigência, nunca por convicção —a essa idade ninguém as tem—, perguntaram-me se queria continuar a ir para a catequese para confirmar-me. A situação era assaz complicada. Eu era um chavalito, ao fim e ao cabo, e os meus pais, de missa dominical naquele tempo, queriam que continuasse. A catequista —amiga íntima da família— poderia considerar um fracasso a minha rotura com o curso sacramental e, como se não bastasse, o meu irmão mais velho fazia parte de diferentes grupos paroquiais juvenis dos quais, afortunadamente, com os anos se afastou. Analisando a situação, no caso em que abandonasse, tinha tudo para tornar-me na “ovelha negra” religiosa da família, assim optei pela escolha mais fácil e covarde.

Apesar do meu reconhecido anticlericalismo não me arrependo de ter chegado até à “cintura amarela” dos Santos Sacramentos. Não tenho nada em contra da religião cristã porque faz parte da minha cultura, da minha história, da minha maneira de pensar, da minha idiossincrasia... mas, graças aos tantos anos juvenis na paróquia do bairro, pude formar a minha opinião sobre temas eclesiais —que não são religiosos; essa é outra matéria da qual nunca falarei negativamente—, que independente de que seja certa ou errada, pelo menos está baseada na experiência. Nesse sentido, lembro de uma vez em que estava à espera, apoiado na parede, ao lado da porta do quatinho onde fazíamos a catequese chegou um mendigo que, além disso, devia ser um alcoólatra. O padre que no dia certo me deu a primeira

comunhão estava a varrer e ao vê-lo chegar, deixou a vassoura e começou a mandá-lo embora dali. Provavelmente tinha muitas razões para agir assim com aquele tipo, mas aquela reação do religioso, aos olhos dum catecúmeno imberbe, a quem abarrotavam a cabeça um dia por semana com “moralismos” e lições sobre as boas ações de Jesus —todas sem dúvida certas— e da Igreja —bastante mais discutíveis—, aquela atitude diante do mendigo resultava, quanto menos, chocante.

—Não te vou dar nada para que o gastes em vinho —dizia o padre com esta e outras frases expressadas de maneira nada educada. Com o tom próprio da fartura.

—Não quero dinheiro! Não quero dinheiro! Uma sandes! Uma sandes! —é a única coisa que me lembro que dizia o mendigo. Várias vezes. Num tom nada amigável. No principio como se fosse uma ordem; quando já estava na rua, com modulação desesperada—. Isto não é uma igreja? —recalcava aos gritos uma vez que estava fora do recinto da paróquia.

Naquele momento, ao ver a cena, acabei por pensar no cesto que passavam na missa aos domingos. Em como os meus pais me davam algumas moedas para que eu as deixasse lá dentro quando chegava a nossa vez. Para que se utilizava esse dinheiro? perguntei-me, seria usado para dar um pedaço de pão com algo dentro aos pobres como aquele, por muito alcoólatras, mal-educados ou pouco apresentáveis que fossem? A resposta a esta última pergunta chegou-me com a máxima definição. Provavelmente a minha mente juvenil estava a deduzir demasiado, dado que, com certeza, me faltavam todos os dados sobre os prolegómenos daquela história, mas foi inevitável que mudasse a minha opinião sobre aquele padre em particular. E, por extensão, sobre a igreja em geral; sem esquecer que ainda não tinha uma opinião formada. Ao leitor mais pio parecer-lhe-á que este acidente é pouca coisa para que uma criança virasse anticlerical, e é verdade, mas então chegou a última sexta de catequese na paróquia do bairro e, como verão, os meus argumentos contra a igreja e os seus medievalismos, que já contava com algumas noções sobre a história mais negra desta instituição, ficou cheia de novas entradas.

Naquele fatídico dia nós, os crismados, fomos em fila a comungar, pois sabemos que o crisma tem que ser recebido livre de pecado. Depois, esperámos em turnos para entrar no escritório. Um de cada vez. Não sabíamos o que era aquela posta em cena e perguntávamos aos que saíam. Estava proibido de dizer qualquer coisa. As caras deles nem sempre eram sorridentes.

Quando chegou a minha vez acabei num local em penumbra, iluminado tão só por uma lâmpada de mesa. Atrás da mesa estava o padre —outro padre diferente daquele da anedota do mendigo— protegido atrás da lâmpada. Num canto estava sentada a catequista da altura — que já não era a amiga íntima dos meus pais, mas sim a filha—; o rosto dela parecia sério

naquele ambiente de sombras e trevas. O meu caso ia ser difícil e sabia-lo. A mim iam-me submeter a um terceiro grau, mas ela também não era uma mera espetadora daquela forçada entrevista. Ali também estava a medir-se se o labor dela como catequista tinha dado frutos.

Com a lâmpada a iluminar-me parcialmente o rosto, o padre tentou enrolar-me para que continuasse, depois do crisma, a formar parte da paróquia. Apelou a que seria um hipócrita se não continuasse – o que estaria certo numa vida onde só existisse o branco e o preto- e que, claramente, dececionaria a minha catequista ali presente. Houve mais argumentos enganosos de provada eficiência que eu não lembro; o objetivo era que acabasse por me integrar em algum grupinho, como por exemplo o coro. Num futuro próximo, se quisesse, poderia chegar até a ascender a catequista e fazer, assim, que a roda paroquial não cessasse nunca. A última ideia, naturalmente, não foi mencionada, mas a intenção era essa: conseguir que não se fugisse nenhum ativo para poder manter uma instituição que se baseia e mantém graças aos paroquianos, dado que sem estes últimos, o negócio fecharia.

Em qualquer caso, nada mais afastado das minhas juvenis intenções.

Gosto de pensar que disse um redondo “não” a tudo e que, além disso, deixei clara a minha opinião sobre aquele encerro; mas não foi assim. A essa idade não se tem nem a oratória nem a capacidade de reação suficiente para responder a um adulto em semelhante situação; e menos se for padre e estiveres na toca dele. Além disso, naqueles tempos às crianças ensinavam a respeitar as pessoas mais velhas, quer fossem os nossos professores na escola, os nossos vizinhos ou o padre da paróquia. A qualquer um.

Na minha cabeça formou-se de repente a seguinte certeza (se é que eu não a tivesse já): isto é uma seita e estão a tentar abduzir-me agora que ainda sou uma criança. Enfim, empatei-o e disse que pensaria no assunto. Não podia mentir; estava recém-confessado, então fiz honra à minha palavra e pensei; mais ou menos o que demorei em percorrer o corredor desde o escritório até ao exterior do prédio. Acho que são cinco passos. Naquela época pensava muito nas coisas.

Duma certa forma foi uma espécie de libertação. O crisma era o final da minha travessia pelo frustrante mundo paroquial. Isso era algo que já tinha decidido em segredo, mas se albergava algum tipo de estranho carregamento de consciência por isso, depois daquele inaceitável dia, apagou-se por completo.

E assim, alguns merecendo e outros se calhar não, no domingo seguinte recebemos todos o segundo Sacramento. O bom Deus, que eu saiba, ainda não me castigou por observar de maneira tão solta as medievais normas da Igreja Dele; além disso, nem sei muito bem se as compartilha.

TROCA DE JOGOS

Houve uma época em que haviam modelos de computador caseiros que armazenavam os programas em fita cassete. Os cartões gráficos que utilizavam eram de 4 ou 16 cores. Depois chegou a VGA e as suas insuperáveis e mágicas 256 cores, mas não vamos tão longe no tempo. Os jogos para computador apresentavam uma resolução tão pequena que, para a cara do boneco protagonista, o desenhador tinha que se conformar com uns poucos píxeis; às vezes uma quadrícula de 4x4 era um luxo de resolução para tentar reproduzir a cara dum ser humano. Pois, por incrível que pareça, com estes vimes fizeram-se provavelmente os jogos de computador mais viciantes e lembrados da história; e eu tive a sorte de presenciar essa fase.

Naquele tempo os meus pais compraram-me um Amstrad CPC 464. Lembro que junto com o computador vinha um “lingote”, que era uma caixa com forma retangular, que incluía dez cassetes com dez jogos. Mas este material cedo ficou curto e teve que desenrascar-se para conseguir novos desafios de tipo arcade, ajustando o gasto à economia da guerra própria dum adolescente do momento.

Frequentava o primeiro ou o segundo ano de BUP no recém-estreado instituto do bairro, o María de Molina, quando conheci o Ernesto. Este aspirante ao ensino secundário, como eu, gostava de jogar com o Amstrad dele mas não tinha os recursos adequados para poder “experimentar” todos os jogos que estavam à venda. Os dois com as mesmas inquietudes, ultrapassámos a desconfiança inicial e começámos o que, no princípio, foi um intercâmbio comercial ou ato simbólico próprio da Natureza; eu faço uma cópia de segurança dos teus jogos e tu fazes o mesmo com os meus. É verdade que, de forma secundária, também jogávamos com o material, mas era só para termos certeza de que a cópia estava em bom estado, pois se fizermos as contas, passávamos mais tempo a copiar e a tentar que os jogos funcionassem, do que a jogar. Todo este trabalho, que na informática moderna se denomina “manutenção preventiva”, derivou numa amizade que ainda perdura. Não veja nada de ilícito o suspicaz leitor nas nossas ações, ao fim e ao cabo, todos os informáticos sabem que os “backups” (desculpa por usar horríveis barbarismos para referir-me às cópias de segurança, mas neste setor costuma ser um lamentável costume) não de estar em edifícios distintos e, convenientemente, ser ignífugos. A segunda condição não se podia cumprir nos apartamentos dos nossos pais, mas a primeira premissa era certa: cada um vivia numa zona diferente do bairro.

Sempre pensei que foi a época dourada desses estabelecimentos chamados de “tiendas de decomisos”. Naquela do bairro, mesmo ao lado da Peluqueria Marcial, comprava eu as fitas

virgens para poder fazer as ditas cópias de segurança. Os aparatos de música vinham com uma dupla platina que permitia esta judiciosa tarefa preventiva. As fitas de demasiada duração não costumavam dar um bom resultado, então era preciso arranjar muitas fitas para ter todos os jogos corretamente armazenados. Além disso, estas cópias de segurança falhavam bastante e o carregamento do jogo não era uma coisa de segundos. A fita começava a funcionar e emitia barulhos estridentes durante minutos –às vezes, muitos minutos- e, em mais ocasiões do que as desejadas, acabava o processo com a tela a emitir traços coloridos (de quatro cores) sem mostrar a almejada capa do jogo e o menu. Às vezes, conseguir jogar era tarefa de horas.

Os jogos que nos proporcionaram tantas tardes de diversão recebiam sugestivos nomes: La abadía del crimen , Phantis , Barbarian, Arkanoid, Renegade, Desperado, Army Moves, Commando... Havia um monte. As revistas mensais de jogos, com folhas grandes como aquelas de um jornal a cores, apresentavam novas estreias, além de truques e armadilhas para conseguir vidas infinitas. Ao aplicar essas artimanhas aprenderam rudimentos de informática muitos dos engenheiros atuais.

Depois havia o compartimento artístico destes primitivos jogos. Alguns contavam com capas desenhadas por Alfonso Azpiri e eram uma verdadeira maravilha. Além disso, este artista, deleitava-nos a vista por incluir nas pranchas lindas e futuristas protagonistas, em geral muito bem-dotadas, que depois no jogo desmereciam bastante, ao ter em conta a pobre resolução do momento. Para não falar da música, que podia estar formada pela combinação de quatro apitos, mas sempre se enfiava na cabeça sem remédio. Um prodígio, se considerarmos os meios com que eram feitas.

De todos aqueles maravilhosos programas, ao que provavelmente dedicamos mais horas foi “Fernando Martin Basket Master”. Tratava-se dum jogo de basquete que simulava jogos de “um contra um” e que reproduzia com poucos píxeis as formas “quadradas” que na verdade tinha o jogador que dava o nome ao jogo. Fazíamos competições entre os amigos de bairro de então, cada um desde a própria casa. Reconheço que eu era um bom triplista mas defendia mal a zona. Essa perícia com os lances de três pontos deu-me grandes tardes de glória.

Logo vieram outros jogos maravilhosamente desenhados, mas estes primeiros, na rudeza e concisão deles, foram insuperáveis.

Um tempo depois, a nós que formávamos o grupo de jogadores de basquete em ecrã de fósforo verde, resolvemos começar a programar uma aventura gráfica. Assim, como se fosse uma coisa simples. Passou o que tinha que passar: não se chegaram a implementar nem as três primeiras telas. Não éramos um grupo disciplinado, não havia hierarquia nem salário ao fim

do mês, de forma que se tornou um fracasso. Logo alguns de nós decidiram estudar e dedicar-se à informática, o que em Espanha não deixa de ser outro fracasso. Mas essa é outra história e não exatamente pretérita.

ALERGIAS CONTROLADAS

Uma das coisas que herdei do meu pai, à parte dos olhos azuis, foi a alergia ao pólen. Às gramíneas, para ser mais corretos. Desde muito pequeno, uma vez por ano íamos à consulta marcada pela Segurança Social, situada na rua Covarrubias, em Madrid. Nas Pruebas de la alergia, pois esse era o nome que recebia esta atividade.

Era um dia em que me livrava de ir para o colégio, o que não provocava pouca alegria. Íamos sempre de metro. Apanhávamos a linha 10, que naqueles felizes anos começava na estação de Aluche (um tempo depois, um dirigente municipal malvado, entre outros desmandos que seriam muito longos e pesados enumerar, tirou ao nosso humilde bairro o privilégio desta linha para sempre) e descíamos na paragem de Alonso Martínez. Ao sair, esperava-nos a balbúrdia do trânsito desta rotunda, que em poucas pernadas abandonávamos para nos meter na senhorial e tranquila rua onde estavam as dependências alergologistas.

Como tantas consultas da minha infância, o local era um rés-do-chão adaptado. Na entrada havia sempre alguém à espera para ser atendido e ficávamos na fila. Uma enfermeira, perfeitamente fardada —estilo Segunda Guerra Mundial: avental, touca, óculos de acetato, saia por debaixo dos joelhos, meias brancas—, pedia as requisições e, entretanto, conferia num livro de citações se tudo estava correto, ao mesmo tempo atendia às chamadas telefónicas que pediam novos agendamentos. A mulher, de forma industrial, fazia as anotações pertinentes em dito livro ou no do ano seguinte. Acudi ali até que me curei aos trintas e tal longos anos e esse foi sempre o sistema. Em cima da mesa do século passado onde trabalhava a enfermeira da entrada nunca houve um computador e o telefone era o clássico verde de disco ou de teclas grandes. Com o som característico dele: “riiiiiinnnn”; aquele que os mais nostálgicos, como eu, insistem em pôr nos atuais telemóveis de última geração. A consulta era uma espécie de inquietante cápsula do tempo inamovível. Agora que penso nisso, as enfermeiras foram sempre as mesmas, com o mesmo uniforme datado, e, se calhar, com a mesma idade. Não me lembro de tê-las visto envelhecer. Pelo menos não muito. Primeiro ficávamos numa sala de espera. Um pouco depois avisavam que tinha chegado a tua vez de fazer os testes. A enfermeira conduzia-te até a um assético cómodo onde tinhas que descobrir o braço. Então, com uma caneta, borrava-te o antebraço todo. Depois tirava os conta-gotas dum monte de frascos e depositava uma gota de cada solução alérgica em cada

marca feita com a caneta. Por último, com uma pua punçoava-te em cada gota. Entre uma punção e outra, limpava a pua com a mesma gaze. A cara de tédio da executora dos testes era admirável. E tu notavas uma pequena dor em cada incisão, pouca coisa, mas cada sarjadura era uma sensação distinta, um incómodo diferente. Não acabavas de sentir uma que já chegava a outra. Era estranho e, sem ser horrível, um pouco desagradável; mas muito rápido. E com o braço dessa guisa e sem o poder mover muito voltavas à sala de espera. Durante a meia hora seguinte o sangue de cada ponto começava a fazer ou não reação com a gota daquilo ao que podias ser alérgico, até quando a solução evaporava. O braço enchia-se de espinhas gordas e vermelhas. Às vezes, algumas juntavam-se às outras. Ardia e picava, mas não te podias coçar; apesar de eu fazer as minhas tentativas.

—Não te toques! —reprendia-me a minha mãe, que estava sempre a vigiar.

—Mas coça —desculpava-me.

—Espera que vou soprar em cima e vais ver como passa.

E os sopros da minha mãe aliviavam-me um pouco, mas na realidade era uma questão psicológica mais que outra coisa, porque depois dum segundo continuava a sentir a mesma coceira.

Um pouco depois, a enfermeira voltava a chamar, desta vez para ir para a antecâmara do escritório do doutor. Ali havia uma poltrona e um candeeiro de pé muito antigos. Se te sentavas na poltrona, o couro desgastado chiava e afundavas como se o assento tivesse perdido toda a firmeza no século anterior. Eu gostava de esperar exatamente aí porque em frente podias ver um quadro em branco e preto que representava uma torneira da qual caía uma gota de água. Debaixo estava desenhado meio peixe com a boca aberta. Ficava encantado com esse quadro.

O escritório do doutor era um lugar amplo e escuro. Na parte direita um armário enorme cheio de vitrinas lotadas de livros cobria toda a parede. Tenho a suspeita de que esses volumes havia séculos que ninguém os consultava ou movia para limpar as prateleiras. Na mesa havia um candeeiro e essa era a única luz do lugar. O doutor conferia o teu histórico e depois observava a reação do teu braço à luz do candeeiro de mesa. De vez em quando escrevia no relatório um código secreto formado pelos símbolos “+” ou “-”, tudo isso segundo a grossura das espinhas que tinham saído. Enquanto decidia que vacina tomarias este ano, uma enfermeira, que estava sempre em pé à esquerda dele, limpava o maltratado antebraço com um algodão e punha um pouco de pomada. Depois tu mesmo espalhava-la sem notar, de facto, grande alívio.

O doutor dos primeiros anos era um tipo gordo que fumava tranquilamente durante a consulta. Quando se deu conta do que o meu irmão também gostava de tabaco —ele também herdou a alergia— disse: «fumar e ser alérgico não é compatível». O meu irmão olhou com desdém nesse instante o enorme charuto que descansava no cinzeiro da mesa e fumegava o recinto.

—Sim, eu fumo, é verdade, conveio o alergologista ao notar a insolência do seu paciente—. Mas eu não sou alérgico a nada.

Para bom entendedor...

E terminadas as provas da alergia, começou o seguinte ciclo, cujo primeiro passo era pedir a vacina à farmácia. Esta encarregava-a ao laboratório. Ao cabo de duas semanas chegava na sua caixa de espuma branca. Dentro estava sempre o mesmo: um lote de vários frascos, um monte de seringas descartáveis e um papel para ir apontando datas e doses tomadas. A vacina, a propósito, custava uma fortuna: 8000, 10000, 120000 pesetas da época. Realizado o desembolso e com os frascos em nosso poder, nos seguintes meses ia semanalmente ao enfermeiro —nas primeiras vezes à sala dos horrores do doutor Terror— para tomarmos a vacina.

Nos últimos anos inventaram a vacina sublingual que custava a mesma fortuna mas que era muito mais prática: só tinhas que aplicar várias gotas de determinado frasco debaixo da língua. Não sei se este sistema era mais efetivo ou foi um compêndio dos efeitos no meu organismo de trinta e muitas vacinas, mas o caso é que sarei e estes episódios passaram à história. Contudo, tenho certeza de que se voltar a aparecer na consulta da calle Covarrubias, vou encontrar as mesmas enfermeiras, com o mesmo uniforme e sem que a idade deixasse marcas. Admiro a saúde e a postura delas, mas é um pouco perturbador. Quase impossível.

EL JABATO NO TEATRO CHINÊS

Sei pouco dos meus avós paternos. Viviam em Alicante quando era criança e vi-os em contadas ocasiões. Está gravado na minha memória, por exemplo, um dia de junho de 1982 quando chegaram à nossa casa no bairro madrileno de San Ignacio. No dia a seguir celebrava-se a minha comunhão.

Também tenho lembranças muito claras do apartamento deles em Alicante, antanho franqueado por hortos até chegar ao mar e hoje rodeado de bairros de prédios novos, avenidas

e centros comerciais; fagocitado pela imparável expansão que sofre qualquer cidade com o passar dos anos. Quando era criança, em frente ao portão, havia um solitário quiosque de cachimbos onde estavam penduradas com molas banda desenhadas e revistas. Num verão o meu pai comprou-me ali mesmo o número 1 da banda desenhada do Jabato, “Esclavos de Roma”, de Ediciones Bruguera; uma reedição que foi publicada nos primeiros anos oitenta com o formato do álbum da coleção “Olé!”. Ainda a guardo.

No corredor com forma dele da casa alicantina dos meus avós paternos estava pendurado um quadro dedicado dos irmãos Tonneti, célebres palhaços em cujo circo trabalhou, entre outras coisas, como camionista o meu tio Ernesto, o tio Tito. Aos olhos da criança que eu era, o tio Tito resultava ser aquele senhor que quando chegava a Madrid trazia prendas de lugares inimagináveis, fazia-te montar na cabina dum semirreboque enorme —tanto que tinha um colchão para dormir por detrás dos assentos do piloto e do co-piloto—, e levava-te a um circo; lugar absolutamente exótico e diferente de qualquer um dos ambientes em que eu me podia mover quando era tão novo. Passados os dias, quando o circo concluía o programa, depois de terminar os trabalhos de desmontagem das instalações que tinham ocupado por inteiro o descampado perto das Ventas e de carregamento de parte delas no enorme camião do meu tio, ele desaparecia à procura de novas aventuras. Uma visão romântica que terminou quando um ano, em vez de chegar com o circo, apareceu como transportador do Teatro Chinês de Antonio Encinas, que parou em Leganés. Alí atuava o comediante Manolo de Vega e um Antonio Molina velho, gordo e acabado; tristíssimo colofão duma das melhores vozes espanholas de todos os tempos. Lembro de ter visto o artista a atuar. A fazer fífias. Talvez o tio Tito o tenha apresentado aos meus pais e a outras pessoas naquele dia, antes que começasse o espetáculo. Pode até ser que me pegou nos braços. Não sei, não me façam muito caso. Estas lembranças parecem-me mais invenções minhas. O que tem a ver uma criança pequena com um “teatro chinês”?

LIVRO II — VERANEIOS E OUTRAS AVENTURAS

DOMINGUERISMOS

Quando era criança a minha família tinha o costume de exercer todas as semanas a nobre arte do “dominguerismo”. Para o desenvolvimento desta disciplina enumerávamos várias localizações, mas a mais utilizada era a barragem de Navacerrada. Aos domingos, os meus tios e a minha família, enchiam os porta-malas dos carros com as mesas e as cadeiras de campismo, a geladeira portátil e a comida e saiam dispostos a passar o dia no campo.

No dobro do tempo que se demora agora, os legendários Seat 600 recorriam as estradas de então até chegar à barragem. Justamente antes da represa, dava para ver umas pias redondas cheias de água que provavelmente faziam parte das instalações da Central encostada à parede de contenção da água.

—Olha Mario, a piscina de Mazinger Z —dizia o meu pai nas primeiras vezes que passávamos por ali. É que naqueles anos, todas as crianças espanholas estavam completamente agarradas a esta série de desenhos animados japoneses. Aos sábados, depois do noticiário, não perdíamos nunca a visão do episódio sobre o robô gigante, a quase sempre inútil Afrodita A e as lutas contra os falíveis “brutos mecânicos” que o doutor Inferno, graças ao orçamento inacabável dele, construía a velocidade recorde na base ultrassecreta submarina dele. Foi uma pena nunca ter visto sair o emblemático robô daquelas piscinas.

Uma vez montado o acampamento na zona habilitada entre as árvores, anexa à barragem, cada um fazia um pouco o que queria. Eu desfrutava particularmente escalar pelas pedras dos arredores ou andar com a minha bicicleta BH cor de laranja. Também era obrigatório comentar a evolução do pântano, se estava mais cheio ou mais vazio do que a vez anterior...

—Põe o boné para não apanhares sol —ordenava a minha mãe ao começar o dia de jogos.

—Tira o boné para arejar a cabeça —contraordenava depois dum tempo, depois de alguma corrida cujo esforço tinha-me posto a cara vermelha.

—Se for para estares ao sol põe o boné...

—Queres tirar esse boné que passas o dia com ele posto?

Assim eram as mães de então (e talvez as de agora também), contraditórias, bipolares, desconcertantes. Apesar disso, nós as amávamos na mesma; ou talvez mais.

Havia dias em que fazíamos algumas atividades fora do programa: uma era dar a volta à barragem; esta requeria bastante tempo, por isso tinha má reputação e pouca afeição. Outra era subir uma pequena colina que havia junto à represa. Batizámos este cerro com o insignificante nome de “El Garbancito” (“O pequeno grão-de-bico”), apesar disso, a ascensão

do mesmo representava a atividade mais exigente das possíveis. Isso sim, uma vez que chegavas lá acima as vistas eram estupendas e eu, saltitando como se fosse uma cabra, subia para cima de todas as pedras que encontrávamos no caminho.

—Esta criança vai escalavrar-se um dia -dizia algum dos meus progenitores-. Não subas aí!

E eu, em geral, não ligava nenhuma. Provavelmente, alguma vez tiveram que recorrer à palmada preventiva no rabo, prática que, bem aplicada (jamais para magoar a criança, só para lhe dar um susto), deve ter feito milagres no começo da minha invejável educação atual; suponho que isso da modéstia teve que vir por outro caminho.

O meu irmão e o meu pai gostavam de pescar na represa. Costumavam apanhar uns peixinhos pequenos que chamavam de “góbios”, mas às vezes pescavam alguma carpa de cor vermelha ou amarela. Metíamos estes apreciados bichos num balde com água de pântano e, às vezes, levávamo-los ao tio Luís. Este senhor, tio do meu pai, tinha um chalé no conjunto residencial que fica junto ao pântano, “El Realejo”. No jardim tinha uma fonte onde, na pia inferior, deixávamos os peixes com outros congéneres da mesma espécie para que no novo ambiente fizessem o que fazem as carpas coloridas.

No chalé do tio Luís haviam coisas surpreendentes como um realejo único no seu género, com um autómato que fazia as vezes do músico, um Seat 600 que a lenda dizia que era mexido e, a coisa de que mais me gostava: as paredes cheias duma coleção de pistolas antigas, mas reais e em perfeito estado para serem usadas. São as coisas que têm os homens com uma economia saneada, que compram coisas impensáveis para o resto das pessoas. Eu não cheguei a conhecer muito o tio Luís, mas acredito que devia ser um amante dos animais; não só por causa das carpas. Em certas ocasiões contou uma anedota sobre a horta de alfaces que ficava ao lado da casa. Tinha esta cultura só pelo prazer de ver como se aproximavam os coelhos para comer os vegetais. Um dia entrou um ladrão para roubar as alfaces. No dia seguinte, o tio Luís encontrou uma nota de 1000 pesetas da época que provavelmente caiu ao ladrão. É que dinheiro chama dinheiro; digo isto, infelizmente, pelo que me disseram.

Um dia o tio Luís viu uma carpa morta no chão, fora da pia. Quando a apanhou viu que o lombo estava atravessado pelas lacerações próprias das garras duma águia ou alguma outra ave de rapina parecida. Então pôs pedras daquelas com reentrâncias e buracos para que os peixes se escondessem. Mas as carpas, sem se aperceberem da defesa artificial que lhes tinha proporcionado, continuaram a desaparecer sem deixar sinais, portanto o tio Luís não quis mais que lhe trouxéssemos as carpas e estes animais seguiram felizes a vida no seu habitat natural.

Numa destas primeiras jornadas dominicais, quando era um bebé, a minha tia e a minha mãe estavam a cozinhar umas vísceras com batatas quando começou a chover. Seguiram com a preparação mas com os guarda-chuvas em riste. Nisto chegaram dois guardas, enfiados nas capas e com os seus tricórnios, que era o lendário e tétrico uniforme da época.

—Senhoras, a esta comida não lhe vai faltar a água —disse um deles.

A anedota teve graças e não está claro se os beneméritos chegaram guiados pelo cheiro do cozido, se calhar com a intenção de participar ao almoço, ou simplesmente com vontade de fazer uma piada e fazer com que os notássemos. Como se pode calcular, oferecemos-lhes um gole da garrafa de vinho e os dois, segundo a lenda, aceitaram. Mas das vísceras não levaram nada no estômago. Que conste.

Por último tenho que referir o desolado final de cada uma destas excursões. A volta para casa, enquanto ouvíamos o triste e repetitivo ruído dos resultados dos jogos da liga de futebol pelo rádio, salpicados pelos anúncios de certo brande —”Está como nunca” Fundadooor” — ou certos cigarros —”Pepe, um purito! Puritos Reig” —, anunciados até à saciedade, sempre os mesmos, um domingo trás do outro, insistentes, insuportáveis...e representavam o sinal claro de que amanhã seria segunda e me esperava o colégio e as suas misérias. Afinal, resignado a tão trágico destino, acabava por dormir no assento de atrás.

Até ao domingo que vem.

VERANEIOS EM OROPESA I. O PRIMEIRO DIA.

Os veraneios da minha infância eram desfrutados na praia e duravam quase um mês. O que de melhor me lembro foram aqueles em Oropesa del Mar, um lugar na costa de Castellón que, uns quantos anos depois, ficou célebre por ser a zona por onde se movia nas férias um presidente do governo com bigode. Entre Oropesa e Benicasim para ser exato, mas tenho certeza de que, na intimidade, frequentava mais Oropesa do que a outra aldeia. Na atualidade, esta povoação costeira é mencionada muitas vezes por alojar um complexo urbanístico que compreende hotéis e balneários de água salgada. Mas naquele tempo nem era frequentado por tão distinguidos governantes nem haviam resorts megalíticos que quebravam a paisagem. Simplesmente era uma aldeiazinha que tinha um desembarcadouro, um farol, um penhasco,

alguns hotéis, apartamentos e acampamentos, um pequeno clube náutico e duas magníficas praias, uma a cada lado dum cabo com o mesmo nome da localidade.

Num dos primeiros dias de agosto, às oito da manhã já tínhamos carregado o Seat 127 com uma montanha de bagagens, a maioria delas no porta-malas. Entre os esticadores que tentavam segurar todo aquele equipamento dava para ver a maior parte do material de campismo: uma tenda de campanha de 60 kg, uma cozinha portátil com o armário, outro armário dobrável para a roupa, colchões insufláveis, a bomba de pé, a geladeira portátil, sacos-cama, almofadas, louça, o fogareiro de campismo com a botija, uma mesa, cadeiras e espreguiçadeiras dobráveis. Ainda por cima, no porta-malas encaixavam-se como podiam o resto das coisas, entre elas um presunto ou uma pazinha que também comprávamos para consumir nos dias seguintes. E não é que fossemos ricos, é que naquele tempo um humilde salário de oficial de encadernação, ofício do meu pai, dava para permitir umas férias deste tipo e duração em família.

Logo, durante décadas, subiram os impostos e os preços das coisas e serviços de maneira injustificável e tomaram o feio hábito de estancar ou baixar os salários. Resultado: pensar agora numa férias assim é só uma nostalgia, como o presente relato.

Com tudo já colocado no carro, entrávamos o meu pai, a minha mãe, o meu avô, o meu irmão e eu.

Aqueles eram carros pequenos, mas duros, sofridos, heróicos, capazes de proezas próprias duma mitologia antiga. Então aparecia o próximo “Ulisses” desta odisseia: o Seat 600 dos meus tios, que carregado de parecida maneira, juntava as suas forças ao nosso resistente veículo. E os dois bólidos, que faziam equipa um atrás do outro, encaminhavam-se até a antiga estrada nacional III, para começar assim um périplo de mais de 500 quilómetros da época —que também eram de 1000 metros, mas por aquelas estradas pareciam 1100—, passando pela rua principal de muitas das aldeias desta parte da nossa geografia e parando em todos os seus semáforos. Dado que era uma viagem para a qual era preciso quase um dia, era feita por etapas. O primeiro descanso era num pinhal antes de enfrentar o Puerto de Contreras. Ali tomávamos o pequeno almoço com uma sandes e deixávamos descansar os dois esforçados automóveis. Meia hora depois reiniciávamos a peregrinação e, passado Valencia, voltávamos a dar uma trégua aos veículos. Os viajantes aproveitavam para comer tortilha e filetes empanados. Podia ser um descanso na estrada ou num café, dado que naqueles tempos era permitido levar a própria comida, desde que se pedisse uma bebida.

Alegres melodias da época acompanhavam as horas de carro. Costumávamos transportar quatro fitas de oito pistas que ocupavam o espaço delas. Geralmente iam debaixo do assento

do copiloto. O aparato extraível que servia para que funcionassem deleitava-nos durante toda a viagem —várias vezes— com as canções de Emilio El Moro, Moncho, o Payo Juan Manuel e a folclórica Maruja Lozano. Estes quatro pilares fundamentais da música do século XX —e de qualquer século—, com o seu repetitivo martelar, faziam com que desejasse o final da viagem a cada mudança de canção. Um momento de magia antiga era aquele em que, na nossa passagem por Albacete, a fita fazia soar aquela lamentável canção que nos relata os pormenores duma velha e um velho que se dirigem a esta província navalhista. Inenarrável.

—Já cheira a mar —dizia o meu pai dez minutos depois de atravessarmos a cidade de Castellón pelo exterior.

—Olha, já dá para ver o mar —constatava a minha mãe de vez em quando, e eu olhava por todas as janelas nervoso à procura dele. Era um momento muito emocionante, dado que a simples visão do mar ou da neve, quando faz muito que não os vejo, desde sempre tem gerado felicidade no meu ânimo.

Então a minha mãe tocava-se num braço e dizia —: Já começo a ter a pele pegadiça. —E eu fazia o mesmo e, efetivamente, assim era. No dia seguinte, uma vez aclimatados, a pele voltava ao estado natural.

Por volta das seis ou sete da tarde chegávamos ao destino: o Camping Voramar, junto a Playa de la Concha. O complexo encontrava-se entre hotéis. Por um corredor que deixavam os prédios se saía do recinto. À esquerda havia a típica loja de artigos de praia e pesca com o seu colorido característico; à direita ficava uma gelataria, La Jijonenca, e, ainda por cima, no primeiro andar, havia um pequeno supermercado. Justamente à frente, atravessando a estrada, o mar. Melhor situação, impossível.

Uma vez resolvido o assunto da admissão e designadas as parcelas contíguas que ocuparíamos, como formigas, começávamos a livrar os carros de toda a carga. Depois havia que montar as tendas de campismo, insuflar os colchões à base de “pé” -a bomba elétrica ainda não se tinha inventado; apesar de que também não existiam as tomadas neste tipo de instalações naquela época-, armar o móvel da cozinha, o da roupa, estender os sacos, sacar e ordenar todo o equipamento que estava nas bolsas...Organizar, definitivamente, o que seria o nosso “lar” nos próximos vinte e tal dias, mas falar é fácil. Durante todo esse processo, eu morria de vontade de ir para a praia brincar, mas isso não ocorreria até ao dia seguinte. Montado o acampamento, os viajantes jantavam felizes e conversavam um pouco até que o sono lhes vencia, coisa que não demorava. Cedo se metiam nos quartos das tendas de campismo a dormir. Estavam esgotados, mas sabiam que a partir do dia a seguir tudo seria felicidade.

VERANEIOS EM OROPESA II. A PRAIA.

Uma das primeiras atividades que se faziam no acampamento pelas manhãs, para além de ir para as casas de banho para se aliviar, era ir comprar meia placa de gelo. Encarregavam-se disso o meu irmão mais velho e os meus primos, cuja idade era parecida. O Hector, o senhor que geria o negócio campista, vendia gelo na receção. A meia placa custava umas 5 pesetas (uns 3 cêntimos) e as crianças transportavam-na num balde. Uma vez que estávamos no acampamento familiar, partíamos-na com uma picareta que levava o meu pai no carro e juntávamo-la em pedaços na geladeira, repartida entre as bebidas e a comida que precisavam de frio.

Organizada a refrigeração das vitualhas, passávamos a tomar pequeno almoço. Quando terminávamos, algum adulto sentenciava “a tal hora de podermos entrar na água”, e esta hora era sempre duas horas posteriores à atual. Depois, fazíamos um pouco de compras e, depois, na praia a manhã toda. Às vezes íamos para aquela da Concha e outras para aquela de Morro de Gos, pois Oropesa del Mar oferecia toda essa diversidade sem ter que se pegar no carro. Eu queria sempre ir para a praia da Concha, porque estava ao lado, mas muitas vezes íamos para a outra, dado que era maior e oferecia melhores pedras onde mergulhar, coisa que não era própria da minha idade e que não fazia diferença para mim. Eu tentava argumentar que na Concha costumava haver melhores ondas, coisa que era verdade, apesar de ser dito por um fedelho; mas por muito que tentasse fazer valer a minha opção com argumentos certos e contrastáveis, devido provavelmente à minha curta idade, não me ligavam minimamente.

Quando já tínhamos instalados os guarda-sóis e as espreguiçadeiras, a minha mãe untava-me de creme solar com o fator mais alto e punha-me um boné. Podia meter os pés na água, mas nada mais, até à hora em que a digestão tivesse terminado. Eram umas normas um pouco estritas, mas, ao cumpri-las à risca, jamais aconteceu na minha família paragem de digestão alguma. Para ocupar este tempo na praia, haviam muitas opções: castelos de areia para fazer, caranguejos, eremitas ou não, para apanhar, conchas para procurar, alguma menina para observar, talvez ainda sem saber porquê... Enfim, o tempo voava, e quando terminava o toque de recolher, abandonava tudo, incluindo o castelo, os caranguejo e a menina e, sem olhar para trás, mergulhava na água salpicando o máximo possível. Mas, isso sim, até ao fato de banho e pouco mais, dado que as ondas podiam causar um desgosto ao intrépido, mas jovem Mario.

—Olha para ele, parece uma ervilha —dizia a minha mãe, pois quando por fim podia entrar na água e começar a brincar com as ondas, não saia até à hora de irmos embora.

Parte dos homens da família desapareciam durante uma ou duas horas para ir mergulhar. O operativo estava organizado da seguinte maneira: o meu irmão e o meu primo mergulhavam com tubo, espingarda de mergulho e barbatanas. O meu primo ficava na zona a flutuar numa câmara de ar, para custodiar a rede de pesca com as capturas. O meu pai nadava ao redor e fazia alguma imersão para controlar as ações da equipa; também servia de enlace entre os mergulhadores e a rede. Às vezes o meu tio, desde as pedras, controlava a marcha das operações desde uma posição que permitia ter uma visão geral. Houve diversas aventuras nestas jornadas. Uma das mais célebres foi aquela em que o meu pai apanhou um polvo que tinha apanhado o meu irmão com a intenção de levá-lo até à rede. O cefalópode, que não parecia estar a fim de ser capturado, conseguiu safar-se e ascendeu pelo braço dele e deu-lhe uma mordida. Daquele lance o meu pai guarda uma marca bem visível, dado que o animal, selvagem e rancoroso, arrancou-lhe um pedacinho de carne com o bico.

—Há ressaca —era uma frase muito comum quando voltavam os mergulhadores—. E um pouco de alcatrão —era a outra, quando algum pé ou perna estava impregnado com um pouco do petróleo que soltavam os barcos e que chegavam até à costa. As poucas vezes que isto acontecia, no acampamento, usávamos gasóleo para livrar-nos da mancha preta e pegadiça.

Se tinham achado búzios, procedíamos a encher o meu balde de fazer castelos de areia com um pouco de água do mar, o mais limpa possível, para cozê-los e comê-los como aperitivo nesse mesmo dia. Tudo muito fresco e natural, recém-pescado. Enquanto aos polvos, para amolecê-los, receberiam qualquer tipo de golpe e encontrões contra a pia do acampamento, coisa que divertia muito os meus primos e irmãos. Mas até que chegasse esse momento, os pobres não sabiam nada e continuavam felizes a fazer o “polvo” dentro a rede, em companhia de outros congêneres. Isto até quando aparecia eu, me agachava e, armado com um palito ou picareta da tenda de campismo, tentava furar-lhes através das fendas da rede, se possível nos olhos. Pois as crianças são grandes observadores das reações dos animais diante de situações inesperadas; ou simplesmente têm das mais malvadas ideias.

O dia em que tocava ir para praia do Morro de Gos, na volta passávamos sempre por um assador de frangos desses que mostram as peças dando voltas e cujo aroma, na hora de comer, depois duma manhã de frenética atividade na praia —outra frase da época era a misteriosa «a água dá muita fome»— era um deleite mas também uma tortura. Eu parava à frente como se estivesse contemplando a Capela Sistina. Vinha-me água à boca e as tripas protestavam diante daquele concerto de sensações sem resolver.

—Mamãe, hoje vamos comprar frango a l'ast ? —perguntava esperançoso, utilizando a única palavra em valenciano que sabia e sei.

E a resposta costumava ser «não», apesar de que algum dia sim tocava e lembro-me que o devorava com imenso prazer.

VERANEIOS EM OROPESA III. SESTAS, CARMELITANOS E TEMPORALES.

Mas nas férias de Oropesa del Mar nem tudo era felicidade. Todos os dias, depois de lavar a louça, vinha a hora fatídica da sesta, coisa que se desfruta muito em adulto, mas que é um suplício para uma criança que não a quer fazer. Os meus pais levavam lá para fora um colchão insuflável, punham uma toalha em cima e, debaixo do toldo da tenda de campismo, tocava-me ficar uma hora ou mais “a dormir a sesta”, sem ter nem sono nem vontade. Eu recusava-me mas naquele tempo as birras ou preferências das crianças não condicionavam as ações dos pais —erro incompreensível que não paro de observar na atualidade—, sem que fosse ao contrário, ou seja, a criança se adaptava aos planos que os progenitores tivessem e se, por exemplo, tocava a sesta, então não havia mais opções nem possibilidade de negociação. Acredito que, no meu confinamento horizontal de colchão, onde tinha que ficar calado para respeitar o sopor dos outros campistas, dedicava-me a ler alguma banda desenhada. Associo a estes veraneios umas cadernetas em concreto que eram do robô gigante Mazinger Z, mas não aquele dos desenhos animados da televisão, mas sim o outro que era de cor vermelha e não tinha nada a ver. Infelizmente, não guardo nenhum exemplar.

Pelas tardes, acabado o parêntesis da sesta, havia um grande sortido de atividades para ocupar o tempo, que, ano atrás ano, repetíamos com prazer. Por exemplo, íamos passear pela aldeia de Oropesa e, pelo caminho, um desses dias perdíamos-nos pelas ruazinhas e escadas que ascendiam até ao castelo muçulmano. Naquele tempo estava meio abandonado e só havia quatro pedras, mas as vistas eram muito boas. Outras vezes dava-nos para rodear o cabo de Oropesa até onde se podia, dado que não existia o passeio que se construiu anos depois. Eu tentava procurar uma entrada na abandonada Torre del Rey, do lado do faro, para poder bisbilhotar por dentro, mas entre as pitas que cresciam selvagens entre os muros nunca encontrei um acesso aberto. Neste bastião presidia um magnífico quebra-mar onde tentávamos sempre tirar alguma foto com uma onda em pleno choque. Também íamos pescar com uma cana, atividade para a qual eu não tinha idade, afeição ou paciência. Outro dia estava reservado para ir a Benicasim visitar a adega dos Monges Carmelitas e fazer a correspondente degustação dos licores —eu não, claro, apesar de ter a certeza de que em mais do que uma ocasião pude molhar os lábios com alguma das bebidas mais doces—. Também nos aproximávamos da Peñiscola e visitávamos o castelo do Papa Luna. Mil coisas simples mas agradáveis, tranquilas, longe do stresse da vida quotidiana e as suas misérias.

Mas nem sempre tudo foi ideal. As tormentas de verão eram míticas naquela zona situada entre o mar e uma serra. Vivemos dois temporais gordos em dois verões distintos. O primeiro foi de chuva e começou à uma da manhã. A água começou a correr como um rio pelo acampamento e tivemos que levantar as tendas para que a torrente seguisse o seu curso. Na praia abriu-se uma vala por onde a água arrastou tudo o que pode até ao mar. Lembrámos dessa noitezinha durante anos. Mas o segundo temporal foi ainda pior, dado que foi de vento. O vendaval que assolou a zona fazia com que voassem os caixotes do lixo e quase qualquer coisa que não estivesse bem atada. Assim, com cordas, ventos e cabos amarrámos às árvores as tendas de campismo e inclusive o carro, dado que chegavam notícias de que algumas caravanas, quando tentaram fugir, acabaram capotadas na autoestrada em direção a Castellón. O dono do acampamento rogava a todos aqueles que quisessem ir embora que ficassem, pois não era seguro pôr-se na estrada.

Mas em geral o tempo era agradável e temperado à noite. Antes de ir dormir, ocupávamos as horas de diversas maneiras: jogávamos cartas, ou íamos para um bowling próximo, ou tomávamos um gelado ou uma chufa passeando pelo passeio da Playa de la Concha, enquanto ouvíamos o som relaxante das ondas e observávamos hipnotizados o cintilar das luzes dos hotéis e apartamentos refletidas no mar. E se olhasses bem, quase sempre podias distinguir ao longe algum clarão dum barco no meio da negrura do mar e o do céu estrelado. A luz do farol cobria diligentemente o horizonte marítimo sem conseguir distinguir o verdadeiro motivo dessas luzes. Uma visão que aos olhos e imaginação duma criança resulta misteriosa e atraente, dado que não havia razão para serem emitidas por um barco, certo?

Algumas vezes íamos ao cinema de verão que ficava junto à linha do comboio que separava Oropesa aldeia de Oropesa Grao. Com o céu como teto e umas cadeiras bastante desconfortáveis, víamos algum filme estreado seis meses antes, sabedores de que a cada certa quantidade de tempo passaria o comboio e, por causa do barulho, terias que imaginar o que diziam os atores. Mas dava para aproveitar a projeção na mesma.

E assim, pouco mais ou pouco menos, transcorreram aqueles felizes dias dos primeiros agostos de que me lembro.

O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

«Neste verão vou às Colonias» ou «aos Acampamentos», dizia no colégio quando tinha oito ou nove anos. Na realidade, tratava de obter informação sobre o que me esperava, tentando receber experiências dos meus impúberes companheiros em vivências deste estilo. A única coisa que sabia era que estaria duas semanas na localidade asturiana de Prava, num

acampamento dos Escuteiros que organizava o Colégio La Salle, instituição muito respeitada no bairro mas que, pela sua condição religiosa, acordava no meu infantil entendimento certo receio.

Para esta duvidosa experiência fomos recrutados as duas filhas da Loli, a amiga da minha mãe, a Alicia e a Eva, e eu. A organização facultou aos pais uma lista do material que teríamos que levar: a mochila, a prancheta, o saco-cama, o prato e os talheres de acampamento, as botas de montanha e a roupa. As duas mães compraram pequenas iniciais da tela e coseram-nas em todas as nossas coisas. Eu observava todos aqueles preparativos e compras sem ter muito claro se queria fazer parte daquela aventura.

Chegou o dia, um autocarro engoliu-nos e, quilómetro atrás de quilómetro, distanciou-nos do nosso bairro, da nossa “zona de conforto”, do entorno que controlávamos; para abandonar-nos num lugar húmido e frio, desconfortável, com muitas regras de obrigatório cumprimento... Aos meus fantasiosos olhos, o mais parecido a um acampamento militar em período de guerra.

No meio da aldeia havia uma grande esplanada. Ali estavam as tendas de campismo instaladas no perímetro. Mesmo no meio presidia um mastro com uma bandeira. Pongamo-nos em formação diante da tenda pelas manhãs e ao fim do dia para fazer a obrigatória homenagem a este símbolo. Com corneta e tudo. Antes de tomar o pequeno almoço, sacávamos os sacos e arejávamo-los dando-lhes voltas e deixando-os em cima do teto dobrado das nossas tendas canadenses. Depois, por grupos íamos a um colégio ali perto, onde em mesas corridas, num desgracioso comedor, tomávamos o pequeno almoço com duas madalenas ou cinco bolachas Maria com uma chávena de leite em pó misturada com muita água e pouco cacau.

Com tão pobre pequeno almoço na barriga, voltávamos ao acampamento. Lembro-me de que passávamos sempre por um gado de vacas. Nós crianças víamos como ordenhavam os simpáticos animais com os ordenhadores automáticos que já começavam a usar-se.

Em adulto pensei muitas vezes no pecado inqualificável que representava umas crianças tomarem leite em pó numa aldeia de gado de Astúrias. É como comer sucedâneo de chocolate na Suíça.

Depois de recolher os sacos e ordenar as tendas, o monitor de cada grupo passava em revista e admoestava quando necessário. E depois tocava-nos fazer alguma atividade, excursão ou qualquer outra coisa para matar o tempo até à hora do almoço, quando mal comíamos. E a comida era má, estava fria, era escassa. Era rancho, na sua forma mais depreciativa e nós éramos umas crianças sem a vigilância dos nossos pais. Às vezes era preferível não comer a

vomitam, especialmente quando nos davam almôndegas tiradas duns boiões de cinco ou mais quilos e que eram repugnantes até pelo cheiro.

Suponho que durante as tardes faríamos mais atividades, mas não tenho uma lembrança clara, só fragmentos:

Lembro-me de ter de ir lavar a louça ao rio depois de cada refeição.

Lembro-me duma caminhada pela costa acima pelos montes perto da aldeia, de chegar a um prado e brincar ao jogo do lencinho ou algo parecido. De lanchar depois um pedaço de pão e uma minúscula porção de doce de marmelo ou maçã —dessas que vinham oito, triangulares, metidas numa caixa circular—; e da luta que se iniciou, com unhas e dentes, quando o monitor perguntou se alguém queria alguma das duas porções que sobraram.

Lembro-me que, ao finalizar uma dessas chamadas “excursões”, depois de caminhar debaixo da chuva o tempo todo, levaram-nos para os gélidos balneários do colégio e fomos tomando duche por turnos com água fria.

Lembro-me que no acampamento havia duas classes sociais: os Escuteiros —que em segredo chamávamos de “burros escapaos ”— e o resto. No comedor do colégio dava para ver essa distinção muito claramente: não comíamos o mesmo.

No sétimo dia daquele inferno, justamente a meio daquele tormento, permitiam às famílias fazer uma visita. Os meus pais, o meu irmão e a Loli e o Antonio, os pais da Alicia e a Eva, chegaram naquela manhã. Primeiro organizara-los no colégio e, talvez, lhes tenham contado alguma milonga. Depois, deixara-los entrar no acampamento. A Eva e eu corremos para abraçar os nossos pais. Chorámos. As mães comprovaram imediatamente, com o infalível método de pôr os lábios na frente, que tínhamos alguns décimos de febre. Estávamos constipados e, apesar do frio, vestíamos camisola e calça curta. Sem acreditar no que viam, revistaram onde tínhamos estado nesses dias e comprovaram a humidade das tendas de campismo, dos sacos-cama, de toda a roupa mal guardada nas mochilas.

«Quero ir embora daqui», implorámos. Desesperados. Muito. Mas também não fez falta insistir. Os nossos pais viram o que a casa gasta, recolheram as nossas coisas e desaparecemos daquele acampamento de terror para não voltar.

Almoçámos em Cudillero. A minha mãe comenta sempre a forma como devorámos as rações de lulas. Com tanta ansiedade, com tanto desespero. E a pena que dava ver-nos.

A Alicia, a outra filha da Loli, ficou ali, pois era alguns anos mais velha do que nós e andava com as urgências adolescentes próprias da idade. Apesar das penúrias, ali estava sem o controle dos pais e com outros rapazes adolescentes do mesmo patamar. Afinal as realidades que nos toca a viver vêm de formas distintas dependendo da maturidade e idade de cada um; também do quanto compensa ou do que recibes em troca. A vida militar, a humidade, o frio e a fome em troca de nada, por muito criança que fosse, a mim não me aportavam nenhum tipo de aliciente. Aquela experiência ficou como uma má lembrança que pouco e pouco fui esquecendo, salvo nos quatro detalhes que descrevo nesta “Nostalgia”; por sorte, a mente humana sabe fazer limpeza das más experiências de vez em quando.

TOROS DE FOGO

Num agosto dos anos oitenta fomos para a aldeia de Cenicientos em plena festa. Os meus pais e eu acompanhávamos outra família de amigos composta pelo Pepe, a Juani e a filha pequena Beatriz. Ali recebeu-nos o Paulino e a mulher dele, nativos da localidade e amigos do bairro de Madrid onde viviam o Pepe e a Juani. Nós não os conhecíamos de lado nenhum, mas graças à simpatia própria das aldeias acolheram-nos como se fôssemos amigos de toda a vida. “Os amigos dos meus amigos meus...”, já sabem.

Vou lembrar-me sempre daquela jornada como muito divertida, mas sobretudo como o primeiro contacto com a essência duma aldeia castelhana, dessa forma de ser ancestral que todos herdamos, mas que, infelizmente, nós que somos da cidade estamos a perder.

No caminho para a casa do Paulino, o homem, que era um pouco piadista —ou gandulo—, pegou num petardo já explodido que estava no chão e lançou-o a uns moços que andavam à nossa frente.

—Olha aí! —gritou para avisar.

Os jovens apanharam um susto por pensarem que o artefacto explodiria aos pés deles. Logicamente, não aconteceu nada, mas o Paulino riu-se pela piada enquanto os rapazes, provavelmente, se lembravam da própria família.

—Vão ver esta noite com os touros de fogo —advertiu com cara de pícaro.

Nesse momento comecei a dar-me bem com aquele senhor e eu era mal um chavalo, desconhecedor dos rurais costumes do lugar, mas que intuía que me ia adaptar a eles rapidamente.

Na casa dele comemos uns filetes deliciosos, como quase sempre acontece com as carnes adquiridas nas aldeias de Castilla. Nisto apareceu um familiar dos nossos anfitriões e não sei

como terminámos em casa dele diante duma mesa repleta de comida. Nós já estávamos cheios, mas insistiam para que experimentássemos algo dos pratos.

—Força, que se vier a Maria e vir que não comem nada —ameaçava o familiar do Paulino.

E veio a tal Maria, esposa do familiar do Paulino, acompanhada por outros familiares. E, também não sei como, terminámos em casa da terceira unidade familiar e voltámos a comer e a beber daquilo que aquela gente tinha preparado para a ocasião.

Afortunadamente, os touros de fogo não esperam por ninguém e quando se aproximou a hora de ir para a praça, deixámos aquele festim sem fim.

A tradição desta aldeia não tinha nada a ver com essa outra imprópria de seres civilizados em que se apanha um toro de verdade, se lhe põe fogo nos chifres e se os tortura de cem mil maneiras entre risadas e gritos. Claramente, os meus pais nunca me teriam levado a um espetáculo deste jaez. Em Cenicientos, o costume era bem distinto: tratava-se de apanhar uns moços, carregá-los com um estrutura nas costas cheia de petardos e fogos e, uma vez assegurado o artefacto e aceso, sair correndo diante da gente a modo de encerro taurino, mas sem denegrir nenhum pobre animal. Dito assim parece um costume bastante bruto e provavelmente o é, mas a verdade é que é muito divertido.

Antes que chegasse o primeiro touro, na praça, os rurais lançavam qualquer tipo de petardo e faziam um barulho ensurdecedor. Alguns eram dos chamados “busca-pés”, que reptam pelo chão e são realmente perigosos. Mesmo à entrada da praça situava-se um camião de bombeiros preparados para qualquer eventualidade. Nesse momento era o alvo mais procurado pelos foguetes. Nesta e em outras silvestres diversões ocupávamos o tempo à espera da chegada do primeiro morlaco .

—Metam as pernas das calças nas meias —aconselhou o Paulino.

Uns desses petardos “busca-pés” subiu por uma parede e enfiou-se por uma janela. Na hora ouviram-se gritos a partir do interior. As pessoas não ligaram nem um pouco. Riram da anedota como se fosse uma piada contada pelo humorista Gila. No máximo, ouvimos dizer entre gargalhadas algo como «todos os anos acontece a mesma coisa».

—Tens sempre que tentar ir atrás do touro —aconselhava o Paulino e foi isso pretendemos fazer o tempo todo, apesar do “miura ” às vezes ser birrento e dar uma volta de 180 graus, exatamente onde tu estavas.

Numa destas, o Paulino deu uma cabeçada a outro paisano. Fez-se uma boa brecha, mas para o outro parece foi pior, dado que não o voltámos a ver; o encerro terminou para ele, sem ter sofrido nenhuma ferida pelo chifre do touro, mas sim pela dura cabeça dum nativo da zona.

—Porra, com o golpe perdi as chaves! —disse o de Cenicientos, com a mão na cabeça.

—Eu encontrei estas —disse o Pepe.

—Olha, são as minhas.

E enquanto aparecia o touro soltando fogo, petardos e “busca-pés”, aquilo virou um desarranjo e uma confusão de nervosismo e gritos por parte de toda a concorrência. As pessoas tentavam fugir pelas ruas da aldeia, mas geralmente isso era um erro dado que ali costumavam formar-se tampões humanos. O touro, como se fosse um animal racional, sabia disso e não descartava a possibilidade de entrar em alguma dessas ruas.

A minha mãe, a Juani e a Beatriz passaram todo o dia escondidas atrás dum Seat 600, sem entender a diversão provocada por um rapaz carregado com petardos que te pode queimar ou qualquer coisa pior. Apesar disso, os homens da expedição, capitaneados pelo Paulino, chegaram a aventurar-se pelas ruas até chegar aos “touriles”. Assim, vimos como refrescavam a estrutura com água e o moço com vinho. Tiravam a pirotecnia gasta, punham uma nova, acendiam e voltavam a começar.

Lembro-me de três velhotas que estavam sentadas num banco da praça. Eram as típicas mulheres castelhanas, com a indumentária preta, o lenço na cabeça e o cajado onde apoiavam as duas mãos. Viam o espetáculo entre risadas e sentiam-se seguras porque por ali nunca passava o touro; até que passou. As três levantaram com uma agilidade invejável e subiram para cima do banco com a ajuda umas das outras. O touro levou mais do que uma cacetada no lombo.

Depois da última chifrada, as pessoas saíam dos seus esconderijos e avaliavam os danos. Alguns tinham a roupa queimada, mas estavam todos muito felizes. Falo, em grande parte, do público masculino, porque a minha mãe e a Juani não pareciam entender qual tinha sido a graça naquela festa perigosa e besta. Ainda por cima, o sorriso de orelha a orelha que mostrávamos na cara, nós os homens, não ajudava em nada.

—Não acho a graça nisso tudo —dizia a minha mãe quase ofendida, com o coração ainda apertado por causa das explosões e assobios dos foguetes e petardos.

—Para mim foi muito fixe, mamãe —assegurei à minha progenitora, emocionado e feliz.

—Ah se vos tivesse acontecido algo.

—Aqui nunca se passa nada, mulher —assegurava o Paulino, com a mão na cabeça, para segurar um lenço manchado de sangue.

Durante anos, em cada agosto, insisti com os meus pais para voltarmos aos touros de fogo de Cenicientos, mas esta aventura já estava amortizada e nunca mais se repetiu, suspeito que a minha mãe influenciou decisivamente esta decisão.

O CAMINHO DO CARES I. A CONVIVÊNCIA

Tudo ocorreu durante as férias de verão do ano 1988. Com as minhas flamantes 16 primaveras embarquei, junto com o meu irmão, a namorada dele de então, o Luis, o meu melhor amigo daqueles tempos, as filhas da Loli e outras muitas personagens do bairro no que se chamava de “Convivencia”. Este ridículo nome era o que dava a nossa paróquia à ação de juntar vários dos seus paroquianos mais jovens e fazer um circuito por algum lugar de Espanha durante o verão. A ideia era compartilhar vivências, caminhadas e acampamentos e, primordialmente, fortalecer os laços cristãos entre estes jovens que, sem a tutela eclesiástica, poderiam tomar caminhos “tortos” no verão, como acontece com algum “caminho de Deus”. Mas nesta ocasião foram de penetra várias “bagagens suspeitas”, entre as quais se encontravam o meu amigo Luis e eu mesmo. Mas não houve problema, dado que tínhamos a cunha dum prometedor mandachuva deste coletivo, o meu próprio irmão, que, naqueles anos andava “raptado” por aquela paróquia e parecia tentado a converter-se num futuro pilar dentro da rede congregacional; graças a Deus —nunca melhor dito—, com os anos a vida dele afastou-se da disciplina paroquiana e da sua servidão e/ou vassalagens. Mas de momento, naqueles tempos, ainda era uma boa contratação para a equipa paroquiana e já tinha participado em algumas destas “experiências religiosas”, sendo a mais comentada aquela que sempre é de cumprimento obrigatório nestes grupos: El Camino de Santiago. Mas neste ano, para não repetir, o “Estado Mayor de Convivencias” decidiu fazer uma rota atravessando as Astúrias pelos Picos da Europa, até chegar ao mar perto de Ribadesella. Num dos dias passaríamos pela impressionante garganta do rio Cares, entre Caín e Poncebos; apesar de irmos visitar outros emblemáticos lugares da geografia asturiana, toda a Convivencia foi denominada “El camino del Cares” e desta maneira é como falamos dela aqueles que a vivemos.

Com todo o operativo montado, o grupo de jovens, junto com o padre que capitaneava a expedição, deslocamo-nos de comboio até à aldeia de Vegacerneja, uma aldeia de León, e ali, num descampado anexo às quatro casas da aldeia, passámos a nossa primeira noite debaixo do duplo teto das nossas tendas canadianas. Como tínhamos de carregar as pesadas tendas de campismo da época durante a viagem, o “estado maior” decidiu levar só os duplos tetos. Eram tendas velhas, usadas mil vezes noutras convivências. Como dita a decência setecentista, em cada tenda só havia elementos do mesmo sexo, mas isso sim, muitos. Na minha éramos sete jovens com mochilas grandes como transatlânticos, quando o fabricante do equipamento de campismo recomendava o uso do produto para só quatro ou cinco pessoas. Portanto, dormíamos apertados uns contra os outros, cada um metido no seu saco, à procura

dum espaço que não havia. Quando íamos para a cama, fazíamos-lo com razoável ordem e disciplina, mas pelas manhãs aparecíamos todos num sítio distinto da tenda. Para ser mais específico, a quem calhava a porta, acabava por rodar para o exterior e basicamente passava a noite ao relento. Por muito que quiséssemos fazer uma “Convivencia” deste tipo dentro do duplo teto duma tenda pequena, as leis da Física não se dobram nunca àquelas da Igreja, e se o volume de certa massa é 1,5 vezes maior que o recipiente que o aloja, finalmente o volume sobranete de dita massa seria desalojado do recipiente. Não duvidem, Newton o diria muito melhor, mas estaria de acordo.

Depois daquela primeira noite debaixo do céu leonés de Vegacerneja, acordei com duas borbulhas enormes nos braços. Observando-as, dava para ver os dois típicos buraquinhos que deixam as mordeduras das aranhas. Não seriam as últimas picadas, de aracnídeos, insetos e de outros simpáticos bichos da nossa bela fauna.

Íamos ataviados como os típicos excursionistas: calções curtos ou bermudas fluorescentes, camisolas de manga curta, boné, e alguns levavam um pau como se fossem peregrinos compostelanos. Diziam que os ajudava a percorrer o caminho. Todas as manhãs púnhamos às costas uma mochila de quase vinte quilos: além das nossas coisas pessoais e a roupa, também tínhamos que transportar a prancheta e o saco, a parte da tenda que nos tocasse, o cantil cheio de água e a comida para vários dias. As nossas mochilas escondiam um delicioso —e plúmbeo— tesouro em forma de boiões de fabada, conservas de atum, carne magra de porco e outros comestíveis enlatados; também leite condensado, bolachas, chocolate... Não sei se esse pesado carregamento era uma subtil referência ao que levou Jesus com a Cruz, mas como símile, dado o caráter religioso do programa, era perfeito.

E também havia a capa impermeável, elemento fundamental no nosso itinerário, dado que chuviscava frequentemente. Muitas vezes dava para ver-nos, desde algum penhasco perto, como uma turma de gnomos encurvados, todos encapados na nossa capa azul escura, carregando a enorme mochila, atravessando a impressionante vegetação. Algum local supersticioso poderia confundir-nos com a “Santa Companhia”.

Definitivamente, éramos poucos os que levavam o material correto e quase sempre carregávamos mais do que era preciso. E, como se isso não bastasse, a maioria das pessoas do grupo não tinham a forma física e mental adequada para uma experiência assim tão exigente. Por exemplo, houve um jovem, com mais de vinte anos, que fez todo o caminho calçando

umas débeis e brancas sapatilhas “bambas” da época. «É uma promessa», justificava a todos aqueles que afeavam a decisão dele. Terminou com os pés destroçados; literalmente reventados. Espero que, pelo menos, o espírito e convicção religiosa dele ficassem em paz. Outro que se apelidava Valladares — “Vaya andares ”, foi motejado— calçava uns ténis velhos totalmente deformados. Tinha o defeito de caminhar com os pés para dentro de maneira muito marcada. Dava arrepio vê-lo, porque parecia estar a ponto de torcer ou partir os tornozelos. Outro tinha algum tipo de deficiência mental pouco severa, mas que por ser parte da paróquia, se inscreveu sem pôr nenhum inconveniente. Ali não havia nenhum monitor para assegurar o correto tratamento duma pessoa com esta deficiência, só havia gente muito jovem —e cruel; a nessas idades sempre o somos— pronta a rir, quando o padre ou alguém mais adulto não olhava, da preguiça, loucura e saídas dele. Em Caín resolveu pôr um boião de fabada e outro de tortellini com tomate num fogo, deixando só um par de aberturas feitas na tampa com um abridor. Pouco depois tirou-as da fogueira e queimou os dedos. Depois terminou de abri-las, e soltou-as quando não conseguiu aguentar o calor. Virou o conteúdo dos dois boiões no prato. A comida estava quente em alguns sítios e fria e coagulada noutros. Misturou a fabada e os tortellini com o molho e começou a comer e a rir-se. Eu deixei-o fazer aquilo e ri-me pela nojenta situação junto aos outros que estavam ali. Nem me passou pela cabeça evitar que o fizesse -coisa que não teria conseguido: era maior do que eu, mais corpulento e ficava muito violento se o contrariavas- ou, a coisa mais lógica, chamar o padre ou qualquer adulto.

Não me sinto nada orgulhoso de como atuei. Quantas coisas mais deste calibre ou piores fez este rapaz sem a tutela duma pessoa especializada em tratar da enfermidade; pois, não sei.

O dia a dia consistia em: madrugar muito, tomar o pequeno almoço, arejar os sacos-cama, recolher o acampamento, desmontar a tenda, fazer uma oração com o grupo reunido num círculo e começar a caminhar. Planearam as jornadas com a premissa de cobrir toda a distância em três etapas seguidas de caminhada e uma de descanso em dois pontos bastante assinalados: Caín e os Lagos de Covadonga. E assim, enfrentámos jornadas de entre quinze e vinte quilómetros nos dias de rota. Tentávamos finalizar a etapa antes de almoçar. À tarde voltávamos a montar a tenda, curávamos as feridas e bolhas dos pés, tentávamos descansar e, antes de ir para a cama, voltávamos a celebrar uma oração em círculo para que ninguém esquecesse a razão principal daquela empresa.

Por muito duras que fossem as etapas, para mim o pior foi, precisamente, todo o tempo empregado na “doutrinação”. Independentemente de tudo o resto, aquela era uma expedição feita por e para o reforço dos valores cristãos dos jovens que ali estavam. «Para fazer Igreja», como era ribombante moda dizer naqueles tempos. E é preciso reconhecer que ninguém foi enganado: a expedição estava organizada pela paróquia do bairro e o caráter era muito claro e não se tinha ocultado em momento algum; mas ainda assim, eu não pensava que fosse tão radical. Oração matutina, oração noturna, missa sempre que havia oportunidade... Para mim foi muito duro. Por exemplo, quando chegámos a Caín, a primeira intenção de qualquer um (ou pelo menos a minha) era explorar aquela maravilhosa paisagem, meter-se entre as montanhas, no desfiladeiro, ou também, se estavas muito cansado, enfiar-se na tua tenda de campismo para descansar o corpo. Pois, na verdade, o que fizemos, uma vez montadas as tendas e o acampamento, foi entrar na pequena e desvencilhada capela da aldeia a celebrar uma missa de uma hora e meia. Eu não estava a acreditar. O que fazíamos metidos entre quatro paredes, a ouvir as mesmas coisas que nas duas orações diárias, enquanto lá fora nos esperava uma natureza selvagem e atarantadora para desfrutar. A meu agnóstico entender, algo assim não tem qualquer justificação.

Apesar de todos estes inconvenientes, éramos jovens e capazes de aguentar qualquer adversidade, por peregrina —permitam-me a redundância— ou incompreensível que fosse. Assim, alguns de nós também puderam desfrutar da contemplação serena, enquanto caminhávamos, da extraordinária paisagem asturiana, da natureza em estado puro. Vivemos aventuras de grande dureza mas que o tempo soube suavizar e mitificar. Passámos fome, frio, calor, sofremos com a febre, as torções nos tornozelos e as bolhas nas plantas dos pés; e fizemos coisas inimagináveis como pernoitar no Parque Municipal de Oviedo, no chão ou nos bancos, na noite justamente antes de apanhar o comboio para voltar... Mas posso dizer, com a perspectiva que dá os anos, que não me arrependo nem por um segundo de ter feito parte daquela aventura.

O CAMINHO DO CARES II. EL PASSO DOS LAGOS DE COVADONGA

Num dos dias acampámos nos arredores da paróquia de Carreña de Cabrales, perto dum campo de futebol de terra. Numa das laterais havia uma espécie de casa que fazia as vezes do balneário. O recinto, que imaginei que fosse usado só nos dias de jogo, fechava-se pela morna

do bar com uma grade que acabava num cadeado, sem que houvesse nenhuma porta. Sem reparar demasiado naquela casinha, instalámos as tendas de campismo nos arredores. Eu mal ajudei, dado que durante a etapa daquele dia tinha torcido o tornozelo e me doía muito cada vez que pisava para tentar caminhar, apesar da magnífica e sólida ligadura que me pôs o menino responsável da enfermaria. Jantámos e por volta das 23:30 amontoamo-nos cada um na sua própria tenda, como sempre, para tentar dormir. Mas às 3:00 da madrugada alguém acordou com a cara encharcada. Estávamos debaixo duma tormenta daquelas que fazem história e as tendas canadenses deixavam entrar a água por tudo quanto era sítio, ao mesmo tempo que se arqueavam com as violentas rajadas de vento. E, como já referimos, as nossas casas portáteis eram já muito velhas e usadas, e ensopavam a água como se estivéssemos a céu aberto. E ainda por cima, as mochilas e nós mesmos roçávamos inevitavelmente as paredes oblíquas da tela laranja, já quase amarelada, facilitando ainda mais a passagem da água.

Alguns dos chefes de expedição resolveram que fôssemos refugiar-nos nos balneários do campo de futebol. Apanhámos cada um a nossa prancheta, os nossos sacos, que estavam bastante húmidos, e deixámos as tendas à sua sorte. O grupo, tentando que nada do que transportava acabasse arrastado pelo chão encharcado, atravessou o campo de futebol até ao alpendre. Naquele momento chovia torrencialmente. Eu estava a mancar, e o chão enlameado não me ajudava as minhas intenções. De repente caiu um raio que iluminou toda a cena. Parecíamos tirados duma passagem da Guerra do Vietname, depois dum bombardeio, desamparados entre a chuva e o barro.

Um dos meninos de maior idade levava uma faca de sobrevivência bastante imponente. Com semelhante ferramenta não lhe custou muito romper o cadeado oxidado da grade do bar. Entramos sem nenhuma ordem, pulando a montra. A mim ajudaram-me dado que o meu pé não estava para saltos em altura. Senti-me um pouco ridículo por ter que ser levantado como algumas meninas particularmente desajeitadas e escandalosas, que receberam a mesma ajuda. São as coisas da idade da masculinidade; coisas tontas, a propósito, que o tempo e as leituras curam.

Enquanto as pessoas entravam no local, o temporal não parecia querer parar. Os trovões eram cada vez mais sonoros e longos, o que indicava que a tormenta em vez de se afastar, estava cada vez mais em cima de nós. Alguns tremiam de frio e outros de medo.

Éramos umas quarenta pessoas e tínhamos que dormir num quarto tão pequeno que com certeza só servia como balneário à equipa local. Eram quatro paredes de tijolo, em outro tempo caiadas, mas que agora só tinham alguns restos brancos, algo enegrecido pela

humidade. O teto era de uralita e produzia um estrondo horrível com a tormenta. Havia alguma goteira e mais de uma cagada de rato ou de outros animais que, por serem também roedores, têm pior reputação. Quatro caixas de cerveja “Mahou” descoloridas, cheias de garrafas vazias, escondidas debaixo da montra, entre teias grossas e rasgadas. Aquele lugar estava abandonado faz muito tempo.

Alguém descobriu uma aranha especialmente grande que se encontrava imóvel num canto. Iluminou-a com a lanterna, mas continuou no lugar. Eu não tinha visto nunca uma aranha com o abdómen tão grande. Algumas meninas gritaram ao ver o magnífico exemplar e afastaram-se o máximo que conseguiram, como se tivessem descoberto um tigre de Bengala com as fauces abertas. O padre, muito preocupado, mandou calar as histéricas, que o estavam a tirar do sério com os gritos. Logo a seguir ordenou ao descobridor de animais que matasse o achado, para demonstrar talvez ser resolutivo mas de pouca caridade cristã para as criaturas do Senhor. Sem chiar, o chavalo, empunhou a molhada bota de montanha, esmagou com toda a força o aracnídeo, e então, de debaixo da bota começaram a sair dezenas de aranhinhas diminutas, que se moviam rapidamente em todas as direções. Ouviram-se mais guinchos estúpidos e o padre soltou com todas as forças um “Calem-se, porra!” que silenciou tudo durante uns segundos: aos chavalos e aos trovões da tormenta. Depois, sem piedade, com as lanternas a apontarem em todas as direções, pisamos as pobres aranhitas que encontrámos, dando um tristíssimo final à sua recente chegada à vida.

Afinal acoplamo-nos todos como boamente conseguimos. Eu tinha os pés em cima de alguém ou de algo, o que calhou muito bem para a minha torcida. Mas a humidade —estávamos encharcados, o nosso material também e definitivamente tudo o que nos rodeava— e o barulho não deixaram conciliar o sono a ninguém. Não sei como não apanhámos algo metidos naquela ruína.

Às 6:00 da manhã parou de chover e o padre acordou toda agente. Parecia cansado e com o temor segredo de que alguém nos apanhasse ali, talvez o dono do chiqueiro que nos serviu de refúgio. Recolhemos tudo em meia hora. As tendas estavam nojentas: cheias de barro, de folhas e com mais água do que aquela que as formas da lona permitem recolher. Algumas achámo-las devastadas, espalhadas pelo chão com as picaretas arrancadas de coalho e a tela enganchada no tronco de alguma árvore.

Encharcados até aos ossos, com a roupa e a mochila a jorrar, totalmente moídos pela noitezinha na que não tínhamos descansado, a pisar a relva enlameada e a ver um amanhecer frio e húmido, fomos embora como se nada tivesse acontecido.

Ainda sem recuperar da noite de Carreña de Cabrales, dois dias depois, tivemos de enfrentar a “etapa rainha” da expedição: a ascensão aos Lagos de Covadonga.

Começámos mal, porque o cansaço acumulado atrasou os trabalhos matutinos de recolha do acampamento; apesar do atraso, não faltou a inútil oração de cada manhã, pelo que saímos uma hora e meia depois do previsto. Por outro lado, o “estado maior” decidiu subir pelo meio de trilhos e não por estrada. Isto foi um erro crasso, dado que o nevoeiro descia e subia e, sem forma de o evitar, perdemo-nos.

Graças a isso, descobrimos paisagens limpas, ocultas por recantos de nevoeiro ou rajadas de orvalho; mas assim como o tempo passava, a tarde avançava até ficar noite, e não sabíamos se chegaríamos ao nosso objetivo.

Por sorte achámos um pastor de ovelhas perto duma cabana no meio do nada. O homem, com um aspeto rural típico espanhol, falava um asturiano muito fechado e mal algaraviava alguma palavra em castelhano. Apesar disso, o avô indicou-nos exatamente como sair dali e como chegar aos Lagos; e até quis vender-nos um queijo de ovelha daqueles que guardava na cabana, pelos vistos feito por ele mesmo com o leite do gado dele. O preço que pediu era tão descomedido que ficou com toda a produção intacta. Além disso, com tanta preocupação, ninguém estava a pensar em desfrutar da deliciosa gastronomia asturiana.

O trilho que nos indicou o bom homem acabou por ser maravilhoso. Atravessámos um imenso vale perdido entre as montanhas. Era tudo verde em qualquer direção. Assim como baixou o nevoeiro, voltou logo a subir, e pudemos observar que o único ápice de civilização do gigantesco vale eram as ruínas duma casa abandonada, que na altura deve ter sido fabricada com paredes de penhascos, ardósia e adobe. Uma manada de cavalos pastava livremente e à sua natural beleza selvagem juntava-se a presença aleatória e constante dos seus excrementos. Pois toda a beleza tem as suas imperfeições; para que saibamos que é real. Mas nem por isso deixámos de sentir-nos imersos num lugar inexplorado. Não havia estradas, nem aldeias, nem plantações, nem fileiras de árvores de frutos todos cortados no mesmo padrão, nem cercas de pedra, nem alvercas, nem nada que indicasse a mão do Homem. Mal os restos da construção ruínosa de adobe. Numa das montanhas, que vigiavam o vale, existia uma gruta natural, que a atravessava duma ponta à outra. Era mesmo a passagem que o pastor de ovelhas nos aconselhou a seguir. Tivemos que fazer uma pequena escalada para chegar até ela. Na saída da gruta, que atravessámos com as lanternas acesas com um pouco de medo, tínhamos que achar um trilho que desembocava na estrada que dá aos Lagos de Covadonga.

Mas quando saímos da passagem esperava-nos o nevoeiro mais espesso que alguém pode imaginar. Não dava, simplesmente, para ver nada. Era impossível saber em que direção ir e a noite era iminente. O padre veio-se abaixo. Sentou-se no chão, esgotado física e mentalmente.

—Mas temos de nos mexer. Não podemos ficar aqui -tentava razoar com o pároco algum dos seus “coroneles”; talvez fosse o meu irmão.

—Não! —gritou—. Eu fico aqui!

—Temos que procurar a estrada.

—Estou farto de andar sem saber onde vamos! Levámos mais de dez horas a dar voltas” eu não me mexo daqui -disse, abriu a mochila e rebuscou algo para comer—. Vocês façam o que quiserem! —Pôs-se à margem.

—Calem-se um momento! —disse um—. Não ouvem um barulho?

Efetivamente dava para ouvir, algo amortecido pelo nevoeiro, o som do motor dum carro.

—Sim -disse outro—. Parece um todo o terreno. Vem dali.

O grupo mobilizou-se na direção do barulho da maquinaria do veículo. Pouco depois achamos a estrada. O padre seguiu o grupo a resmungar.

Dois quilómetros depois, já de noite fechada, avistamos o Lago Enol.

O CAMINHO DE CARES III. A MULHER DA CURVA

Numa das etapas finais aconteceu de tudo. De manhã percorremos a pé a distância entre Cangas de Onís e Arriondas. Este percurso foi insuportável. Fazia muito calor e podíamos notar a proximidade do mar no ambiente, dado que o tato da pele era mais pegajoso, esgotando o nosso corpo fatigado. A estrada que estávamos a percorrer fervia. Só existia a sombra de alguma árvore em intervalos de muitos metros. Não parecia que aquilo fosse a verde Astúrias. Chegámos a Arriondas literalmente mortos. Apesar do caminho não ter sido muito —uns sete quilómetros—, sentimos todo o peso acumulado pelo cansaço dos mais de cento e cinquenta quilómetros que albergavam as nossas pernas.

Durante a refeição repusemos as forças e enchemos os cantis. Chegados a este ponto havia duas possibilidades: ir para Ribadesella por Triongo e Santianes, ou seguir um caminho mais longo, mas que passava pelo miradouro do Fito. Escolher o segundo trajeto não supunha só uma maior distância, eram também dez quilómetros de subida até ao miradouro. Ao padre apetecia-lhe ver a vista desde o Fito e, na verdade, a mim também. Ao fim e ao cabo, eu não estava assim tão mal e sentia-me com forças para aguentar o que fosse preciso; mas haviam pessoas a quem esses dez temíveis quilómetros de subida produziam suores de terror, dado que tinham umas bolhas nos pés do tamanho de punhos e que a formação física deles, a estas

alturas, raiava —ou ultrapassava— o nível zero. Claramente, por muita “Convivencia cristiana” que fosse aquela, não se optou de maneira automática pela opção mais “criativa”. O padre tinha demasiado peso como líder da expedição e apesar de saber o resultado com antecedência, decidiu ser equânime, na teoria. Assim, realizámos uma votação “democrática” por braços erguidos. Quase toda a gente votou, fosse qual fosse a opinião ou força, como é previsível, o que votou o padre.

Às 16:00 começámos a ascensão. No primeiro quilómetro do percurso o pelotão começou a desagregar-se, e no segundo já cada um subia ao próprio ritmo e separado dos outros. Superei duas das meninas pior preparadas para estas aventuras e às duas perguntei a mesma coisa, e obtive uma resposta idêntica

—Como vais?

—Uma e não mais, São Tomás.

Parece que a santidade do italiano Tomás tinha-se manifestado no espírito dos expedicionários, e aqueles com maiores carências físicas começavam a ser tutelados pelos seus bons ensinamentos, e a meter, entretanto, no subconsciente, sábios conselhos para ter em conta da próxima vez que lhes apresentassem uma “Convivencia” deste tipo.

Quando chegámos à altura certa, já podíamos distinguir o mar ao longe. Alguns saltavam e gritavam. «Chegámos ao mar!». Esta visão deu um pouco de esperança aos mais esgotados; e saber que a meta em forma de água salgada era já visível ao longe, que aquele cansaço finalizaria de vez, deve ter dado renovadas forças a mais do que um para terminar esta agónica ascensão.

Quando subimos ao miradouro do Fito começava a anoitecer. Não conseguimos ver nada da paisagem salvo as luzes das aldeiazinhas costeiras, que se refletiam no mar, o qual tinha um certo encanto. Quando toda a gente estava lá em cima fizemos uma revisão de cantis. A maioria deles estavam vazios. Ainda por cima, sabíamos que alguns membros, para estarem menos carregados, enchiam irresponsavelmente os cantis até meio, para poupar assim uma meia quilograma de peso. A água acabava antes e pediam sempre aos outros. Já os tínhamos apanhado.

Naquela paragem não existia nenhuma fonte. A única que havia, no começo do trilho que dava ao miradouro, era um posto de madeira que fazia as vezes do café e que a essas horas estava fechado. Alguém disse que tinha visto um cano de água, num bebedouro, aproximadamente meio quilómetro mais abaixo, numa reentrância numa curva da estrada. Juntámos todos os cantis e um grupo de oito voluntários (entre os quais estava eu) desceu à procura do líquido precioso. Já era noite cerrada e entre o brutal arvoredo e a falta de lua, não

se via nada. O primeiro levava a lanterna acesa, para marcar o caminho. Parecíamos uma lagarta gigante que atravessava a escuridão.

Por fim chegámos ao nosso destino. Efetivamente, ali havia uma espécie de bebedouro e, atrás dele, meio escondido pela frondosa vegetação, um cano de onde fluía a água, previsivelmente potável, que enchia o pilão. Três meninos enfiaram-se entre o mato para recolher a água do cano. Caía um fiozinho, de maneira que demorámos muito mais a encher todos os cantis.

Entre nós que descemos havia uma menina que exibia um peito generoso para a idade dela e pernas fortes e bonitas, com uns gémeos próprios dum jogador de futebol. Sentou-se no pilão do lado da estrada, cruzou as pernas nuas e esperou tranquilamente o momento de voltar para o acampamento.

—Olha para a Gema —disse ao meu amigo Luis.

—O que foi?

— Espera.

Depois de um pouco passou um carro que a iluminou com os faróis, deu uma travagem e continuou o caminho a toda velocidade.

—Tas a ver?

—A Gema é muito bonita, mas...

—Não é isso —corrigi o Luis e argumentei a inquietante situação com a minha melhor prosa: O que pensarias tu se ao subir de carro esta portela, toda escura, de noite, sem lua, sem casas, só árvores, arbustos e mato a cada lado da estrada durante vários quilómetros; de repente, achasses uma miúda tranquilamente sentada num pilão, sozinha, olhando os carros passar, esperando, impávida, como se sempre tivesse estado ali, quase no cimo duma montanha, muito longe de qualquer lugar habitado...

—Tu achas que a nós não nos veem?

—Aqui atrás as árvores resguardam-nos.

—Por acaso é para cagar-se de medo.

—E muito. Eu estou morto de medo só de imaginar e olha que sei que a Gema não é nenhum espírito.

Passou outro carro e dando uma guinada, estava a ponto de sair da calçada. A menina ou não se dava conta do efeito que provocava ou tinha-nos ouvido e desfrutava sinistramente da situação. Nunca o soube.

Afortunadamente, já não passaram mais carros.

Enchemos todos os cantis e iniciámos a marcha de volta para cima sem mais cenas perturbadoras dignas de menção. Depois de jantar, não achámos nenhum lugar suficientemente plano e desimpedido para plantar as tendas de campismo, de modo que dormimos ao ar livre, metidos cada um no seu saco. Começou a fazer frio, assim cada grupo pernoitou junto, com o duplo teto da tenda em cima de forma a cobrirem-se.

Uma coruja decidiu passar a noite connosco.

—Quiu —dizia o rapace noturno, usando a própria estranha e sinistra linguagem—.—Quiuuu —voltou a repetir de uma forma ainda mais penetrante e lúgubre, fazendo passar aquele som pelo lamento desgarrado de algum trasgo caído em desgraça.

Eu perguntava-me, enquanto tentava dormir enfiado no meu saco até à cabeça, se na curva mais abaixo, naqueles momentos, estaria um fantasma com forma de bela mulher, a mostrar a brancura das suas pernas aos faróis dos poucos carros que subissem...Se for assim, seria sem dúvida o espetro que tão bem possuiu durante um tempo a Gema.

Um ano depois, descobri algo assustador, ao ver um episódio da série que se emitia na televisão naquele tempo sobre a personagem literária Pepe Carvalho, do escritor barcelonês Manuel Vázquez Montalbán. A entrega sobre o detetive galego, que interpretava Eusebio Poncela, tratava da lenda duma mulher que, vestida só com uma gabardina, pedia boleia, à noite, na curva duma estrada solitária. Finalmente acabava sempre por parar algum carro com um homem sozinho e a recolhia. Então a mulher tirava a gabardina e ficava nua. O condutor para olhá-la assombrado pelo espelho retrovisor, perdia o controlo do carro, e na curva seguinte, estalava-se contra uma árvore, matando-se violentamente. O esperto assassino saía do carro e voltava para a curva à espera do próximo carro.

Já pode imaginar o assombrado leitor de qual passagem da minha vida me lembrei quando vi esta série.

CARANGUEJOS DE RIO

Quando era muito pequeno a minha família e os meus tios fizeram uma excursão até à impressionante Sierra de Cuenca, com a intenção de visitar a famosa nascente do rio Cuervo. Depois de percorrer os inícios do afluente de Guadiela, até chegar às célebres cascadas, demos por finalizado o primeiro objetivo da viagem e, na volta para pegar os carros aventuramo-nos à procura de algum lugar onde montar o acampamento para jantar e

pernoitar. Passámos em frente a um posto da Guardia Civil onde havia um cartel que indicava que era proibido pescar e, mais em baixo, o inventário das diversas sanções segundo as peças cobradas. Não demos muita importância ao aviso pois a disciplina da pesca não estava incluída entre as atividades programadas naquela ponte.

Três ou quatro quilómetros depois, num clarão do bosque, estacionámos os carros e tirámos as mesas e as cadeiras para jantar. Fazia um frio mortal. Ao fundo ouvia-se a corrente do rio, que não ajudava em nada a aquecer o ambiente. A noite cobriu tudo e à luz do fogão de campismo os meus familiares estenderam um monte de folhas manchadas pelo chão. O meu pai, na condição de encadernador, levava sempre algumas no carro. A ideia era que fizessem de isolador. Estendemos os cobertores e pusemos os sacos em cima. E assim, a minha família dormiu aquela noite ao relento.

Como fazia muito frio e eu era uma criança de seis ou sete anos, tive que dormir no carro com o meu avô Primitivo. Eu teria gostado de passar a noite debaixo das estrelas, como os vaqueiros nos filmes do faroeste, mas como não tinha nem voz nem voto, acabei no assento traseiro do Seat 600, provavelmente envolvido em roupa e imobilizado como uma múmia no seu sarcófago.

De manhã havia uma capa de escarcha em cima dos sacos-cama. Deve ter sido uma noite bastante dura, apesar de eu, no meu improvisado hotel particular, não lembrar de ter dormido mal.

Depois do pequeno almoço, no passeio pelo cais do rio encontrámos um pescador que, apoiado no cartel do “proibido pescar”, estava ocupado a “pescar” com a sua cana.

—Então? Mordem?

—Hoje a coisa está má...

Deixámos o homem no seu ofício e voltámos ao acampamento base. Enquanto fazíamos tempo para a refeição, o meu irmão, os meus primos e eu dedicámo-nos a atirar pedras ao rio com a intenção de que saltassem como as rãs, empregando a célebre técnica que alcança este efeito. Então chegou o meu pai e disse convencido:

—Se atirmos um osso de coelho nessa poça, vão ver como começam a sair os caranguejos.

—A sério?

—Vamos tentar...

Pouco depois atirámos um osso do coelho que estávamos a cozinhar na cozinha do acampamento. Num minuto no máximo pudemos ver três aguerridos caranguejos ibéricos, cada um procedente dum sítio distinto, a andarem sem nenhum receio à procura do valioso botim. A água estava limpa e dava para apreciar as evoluções da fauna selvagem como nos

documentários da televisão. Depois desta guarda avançada apareceram muitos mais, chegados de não se sabe onde. Os bravos caranguejos pátrios, lutando à vez para chegar ao osso, não sabiam que lhes espreitava o maior predador da natureza, neste caso, na versão madrilenha. Assim, tal vez imbuídos pelo mau proceder do pescador que encontrámos umas horas antes, o meu irmão e os meus primos pediram permissão para entrar no rio para apanhar os pobres crustáceos. A petição foi concedida e após terem arregaçado as calças e aguentado, como só um jovem pode fazer, a água gélida, apanharam todos os caranguejos que conseguiram, não sem antes receber algum belisco das suas pinças e outras baixas assumíveis dada a improvisação do operado.

Depois da carnificina, os três pescadores saíram da água e voltámos, uns minutos depois, a repetir a manobra de captação com o osso de coelho. Os caranguejos, animais de pouca memória e menos capacidade de aprendizagem, voltavam a detetar o osso do coelho e lançavam-se sobre ele. O meu irmão e os meus primos sobre eles. Assim, até que enchemos uma caçarola.

As mulheres da expedição, hábeis cozinheiras —e destras em muitas mais coisas— improvisaram um cozido com a matéria prima disponível. A pobre caranguejada ofereceu assim um aperitivo fresco, de temporada e muito da zona em que estávamos. Antes inclusive de passar a comer o coelho, o meu pai sacou a picareta que levava no porta-malas do carro e fez um buraco no chão. As cascas dos crustáceos foram enterradas dando uma sentida homenagem a esses caranguejos que tão bem souberam. Talvez o mal pensado leitor acha que tentávamos ocultar provas da nossa malvadez. Pense melhor que o fósforo da couraça dos caranguejos, em contato com a terra, vira um maravilhoso húmus que, com as suas propriedades fertilizantes, resulta muito bem para o desenvolvimento dos vegetais. Talvez não fosse a nossa primeira intenção, mas a Natureza é sábia e soube reconduzir os nossos atos pouco edificantes para outros mais acordes na preservação.

Já no caminho para Madrid, voltámos a passar pelo posto da Guardia Civil e olhámos para o cartel de proibido pescar. Entre as espécies inventariadas estava o caranguejo de rio ibérico, espécie que naquele tempo estava a ser fagocitada pelo lamentável caranguejo de rio americano. A lenda diz que a multa era de 5000 pesetas daquelas dos anos setenta. Por peça.

TERROR NA CASA RURAL

Na segunda noite que pernoitamos nos Lagos de Covadonga na “Convivencia” chamada “Camino del Cares”, alguns de nós metemo-nos numa tenda para ouvir histórias de terror. Um dos adultos, experimentado em mil acampamentos, sabia algumas. Relatou-nos à luz

duma lanterna um conto que tinha como protagonista um escalador a quem um dia lhe apanhou uma nevisca e encontrou o corpo numa mulher num bloco de gelo. A maneira como atuou depois da descoberta trouxe-lhe graves consequências para o futuro. Depois da apoteose final da história, eu tomei boas notas mentais do relato e referi-o, de forma cada vez mais ampliada e realista, em várias ocasiões nos anos seguintes.

A mais lembrada destas narrações foi numa casa rural de La Puebla da Sierra, bonita localidade da Sierra Norte madrilenha. Éramos um grupo formado por três meninas e quatro meninos. Contávamos com pouco mais de vinte anos e os de menor idade ainda eram muito influenciáveis. Alugámos uma casa rural durante todo o fim de semana. Alguns de nós conheceram-se pela primeira vez, dado que se juntaram amigos de amigos. Por exemplo, uns dos convidados era o “primo” numa das meninas, mas ainda me pergunto se na realidade existiu ou foi uma presença, um ente, que se agregou quando chegámos ao povo serrano.

Era inverno e fazia um frio dos diabos. De vez em quando víamos nevoeiros e a aldeia parecia quase deserta. Não sei que estranha demência nos invadiu —por acaso foi induzida pelo fantasmal “primo”— mas optamos pelo “macabro”. Assim, num passeio antes de jantar, terminámos no cemitério da aldeia, em cima da vedação, a olharmos para o jardim de lápides que estava submerso numa neblina noturna própria dos contos vitorianos. A propósito, o “primo” não gostava muito destas atividades e ficava assustado o tempo todo, sensação que acabou por contagiar outros membros do grupo.

—Viram a luz? —disse uma das meninas.

—Que luz?

—Sim, ali, na outra vedação...

O “primo” começou a mexer-se desconfortável. A tremer e não de frio.

—Pois eu não vejo nada.

—Sim...Outra vez. Ali há alguém e está a mexer-se...Vamos embora, vamos embora...

E assim, com certa premência, fomos embora do cemitério, alguns a verem fantasmagóricos clarões e outros sem ver nada. Por outro lado, o “primo” teve que espiar todas as almas dos contornos porque tinha graça vê-lo ir longe do santo campo a toda velocidade.

Mas de repente parou.

—Ali há algo —disse aterrado.

—Onde?

—Ai...Não veem os olhos?

Efetivamente, a meio da estrada, envolvidos pela obscuridade e o silêncio, uns olhos luminosos olhavam para nós fixamente. Então, o ente misterioso mexeu-se.

—Ah, mas é um cavalo.

Mas o “primo” não ouviu, dado que tinha saído a correr como uma alma possuída.

O Pedro, o Ernesto e eu não pudemos evitar uma enorme gargalhada. O cavalo e as moscas foram embora com passo tranquilo em direção contrária, talvez um pouco espantados com a nossa bagunça. Tendo em conta que não íamos seguir por esse caminho, voltámos para as solitárias ruas da aldeia, cheias de sombras suspeitosas. Aproveitámos o ambiente assustador, fizemos piadas e provocámos sustos de tosca fatura mas com bons resultados. As luzes dos postes de luz, intermitentes pelos solavancos que o vento provocava neste mobiliário urbano, e algum paisano maldisposto que estava no caminho para a única cantina da aldeia ajudavam-nos no nosso inquietante empenho. Na praça, as mulheres e o “primo”, fartos dos nossos jogos, posicionaram-se debaixo duma luz e exigiram que andássemos à frente para evitar novos sustos...E assim, meio escoltados, chegámos à casa rural.

Acabado o jantar, congregados ao redor da mesa baixa da sala, acendemos velas e servimos licores comprados para a ocasião. Uma conversa levou a outra e finalmente, o Ernesto e o Pedro, velhos amigos conhecedores do meu poder fabulador, que despontava naqueles tempos, pediram-me que contasse a história do meu tio, aquele que escalava o gelo. Eles já tinham ouvido a história que a “tradição oral” tinha transmitido desde aquela noite longe nos Lagos de Covadonga até esses dias. Também tinham sofrido as consequências. E por tudo isso souberam ver que aquele era o cenário ideal. O público entregar-se-ia por completo.

—Mas, qual? —fiz-me de desentendido.

—Sim, homem, aquela do teu tio, que lhe aconteceu aquilo nos Alpes...

—Ah, o meu tio Juan —inventei, batizando o meu inexistente tio e tentando dar assim maior verosimilitude ao assunto.

—Essa.

—Claro, o que acontece é que é uma história um pouco truculenta —inquietei.

—Não, mas conta, conta —pediram as três meninas do grupo, sem saber do terror que acudiria nas vidas delas depois desse dia. O “primo” calado, receoso.

—Está bem —concedi e fiz um silêncio dramático dos meus—. Pois verão, o meu tio Juan, faz muitos anos, quando era jovem, resolveu durante um tempo fazer rotas pelas montanhas e escalar no gelo e essas coisas -referi, como se a afeição do meu inventado tio fora algo do mais normal, até possível. O auditório calava-se sem pôr nenhum “mas” às andanças do meu

familiar-. Pois quando era pequeno contou-me que numa ocasião, nos Alpes... —Outra pausa dramática para dar peso histórico ao relato—. Na Suíça se não me engano, apanhou uma tempestade de neve numa destas saídas. A questão é que ao meio do temporal encontrou uma mulher congelada no gelo, num oco numa parede montanhosa —soltei como se aquilo fosse o mais normal do mundo. O auditório parecia engolir o conto como se o estivesse a ver com os próprios olhos—. Com a sua picareta começou a picar para tentar tirar a mulher. Não era fácil tirar o gelo sem acertar na carne congelada do corpo. Num dos empurrões, foi-lhe à mão e, sem querer, cortou um dedo congelado. —Algum ouvinte levou a mão à boca e disse um cândido «A sério?»—. Bom, isso foi o que contou o meu tio. Enfim, depois do choque inicial, reparou que no dedo seccionado havia um gordo anel de ouro. Então não sei o que lhe deu mas apanhou o anel e foi embora do lugar abandonando a mulher.

—Maldito seja o teu tio.

—Pois. Não estava orgulhoso quando o contava. Arrependeu-se muitas vezes, mas sei lá eu, deu-lhe um “mal de altura” ou algo...Mas a história não acaba aqui. Passaram-se mais coisas. O Pedro e o Ernesto, de vez em quando, riam baixinho, conhecedores da totalidade da fábula, do que veria depois. Isto não ajudava a criar a sugestão que eu procurava. É verdade que as sombras das velas acesas e o estralejo do fogo da lareira, assim como o álcool no sangue que, pouco a pouco, estávamos a acumular, eram uns impagáveis aliados, mas tínhamos que mostrar outra atitude para lograr o propósito deste conto. Reprovei o comportamento deles com uma olhadela fulminante, bebi do meu copo com estudada parcimónia, observei os olhos abertos do resto dos ouvintes e, justamente antes de implorarem que seguisse com a história, retomei a lenda.

—Um ano depois, o meu tio voltou à mesma zona. Estava a fazer uma rota de vários dias e a ideia era pernoitar em albergues de montanha. Quando chegou àquele que lhe tocava no final da primeira jornada, viu que estava ocupado por uma mulher. Entrou, apresentaram-se como bons montanheiros e a mulher cumprimentou-o oferecendo a mão. —Pausa dramática; não sei quantas iam já—. Faltava-lhe um dedo.

Os ouvintes empalideceram. Eu voltei a tomar outro gole de meu rum com limão.

—Se quiserem paro aqui —perguntei de forma estudada—. Não é uma história agradável...

—Não. Por favor, continua... —imploraram as mulheres. O “primo”, debaixo duma manta, parecia experimentar o mesmo medo que sentiu o meu tio Juan quando apertou a mão de quatro dedos da montanheira, supondo que a história fosse verdade e existisse um “tio Juan”.

—Está bem —aceitei, complacente—. A noitada seguiu como acontece nestes casos. Compartilharam as latas de comida, contaram anedotas das próprias aventuras pela montanha

e riram ao calor do fogo; mas o meu tio não pôde deixar de estar incomodado o tempo todo. Era impossível deixar de olhar a mão mutilada. Afinal foi ela que falou do tema: «Vejo que reparaste que me falta um dedo», disse. «Eh...sim... », balbuciou o meu tio. «Bom, é uma longa história. Por acaso foi muito perto daqui...No ano passado». O meu pobre tio Juan engoliu e pôs-se branco.

Terminei o meu copo e servi-me outro tranquilamente.

—Mas bom, conta-nos o que se passou depois —protestou a Diana, que nos anos a seguir converter-se-ia na esposa do Ernesto.

—Tranquilos —disse e pousei o copo junto com os outros em cima da mesa, tomando tempo para escolher a melhor posição. Sentia-me observado. Aproximei a minha poltrona aos ouvintes, que compartilhavam um sofá inteiro, e sentei-me na ponta para que me ouvissem bem a partir desse momento—. Onde estava?... Ah sim —dilatei, para causar maior tensão. Do “primo” já só se viam os olhos atrás da coberta; ou talvez estava a mordê-la—. «Perdi o meu dedo durante um nevoeiro», rememorou a mulher. «E como foi, est...estava a escalar?», tartamudeou o meu tio. «Não, fiquei travada num oco da montanha, entre placas de gelo durante uma hora mais ou menos. A questão é que chegou um montanheiro e começou a picar com o seu picão para tirar-me dali». «Ah..Olha, que...que sorte». «Pois, talvez, salvou-me a vida, mas cortou-me um dedo». O meu tio estava pálido como a morte nesse momento. «O dedo em que tinha o meu querido anel de ouro, que me ofereceu a minha pobre avó», lamentou a mulher e olhou fixamente nos olhos do meu tio.

Outro gole do meu cocktail. Com calma. Saboreando os sete anos de envelhecimento do rum.

—Que bom está! —reconheci—. Mary, tens o copo vazio. Sirvo-te outro?

—Não! —negou com o sobrolho franzido e exigiu suplicante e chateada—: Continua com a história!

—Bom, bom...A mulher continuou a olhar para o meu tio. A tensão era tremenda. Podem imaginar. Finalmente, a montanheira, endureceu o semblante e disse: «E sabes quem era o homem que cortou o meu dedo e roubou o meu anel de ouro? ». «Eh...Pois...Não...Não sei...Eh... ».

Então, por surpresa, levantei-me da cadeira, atirei-me para cima do auditório com os braços estendido e gritei aterradoramente «FOSTE TU». O efeito foi o esperado: os quatro deram um bom salto na cadeira gritando, levaram a mão ao coração a ponto de enfarto e vários deles deram um bom chute à mesinha com os copos, atiraram quase todos e derramaram o líquido, fizeram rodar as garrafas e provocaram o barulho que fazem os copos a estalarem contra o chão.

Foi apoteótico.

Não sei quanto tardaram a levantarem-se da cadeira e reagir. O latido dos corações ouvia-se à distância. O “primo” ficou mudo e pálido para o resto da noite.

O Ernesto, o Pedro e eu ríamos com o final delirante da história enquanto recolhíamos o estropício. As quatro das cadeiras, entretanto, olhavam para nós com sentimentos contrários, entre a risada e o ódio. Sem conseguirem mexer-se.

Há poucas fotos deste fim de semana de sustos e trevas, mas aquelas que estão guardadas têm um halo de mistério, como se cada imagem retida no tempo estivesse dotada dum fulgor fantasmagórico, dum ambiente de ocultação e rareza. De facto, o “primo” aparece representado como uma personagem que não pertencia ao grupo, como um observador do além, como se só fosse uma presença fora de cada cena -mas presente em todas-, se calhar um espírito assustadiço apanhado numa dimensão que não é a dele. Ou talvez esteja a inventar tudo isto. Quem sabe. Passou tanto tempo...

LIVRO III — DOCÊNCIAS E OUTRAS MISÉRIAS

ANOS FINAIS DA DITADURA

«Com o Franco vivia-se melhor». Este ditado ouvimo-lo muitas vezes, apesar do tempo ser o seu pior inimigo, como é lógico, e agora mal se escuta. Além disso, independentemente da sua veracidade, as conotações negativas que deixa qualquer ditadura, seja do signo que for, afeiam a pessoa que pronuncia esta frase, mais ainda se a entoa com irrefutável solenidade; pode ser até que quem a ouça acabe por enquadrar mentalmente o orador em algum coletivo de indesejáveis. Pois apesar de todos estes perigos, no meu caso, tenho que a dizer muito alto porque é rigorosamente certa: Os melhores anos da minha vida foram com o Franco. É simples.

Desenvolvamos com calma esta asseveração.

Nasci em 1972, por isso vivi debaixo da “tutela” do ditador os meus primeiros três anos de vida. Quando vejo a forma tão amorosa com que a minha mãe trata qualquer bebé que cai nos seus braços, como lhes fala, como os abraça, como os beija, como os embala...E quando percebo a felicidade que qualquer bebé sente ao estar com ela, como a olham, como sorriem ou até riem, como dizem com alegria alguma expressão na sua incompreensível linguagem e como finalmente, adormecem felizes e tranquilos no peito dela...pois tenho que fazer a correspondente comparação, diretamente proporcional —se me permitem a expressão matemática—, com os meus anos de lactente; e tento medir o feliz que devia ser naquele curto lapso de tempo; por muito que a ditadura ainda estivesse presente e se vissem momentos de medo e incertezas diante do iminente e esperado decesso do ditador.

Sob o governo do Generalissimo eu não tinha nem preocupações nem obrigações, tratavam-me como um rei, dormia quase todo o dia, alimentava-me de forma grátis e quando me apetecia, as minhas necessidades higiénicas eram amorosamente resolvidas por terceiras pessoas e todos os dias descobria algo novo... A melhor época da minha vida com deferência. Além disso, se não bastasse a vida oferecida e descrita, mulheres de distintas idades, belezas e opulências pegavam-me nos braços, beijavam-me e abraçavam contra o peito, brindavam todo tipo de atenção e riem com boa disposição por todas as minhas graças. Naturalmente, não há nenhuma prova documental de tudo isto, mas imagino que um bebé loiro de olhos azuis devia ser um poderoso íman para as mulheres de Espanha dos finais do Franquismo ; e de qualquer outra época.

Mas o ditador morreu e tudo se estragou. A minha vida mudou para pior de maneira radical e já nunca foi a mesma.

Imagino o meu pai dizendo «Mario, agora que morreu o Caudillo , essa vida de Califa das Mil y una Noches que levas acabou. Aproximam-se maus tempos. As transições entre tipo de governos são sempre assim. Não o digo por experiência; digo-o porque o li em algum lugar. De maneira que é melhor teres a noção de que em breve terás que começar a ir ao colégio, a fazer os trabalhos todos os dias, madrugar como se vivesses no quartel, submeter-te a testes cinco vezes ao ano com a obrigação de sacar boas notas e, claramente, limitar os teus jogos ao pouco tempo livre que te deixe a assistência ao colégio e as tarefas e o estudo de cada matéria».

Naturalmente, o meu pai nunca me disse algo assim, mas é exatamente o que me passou pela cabeça quando se acabou a Ditadura. Ponto por ponto.

Talvez seja tudo uma questão de coincidência de datas, talvez esteja a misturar conteúdos e uma coisa não tinha a ver com a outra, mas...seja como for, aqui deixo os factos para que cada um tire as suas conclusões.

O CALDINHO

O meu avô Primitivo viveu na casa dos meus pais durante toda a minha infância. Ele encarregava-se, entre outras coisas, de ir buscar-me ao jardim-de-infância todos os dias. “Jesús Niño” chamava-se o local e era um andar baixo reconvertido, cujo acesso era diretamente pela varanda e não pelo portão. Por isso mesmo havia uma passagem habilitada nos jardins que rodeavam parte do edifício. O nosso bairro era a consequência dum plano urbanístico dos anos Sessenta que misturava edifícios de tijolo todos iguais, em geral de poucos andares, com jardins, árvores e calçadas que davam à zona uma habitabilidade impossível de imaginar nos distritos no centro de Madrid. Poucos anos antes de compor o bairro, Cuatro Vientos, era um aeródromo rodeado de campos e plantações. Na foto em branco e preto tirada antes de eu nascer, vê-se a casa recém-feita pelos meus pais ao longe e o meu tio Pepe junto a um lagarto de boas dimensões subindo a uma pedra para apanhar sol. Tal era a fauna selvagem que pouco a pouco foi abandonando o seu habitat para deixar espaço a estradas, avenidas, jardins, colégios e centros comerciais. A civilização. A expansão imparável da cidade de Madrid.

Até quando, no princípio do século XXI, começaram a proliferar os desastres urbanísticos chamados de PAU 's e as urgências de ocupar todo o terreno possível com vivendas, e de deixar para depois ou para nunca os equipamentos, o bairro de San Ignacio era um dos lindes da capital de Espanha. Dum lado da Avenida de la Aviación estava Madrid, uma cidade com todas as suas particularidades, monumentos, museus, misérias e encantos; e do outro lado da

estrada só havia campo... Todos sabemos que as cidades têm limites, mas tendemos a pensar que não é um corte repentino, mas sim algo gradual. O meu bairro era um exemplo do contrário: por esta zona a cidade terminava de maneira radical. Para além da Avenida de la Aviación estava o abismo, terreno inexplorado, o mundo selvagem... Anos depois construíram a M-40, que circunvalava Madrid, e distintos PAU's encarregaram-se de encher o terreno entre a autoestrada e a parte central, e voltaram a pôr um novo limite à cidade. Mas esse linde já não era uma característica do nosso bairro; agora só víamos cidade em qualquer direção, de novo Madrid derramava-se pelos seus bordos.

Mas deixemos a história do urbanismo madrileño e voltemos aos felizes anos do jardim-de-infância.

Tenho poucas lembranças do interior do “Jesús Niño”: uma sala ampla, com bancos corridos, um quadro-negro, desenhos de cores alegres nas paredes; ou talvez nada disto... Mas de quem me lembro perfeitamente é da senhorita Nati, a nossa professora. Luzia um doce sorriso e dos meus olhos dizia que eram da cor do céu e outras frases carinhosas que a minha mãe encarregou de me contar muitos anos depois. Já adulto vi-a pelo bairro uma vez, recoberta pelo peso dos anos. Cumprimentei-a e devolveu-me a cortesia com o seu sorriso de sempre, com a sua expressão carinhosa e sincera, apesar de ser praticamente impossível que soubesse quem era eu. A minha radical transformação de criança loira malandra a homem calvo e com barba, de face séria em geral, é capaz de despistar o mais avezado fisionomista. Mas quem sabe, talvez a ela não. Por outro lado, não acredito que aquele encontro fosse um caso isolado. Suponho que nos passeios dela receberia frequentes cumprimentos daquelas dezenas de crianças, agora adultos feitos e direitos, aos quais ensinou com a sua particular paciência a escrever as primeiras letras e a contar os primeiros números...

No recreio, que era na rua, importunávamos os vizinhos com os nossos jogos da altura: o rescate , o corro de la patata e o churro media manga mangotero , jogo este último um pouco besta e ao qual costumava jogar na clandestinidade, ou seja, quando baixava a vigilância do jardim-de-infância. Acredito que fosse uma versão “light” do jogo, dada a nossa curta idade, apesar da prática da disciplina de fazer “burradas” começar o quanto antes, como sabemos.

A minha mãe conta que havia uma criança que me tocava no cabelo incrédulo, dado que a minha cabeleira ruiva, quase escandinava, entre aquelas crianças morenas e cem por cento espanholas, era uma rareza que havia que palpar para acreditar. A mim, pelos vistos, estes inocentes tocamientos, molestavam-me bastante e protestava energicamente, ou seja, como fazem as crianças: com choros, gritos e alguma “sapatada”. A senhorita Nati acalmava os

meus justos protestos dando-me lágrimas de caramelo e sentando-me ao lado dela para que a aula pudesse seguir o seu curso.

—Eu quero ir para a sala dos maiores— exigia, em referência à segunda turma do jardim-de-infância, onde as crianças “maiores” de 3 ou 4 anos gozavam de privilégios que não podíamos nem imaginar; todos inventados, claramente. Além disso, assim podia evitar o bebê que me chateava com o tema do cabelo.

Não me ligavam nenhuma. Então comecei a dizer que não queria ir mais para o “Jesús Niño”. Insisti durante dias e semanas. Esta rebeldia preocupou em parte a minha mãe. A Nati sim tinha algumas razões para esta repentina mudança de atitude, dado que os primeiros meses tinha acudido feliz e contente às minhas obrigações do jardim-de-infância.

—Não te preocupes. Tu continuas a trazê-lo que eu vou ver o que se passa.

E a mulher, com a sua experiência e paciência, ganhou a minha confiança e deduziu o motivo real da minha objeção em seguir o caminho normal de qualquer criança da época.

—Pois, não quer vir —desvelou a senhorita Nati à minha mãe- porque diz que não quer fazer-se maior para assim não ter de ir ao serviço militar.

Mistério resolvido.

Apesar da vida do jardim-de-infância ser quase uma nebulosa na minha memória —o que contei até agora são quase todas lembranças da minha mãe—, pelo contrário, tenho perfeitamente fixado nas minhas lembranças o que acontecia justamente ao sair todos os dias. Ali estava o meu avô Primitivo no mesmo canto, na animada conversa com algumas mães que também esperavam e das quais tinha o dobro da idade. Quando saía em tropel a barafunda de pequenotes, o meu avô despedia-se educadamente e ia ao meu encontro. No caminho para casa parávamos num café de reduzidas dimensões, onde dia após dia podia ver a mesma clientela, posicionada no mesmo lugar, consumindo o mesmo e quase em idêntica postura. Como numa encenação dum museu de cera. Nós não éramos muito distintos. Tratava-se dum café de costumes inquebrantáveis. Nessa situação, invariavelmente, o meu avô pedia um xerez e para mim estava sempre preparada uma tigela de caldo de cozido que me sabia a glória depois de toda a manhã de atividades no jardim-de-infância. Eu soprava porque estava muito quente e então o meu avô punha um pouquinho do xerez dele no meu caldo e aquilo convertia-se numa sinfonia de aromas e sabores que bebia aos poucos, tentando não queimar a língua, sabendo que, além disso, os paroquianos do café desfrutavam ao ver

como me sabia bem “o caldinho”. Ao fim e ao cabo, todos eram amiguinhos da geração e do bairro do meu avô e todos tinham vivido a guerra, a pós-guerra, a fome e tudo isso...Mas também os anos anteriores, quando eles mesmos tinham sido crianças. Suponho que lhes evocava lembranças do princípio do século quando, nas próprias aldeias ou cidades, tomavam algum caldo parecido, talvez feito pela avó, e sopravam na tigela... Voltavam definitivamente a saborear aqueles momentos, aromas e sabores da distante infância deles.

O meu avô costumava conversar com algum dos paroquianos enquanto eu terminava a minha tigela.

Acabado o succulento líquido até à última gota, devolvia o recipiente ao meu ascendente para que o deixasse na barra, superfície inexpugnável dada a minha curta idade. Então, às vezes, o senhor que conversava com o meu avô, olhava para baixo e, ao ver-me “tão fixe”, colocava a mão no bolso e dava-me um duro; inclusive uma moeda de vinte e cinco pesetas caiu uma vez na minha mão, quantidade que era uma verdadeira fortuna para uma criança de menos de cinco anos dos Setenta. É de supor que o avozinho que me fez tão generoso donativo andaria, o coitado, um pouco mal da vista. Ou era a minha fada madrinha disfarçada.

Mas houve uma vez que o jovem Mario decidiu não esperar pelo seu avô e aventurou-se sozinho pelas ruas do bairro. Esta é uma velha história da qual não tenho nenhuma lembrança mas que a minha mãe encarregou-se conscienciosamente de refrescar (e mistificar) nas reuniões familiares ou afins, para continuar o antigo costume da “tradição oral”. Pelos vistos, a intrépida criança de três anos que era eu, saí do jardim-de-infância como todos os dias, talvez não tenha visto o avô e tomou a decisão de seguir o costume, ou seja, de percorrer o caminho de volta para casa. Não era muita distância, mas havia que atravessar uma estrada, pouco frequentada, mas provida unicamente duma passadeira sem semáforo. Pouca coisa para uma criança tão decidida e aventureira. Cheguei ao portão da minha casa e entrei, dado que naquele tempo não havia intercomunicador nem a porta estava fechada a pedra e cal. Anos depois, tendo em conta o aumento descontrolado da delinquência no bairro, tivemos que pôr um intercomunicador e mil trincos; mas nessa altura, eu entrei com toda a liberdade no edifício, subi as escadas e bati à porta dando golpes, dado que chegar até à campainha era impossível. Abriu o meu irmão e aí acabou a minha pequena odisséia.

A minha mãe, que tinha descido um segundo para buscar o pão, entrou em casa e achou-me tão tranquilo a brincar com os meus brinquedos preferidos em cima do tapete. Quando não

viu o avô, entendeu logo o que tinha acontecido e saiu à procura dele. Efetivamente, o meu avô, a professora Nati e a segunda docente do centro andavam pelos arredores à procura do bom Mario; pode ser que até algum paroquiano do café também...O susto deve ter sido danado; digo-o sobretudo pelas inúmeras vezes que esta história foi referida ao longo das décadas seguintes.

Pelos vistos, eu era uma criança muito independente que gostava de aventurar-se sozinha pelo mundo ao meus três ou quatro anos. Uma espécie de Marco Polo do distrito de La Latina . No mercado, na piscina, no campo, na praia...Em qualquer lugar, quando via que estava livre, avançava pelos caminhos sem olhar para atrás e os meus pobres pais tinham que andar com muito cuidado dado que à menor oportunidade desaparecia. Tal era o meu engenho, vivacidade e gosto pela exploração de lugares desconhecido naqueles anos. Mas como os grandes homens probos no princípio, era incompreendido, de maneira que apanhei boas broncas, açoites e castigos por parte dos meus progenitores quando conseguiam achar-me. Há até fotos onde se vê o meu pai, com cara de maldisposto, que me segurava pela mão e me arrastava atrás a desbaratar algumas destas aventuras iniciáticas. Eu apareço carrancudo, taciturno, de trombas, sem entender tanta repressão...Depois fiz-me maior e tentei percorrer parte do mundo, mas nessa altura, com menos de cinco anos, não havia jeito.

O CALENDÁRIO NÚMERO 500

O Antonio era o marido da Loli, a amiga íntima da minha mãe daquele tempo. Este casal eram os amigos principais dos meus pais quando eu era criança e essa amizade remontava a muito antes de eu nascer. De facto, a Loli e o Antonio casaram numa quinta e os meus pais no sábado a seguir, com a intenção de assistirem os quatro aos dois casamentos. Justamente um dia depois, no domingo, foram de lua de mel os dois casais de recém-casados para Alicante. Pois esta bonita localidade do levante espanhol era o equivalente a Cancún e Caribe nos anos Sessenta.

Nas tardes de sábado os dois casais encontravam-se para tomar algo. O Antonio era droguista e o estabelecimento onde trabalhava, que também era perfumaria, estava na calle Toledo, quase em frente às inefáveis montras de Caramelos Paco . Costumavam ficar ali, durante um tempo, antes que fechasse. Tenho vagas lembranças de alguns jogos no armazém da cave da droguaria. Costumava descer com a Eva, a filha do Antonio e da Loli, e entre os corredores que formava a mercancia acumulada fazíamos construções com as enormes caixas dos produtos de Coperlim, que era um dos distribuidores de artigos de limpeza e perfumaria das droguarias de então. Os nossos jogos arquitetónicos, que costumavam acabar na demolição dos

edifícios, ouviam-se amplificadas na parte de cima, por isso o Antonio acabava por descer e admoestava-nos. Nunca foi realmente sério, porque também não éramos uns selvagens, e então tudo era esquecido rapidamente e antes de irmos embora conseguia sempre que o Antonio, como se não tivesse acontecido nada, me desse alguma amostra de colónia. Cheguei a ter uma caixa de sapatos cheia de toalhitas envolvidas com o envelope e o logótipo de cada fragrância. O tempo malogrou esta coleção e tudo começou a secar e descascar. E assim, as amostras tão arduamente colecionadas, de repente, foram desaparecendo como se nunca tivessem existido. Ao mesmo tempo, a minha família começou a estar misteriosamente perfumada com aromas distintos todos os dias. Estes dois factos, parados no tempo, conduzem a várias teorias, mas deixemos que o mistério, nunca resolvido, do desaparecimento dessa coleção fique mal na nossa memória.

O Antonio também se destacava por ser um homem falador, mas ao mesmo tempo muito sábio. Também era um fumante inveterado, o que, não deixa de ser paradoxal. Gostava de polemizar nas conversas e eu costumava atender tentando decifrar a técnica que utilizava para impor as razões dele. Claramente, eu nunca intervinha, dado que naquele tempo, quando falavam os adultos, as crianças, na medida do possível, tinham que se calar respeitosas: «Quando falam os adultos as crianças calam-se», era a categórica frase de cumprimento obrigatório para as crianças; e era cumprida, como não pode deixar de ser.

—Pois, também não acho que mentisse em tantas coisas —ouvi dizer numa destas conversas. A asseveração referia-se ao presidente do governo Felipe González e as promessas eleitorais dele dos anos Oitenta. A resposta do Antonio foi genial, magnificando um incumprimento até à sua máxima expressão:

—Não mentiu? Eu posso te dizer novecentas mil mentiras... Tantas como os postos de trabalho que prometeu criar.

Era uma resposta incontestável. O que no princípio tinha o leviano peso duma só mentira, converteu-se em algo quase um milhão de vezes mais grave. A contundência da réplica era devastadora, pelo simples facto de personificá-lo em toda a gente que, enganada, emitiu o próprio voto naquele sentido, esperando conseguir um trabalho que aquele governante não proporcionou; passando sem contemplações do mundo teórico ao terreno de uma assentada. Apesar de ser uma criança e também não estar muito dentro da política nacional, tomei boas

notas daquela forma engenhosa de expressar-se, de demolir o contrário com o uso implacável dos dados.

Logo, como sabemos, vieram outros políticos de signos distintos ou iguais, que aplicaram a técnica de Felipe González de não cumprir as promessas eleitorais, chegando às vezes ao máximo nível de desvergonha, ou seja, fazendo exatamente o contrário do prometido. Mas esta é outra história que não vem ao caso.

Também me lembro de como o Antonio teve a santa paciência de ensinar-me a jogar ao tute quando era criança. Primeiro inculcou-me as regras básicas deste jogo de naipes. Depois ensinou-me a jogar bem, a contar os pontos e a ficar atento às cartas que saíam —para saber, logicamente, quais faltavam aparecer-, a ganhar, a fazer “achicadura” se o risco era razoável e a detetar “renúncias”; seguindo as instruções dele conseguia que, dentro do possível, o jogo não fosse um puro azar. E o que mais importa -por acaso a verdadeira intenção do Antonio—, conseguir que o meu cérebro infantil trabalhasse, se entregasse, retivesse dados, analisasse-os e aplicasse estratégias; e tudo isso com o que mais gosta de fazer uma criança, ou seja, jogar.

Quando já era adolescente, intervim em gloriosas e cruentas partidas com o meu pai e o Antonio da versão mais matemática deste jogo. “O tute subastaó”. Aquele nível só podia ser suportado pelos melhores e mais temperados. Não sei se superei o meu maestro, mas em outros jogos, com gente menos douta, não tive rival quando era jovem.

Mas à parte das noitadas de tute e as conversas, lembro-me, sobretudo, duma passagem em particular: foi um dia em que o Antonio me entregou, às escondidas, um calendário de bolso. Eu comecei a colecionar este tipo de acessórios quando tinha oito anos. Dei-me conta de que colecionar cromos era deteriorável e frustrante, dado que algum cromo nunca saia nos envelopes de cinco pesetas. Assim, no dia de Natal de 1980 o meu tio Emilio entregou-me uma dezena de calendários novos que tinham feito na imprensa dele. Prontamente eu juntei os que ia conseguindo tirar nas lojas de bairro e, o meu avô Primitivo, quando se deu conta, procurou pela casa dele de Moratalaz todos os calendários que tinha perdidos, escondidos em gavetas ou em livros. Entregou-me um tesouro: 30 ou 40 calendários antigos, alguns deles de antes de eu nascer —sem dúvida, os mais valiosos dos 6000 que devo ter já—. Com semelhante lote, abandonei qualquer outra coleção infantil e centrei-me nesta, até que trinta anos depois com os telefones móveis modernos, levar um calendário de bolso na carteira faz parte do passado. Se calhar sou o único que ainda o faz.

Mas lembro-me especialmente desse calendário que me deu o Antonio. Era do ano 1985 e na parte de trás estava representada a publicidade de “Adornos de Cabello y Bisutería Rafael Serna Nieto”, local situado em Colonia Hogar Ferroviario, 31. Mostrava uma mulher de

corpo inteiro, vestida simplesmente com umas cuecas pretas bastante grandes. Estava deitada sobre uma espécie de colchão que simulava uma agenda e, ao lado, completava o conjunto uma pluma estilográfica verde do tamanho da mulher, que na realidade era um artifício insuflável. Um calendário duma senhora com o torso nu, o primeiro que conseguia desta indecente temática. Até então a minha coleção estava povoada por paisagens, animais, publicidade, quadros e coisas assim...Se calhar algum desenho com uma piada picante, mas não havia nem uma só mulher nua. Como os estudos das estampas dos calendários sabem, as mulheres nuas, apesar de ser mal em parte, é historicamente a temática mais normal para adornar um calendário de qualquer formato. Apesar disso, nessa altura, esta disciplina era inédita na minha florescente coleção. Mas o Antonio decidiu naquele dia deixar a censura de lado. Provavelmente pensou que por mais jovem que fosse, já era mais que tempo para gostar das mulheres. Assim sendo e dado que não era nada pornográfico nem de mau gosto, aquele calendário tinha que fazer parte da minha prospera coleção.

Uma decisão acertada, sem dúvida.

A casualidade fez com que aquela bela mulher, com o seu penteado dos anos oitenta e os seus proporcionados peitos ao ar, tivesse a imensa honra de ser o calendário número 500 da coleção. Assim se escreve a história.

VOLTA PARA O COLÉGIO!

Uma forte preocupação instalou-se no meu ânimo durante o verão anterior ao primeiro ano de colégio. Intuí que a minha vida ia mudar para pior, que a minha liberdade diminuiria, que nada seria igual. Estava certo e era impossível que alguém conseguisse tirar aquele pressentimento que me impedia de dormir e ser feliz naqueles momentos em que acudia à minha mente o sepulcro do que se aproximava.

—Sabes Mario, quando tinha a tua idade estava tão preocupado como tu antes de ir pela primeira vez ao colégio —confessou o meu pai—, mas quando cheguei ao “cole ” no primeiro dia vi que não era assim tão mau; pelo contrário, era brutal, porque me ensinaram a desenhar, e a ler e a escrever e um monte de coisas divertidas...vais ver.

A tentativa foi boa, mas inútil. Eu era uma criança demasiado observadora e analítica para dar veracidade assim como assim àquele comentário, sem antes o contrastar com aquilo que os meus sentidos percebiam. Pois o meu irmão, que começaria o oitavo ano quando eu ingressasse no primeiro, era uma prova evidente de que o colégio não representava de forma alguma um lugar de diversão sem fim. Tinha seguido de maneira esporádica as evoluções do meu parente nos anos anteriores e não notava nenhuma felicidade quando, por exemplo,

passava um final de semana a estudar para os exames ou madrugava numa segunda para ir ao “Alcalde de Móstoles”, pois tal era o nome do nosso colégio do bairro madrileno de San Ignacio.

Talvez imbuído pelo espírito daquele valente que prestava o apelido dele ao nosso centro e que se levantou contra dos franceses no começo da Guerra da Independência, passei os primeiros anos sem nenhum desgosto que me lembre e tirando, ainda por cima, excelentes notas.

Daqueles primeiros anos escolares só me lembro dum dia em que a professora interrompeu as aulas e permitiu-nos fazer o que quiséssemos desde que não saíssemos do nosso banco e mantivéssemos a ordem. Tirou o transístor retangular daqueles que levavam no interior uma gorda pilha de petaca de 4,5 volts e pô-lo no ouvido. Escutava o rádio com uma cara de preocupação tal que nenhuma criança sequer pensava em desobedecer à sua petição de silêncio. A cada momento mudava de emissora procurando algo que nenhum de nós podia intuir nem, se o soubéssemos, muito menos entender. Foi o 23 de fevereiro do ano 1981 e no congresso dos deputados estavam a perpetrar um falhado golpe de estado.

Havia um instante de felicidade absoluta durante o ano: quando começavam as férias de verão.

—Que bom! —dizia a minha mãe—. Agora a aproveitar e fazer o preguiçoso durante três meses...

—Sim, é brutal, mas não são três meses —precisava, dado que apesar de ser uma criança de sete ou oito anos, não tirava dez nas matemáticas por casualidade-. São dois meses e pico, atenção...

—Bom, basicamente três meses...

—Não —negava quase ofendido—. Se começamos no 20 de junho e voltamos no 12 de setembro, não são três meses, muito menos...

—Quase...

—Não!

—Olha que teimoso...A quem é que terá saído?

—Não são três meses! E não sou teimoso! —exclamava cabeçudo, pois já sabia nestas alturas que os cálculos matemáticos simples não se devem questionar. São o que são e, ainda por

cima, são exatos. Se contamos e saem 84 dias, pois não são três meses. Seja como for que os pomos.

Mas apesar de não serem três meses, insisto, é verdade que eram muitos dias e a vertigem de ter tanto tempo livre, junto com o calorzinho que começávamos a sentir, o qual pressagiava mil atividades divertidas associadas ao verão, provocavam no meu rosto um sorriso de orelha a orelha durante dias. Mas houve um ano em que essa felicidade foi um pouco diminuída por um odioso hábito da época, uma maldição que aterrorizava as crianças durante o verão, um castigo injusto e ofensivo para todos aqueles que se tinham esforçado e tirado boas notas. Essa execrável abominação de verão recebia o odioso nome de “Vacaciones Santillana”.

A minha mente infantil não conseguia compreender tanta idiotice quando via os anúncios na televisão destes livros de trabalhos para o verão. Umhas crianças, sem dúvida os coitados com algum problema cerebral que ainda não tinha sido descoberto pela ciência médica, mostravam uma alegria sem limites pelo facto de terem de fazer tarefas escolares também durante as férias. E, ainda por cima, riam, cantavam e dançavam ao ritmo da inquietante sintonia que ano atrás ano acompanhava a nova campanha publicitária.

De maneira que, muito contra a minha vontade, naquele verão continuei a fazer trabalhos como se tivesse chumbado alguma cadeira, apesar das minhas impecáveis e quase gloriosas notas. O momento diário em que dedicava a preencher as atividades daquele odioso livro representava um suplício, um agravo...Mas como era uma criança, pois não se tinham em conta os meus justos sentimentos.

—Só tens de fazer um pouquinho cada dia. Não é nada demais. Tu és muito inteligente e não te custa nada. E assim não te esqueces do que aprendeste durante o ano —tratava de convencer-me a minha mãe.

—Mas estou de férias. E, ainda por cima, tirei tudo nove e dez —protestava com tristeza, sem compreender a razão da ruína diária do meu merecido descanso—. Quando vamos para praia o pai não leva os livros do trabalho para o acampamento! —martelava, com uma contundência à prova de balas. E, como se não bastasse, completava com o seguinte—: E não se esquece de nada! Pois não?

Seja como for, porque a injustiça foi reconhecida pelos meus progenitores ou porque viram o tanto que era inútil e frustrante aquele sistema, afinal só tive de sofrer aquele martírio durante um único verão. O resto dos anos escolares as minhas notas não se ressentiram minimamente por isso. Talvez até tenham sido melhores, dado o acicate que representava conseguir a liberdade durante todo o verão.

Mas assim como o começo das férias era sujado pela estultícia dos anúncios das “Vacaciones Santillana”, o final das mesmas tinha outro estremecedor ruído que gelava o sangue de qualquer criança que estivesse no seu juízo perfeito: os odiosos anúncios do El Corte Inglés com esse lema de incompreensível felicidade que dizia “Volta para o colégio!”. Era o sinal terrorífico que avisava do fim do bom. Porque é que eram tão alegres as crianças que saiam nesta publicidade? Não o conseguia entender. Se calhar estavam loucas. Nenhum ser humano, seja infante ou adulto, se alegra pelo fim das férias. Pelo menos isto era o que ditava o meu senso comum.

—Bom, a volta ao colégio tem as suas coisas boas... —tentava razoar o meu pai comigo.

—Mas acabam as férias —asseverava, usando argumentos incontestáveis.

—Sim, mas vais voltar a ver os teus amiguinhos e poderás voltar a brincar com eles...

—E não há outra maneira de voltar a vê-los? —perguntava, tentando procurar soluções a uma necessidade que, por outro lado, não tinha.

A questão é que tinha que voltar ao colégio, sim ou sim, quer fosse culpa do El Corte Inglés ou por outra razão, e, como consequência, nos primeiros dias de setembro a família afanava-se em comprar os livros de texto e o material escolar para a nova campanha. Eu estreava sempre livros, dado que o meu irmão mais velho era sete anos mais velho do que eu e era impossível herdar algum material escolar da época dele. Costumávamos adquirir os livros na pequena papelaria do bairro. O nome era “Libros, Papeles y cosas”. Lembro-me muito bem do cheiro do local, a livros novos, a lápis, a borracha Milán, a esse imprescindível aroma que têm as papelarias desde sempre. A minha mãe entregava à empregada a lista dos livros e a mulher ia procurá-los e metê-los num dos sacos. Depois de pagar um preço desorbitado pelos mesmos, saíamos à rua carregados com vários quilos de conhecimento.

Uma vez em casa, folheava com ilusão os novos livros de texto. Cheiravam a novos, a imprensa e a tinta. Era muito agradável, mas, na realidade, eu não podia deixar de experimentar sensações contraditórias: atraíam-me pelos seus desenhos e ensinamentos misteriosos, mas também sabia que iam ser a fonte de muito trabalho, de horas de estudo e de aberrantes tarefas... Mas como ainda não sofria aquelas consequências, olhava-os com curiosidade. Até com certa alegria. Pois Deus, como sabemos, protege a inocência.

Na segunda semana de setembro, dois meses e pico depois de começar as férias – volto a insistir-, o terrível vaticínio de El Corte Inglés tornava-se realidade e, sem remédio, chorosos alunos, sonolentos e com o coração pesado quase todos, afrontávamos o primeiro dia de “Volta para o colégio”.

TESTES SEM AVISAR

A época escolar pretérita deveria deixar na memória a representação mítica dos professores que nos ensinaram importantes lições e moldaram em parte o que finalmente chegámos a ser. Mas essa é a teoria. No meu caso tenho lembranças muito vagas dos maestros que tive até ao quinto ano de EGB , apesar dos três docentes que se encarregaram das minhas aulas de sexto, sétimo e oitavo, deixarem um rastro inesquecível. Alguns para bem e outra para mal. Vejamos primeiro o positivo.

O Dom Jesús ensinava Ciências Sociais e Desenho. Era um senhor alto que ficava com uma cara muito engraçada quando sorria. Gostávamos muito dele e de maneira clandestina e carinhosa (em nenhum caso depreciativa) chamávamos-lhe de “don Jesusete”. Longe de nos dar sempre as folhas com os desenhos de Freixas para estarmos entretidos a desenhar durante a aula de desenho, inventava coisas distintas de vez em quando. Gostava especialmente do tema egípcio. Por exemplo, um dia levou um poster da escultura de Nefertiti que há no Museu Egípcio de Berlim, para que a desenhássemos e a decorássemos com os nossos lápis de cores Alpino. Enquanto pintávamos, contava-nos coisas sobre a esposa de Aquenáton e o seu misterioso olho sem pupila. Noutro dia pôs um diapositivo do desenho das paredes duma tumba de algum faraó. Ali estava Anúbis, o deus da morte, com a inquietante cabeça de chacal; também Osíris, o deus da ressurreição e o filho Hórus com a cabeça de falcão, além de outros deuses e deusas menores. Enquanto tentávamos representar no nosso caderno de desenho aqueles deuses esquecidos e os misteriosos símbolos dos jeroglíficos e cartuchos que cobriam a superfície não ocupada pelas figuras humanoides, o dom Jesus desasnava-nos com a história do antigo Egito, as suas guerras, glórias e conquistas.

E assim, enquanto rabiscávamos com melhor ou pior estilo e tentávamos que as cores das coisas fossem as mesmas do desenho original, o nosso professor transportava-nos até tempos remotos e lendários sem que nos déssemos conta, tentando talvez despertar em nós o gosto pela história e pela arte.

Mas onde a nossa imaginação trabalhava verdadeiramente era no início de cada capítulo do livro de Ciências Sociais. Como sabemos, “Ciências Sociais” era o eufemismo da época para mascarar a cada vez mais árida “Geografia e História”. Na primeira página de cada tema do livro de texto aparecia um desenho grande, bonito e detalhado. A aula ficava em silêncio para ouvir o “conto” que o dom Jesus narrava para explicar tudo o que estava representado nessa ilustração. Não se ouvia nem uma mosca. Era o momento mágico de imaginar. “Veem o alfange que tem pendurada a personagem da direita? Mesmo ao lado há um cavaleiro com cota de malha. É O Cid. A espada dele é muito distinta. Trata-se da Tizona”. “Ao lado do Rei

Fernando está um soldado com armadura, diante das insígnias de Castilla y Aragón: é o Gran Capitán”. “Os barcos otomanos estão dispostos em formação para atacar a frota espanhola; em algumas dessas naves está Miguel de Cervantes. A batalha de Lepanto está prestes a começar”: Podem ver Napoleão, à esquerda, de cavalo nessa colina; onde as tropas francesas se dispõem para entrar em combate”. E assim, imaginávamos estar em todos os lugares e momentos. A nossa jovem imaginação voava. Depois vinha o entediado estudo de datas, nomes e factos. E os imisericordiosos trabalhos, que eram muitíssimos. A coisa decaía bastante, mas é a parte má do colégio.

O Dom Pedro ensinava Ciências Naturais, mas, sobretudo, fez-nos amar as matemáticas. Era o tutor da minha turma e era duro, mas justo. Consegui que aprendêssemos a fazer cálculos matemáticos de cabeça e que víssemos a indubitável utilidade desta cadeira. Um dia fez-nos levar uma fatura da luz da nossa casa e começámos a fazer contas com aquilo que aparecia. Outros dias adaptava a aula à economia adolescente e a consecução de objetivos ajudando-se com a poupança e a gestão matemática dos mesmos. Os sistemas de equação e as regras de três simples ou compostas não tinham segredos para os pupilos dele. E com este tipo de ensino, esmerado e aplicado à vida real, quase que ficava garantido que aquelas regras matemáticas ficassem instaladas para sempre no ávido cérebro das crianças. Mas nem todos os alunos eram aplicados nem observavam a disciplina obrigatória, então de vez em quando tinha de se valer de alguma ação corretiva. Em concreto, o dom Pedro gostava de perpetrar testes sem avisar. Se o alvoroço e a desobediência ficassem virais, o professor pronunciava uma ordem fatídica:

—Guardem os livros e apontamentos e peguem numa folha.

O silêncio de repente apresentava-se de maneira arrepiante.

—Mas eu não estava a falar —queixava-se sempre alguma criança de bons modos, para mostrar a injustiça que estavam a cometer com ela.

—Como vejo que sabem tudo muito bem e não necessitam de prestar atenção —regalava-se o dom Pedro, obviando qualquer protesto, diante do aterrado olhar dos pupilos—, vamos fazer um teste que, claramente, contará para a nota final da avaliação.

E começava a ditar os enunciados das perguntas do improvisado teste. O silêncio que reinava enquanto escrevíamos era sepulcral, porque nós brincávamos muito. Era injusto para os disciplinados, mas o dom Pedro aplicava aquele castigo há muitos anos com bons resultados.

Nunca desistiu dele. Durante as duas semanas seguintes, só por mencionar a possibilidade dum segundo teste sem avisar, que terminara de estragar a avaliação, a aula serenava-se à velocidade de um raio. Obviamente, havia sempre alguma “ovelha negra” impossível de domar, mas naquele tempo era costume mandar para fora da aula estes reincidentes e até podiam usar a condenação dum semana de expulsão do colégio para os casos mais extremos. Como dita o senso comum, os pais de então faziam caso das diretrizes dos professores e uma indicação no boletim de notas do tipo “é necessário que venha falar com a diretora”, por exemplo, era uma coisa muito séria. Portanto, uma semana de expulsão, podemos deduzir que era o pior. A autoridade do professor dos Oitenta perdeu-se na mãos dos alunos de então, que são os pais de agora. Por alguma razão, se dá mais peso à opinião das crianças do que àquela dos docentes que lutam para educá-los todos os dias. Quero pensar que algum dia voltaremos ao sistema que eu tive a sorte de viver, que não era nem o repressivo e ditatorial dos meus pais nem o permissivo até à estupidez que padecemos agora.

Mas para voltar àqueles testes traidores, tenho que reconhecer que, naqueles casos, as minhas notas sempre foram medíocres. A indignação, a surpresa, a falta de preparação do teste jogavam contra mim e passava-os à rasquinha e, às vezes, nem isso. O dom Pedro recriminava a minha falta de estudo no dia anterior com a sua natural marcialidade, mas, na realidade, sabia que eu era aplicado e amante das matemáticas, e os noves e os dezos dos exames “avisados” assim o demonstravam. Por isso, aos alunos que se portavam corretamente só lhes aplicava a nota dos exames sem avisar se lhes subisse o cômputo final. Como já dito atrás, daquele “rosto impenetrável” escondia-se um homem justo. Apesar de infelizmente ter tido o mesmo execrável defeito no resto do claustro: mandava toneladas de tarefas para fazer em casa. Sem olhar para as outras toneladas que tinham mandado os outros dois professores. Este era um terrível mal da época.

Um par de anos depois de receber o livro de escolaridade de sóbrias capas amarelas, com o registo de todas as notas dos oito anos, um empolado texto e alguns selos no interior que nos acreditavam como “graduações escolares”, alguns companheiros e eu passávamos pelo colégio para cumprimentar o dom Pedro. Tratou-nos como iguais, apesar de ter só 15 ou 16 anos. Mostrou-nos algumas coisas que tinha mudado no recinto e perguntou-nos sobre nosso presente e futuro. Nos olhos dele dava para ver orgulho e satisfação, o seu esforço connosco tinha dado os seus frutos. Despediu-se dando-nos a mão, com força, como a outro adulto.

E já só faltava o terceiro docente, mas para este ser atroz (e outros da sua mesma laia), dedicaremos uma “nostalgia pretérita” inteira, tanto é o horror que deixaram as maldades deles na minha memória.

LEITURAS OBRIGATÓRIAS

A senhorita Inés fazia-nos sofrer e odiar as cadeiras de línguas, literatura e inglês no colégio. Qual era o problema desta mulher? Sempre me perguntei. A incapacidade dela para a docência era manifesta. Chamávamo-la “La Inés”, com o artigo na frente. Era uma alcunha depreciativa, dita com ressentimento e, o pior é que era ganho de forma diária. Ao resto dos professores tínhamos como costume pôr-lhes o “dom” ou o “dona” diante do nome, ou o “profe” e a “senhorita”... E esta pequena norma de educação e de respeito era aplicada em público ou em privado. Em qualquer situação. Mas com esta tipa não havia reconhecimento nenhum. Era uma má peça e nenhuma criança fugia à falta de piedade dela.

Lembro-me que estava sempre com a cara maldisposta. Não ouvi nunca uma palavra amável por parte dela. Até quando sorria dava para ver no rosto dela uma certa maldade, uma expressão grotesca, de desgosto, de ódio. O “modus operandi” dela consistia em impor na aula uma ditadura de terror onde era muito difícil acordar o interesse pelas cadeiras que aprendíamos da pior maneira. Lembro-me nitidamente como utilizava o insulto se o considerasse necessário e como, em certas ocasiões, proporcionou uma bofetada a um companheiro de turma, coisa que, afortunadamente, já não se costumava fazer na minha época escolar. Só foi uma vez, mas deixou muito claro quais eram os argumentos dela e até onde podia chegar se não conseguisse dobrar a vontade de alguma criança.

Como os colegas dela, “La Inés” não desistia nunca de mandar quantidades de trabalhos de casa fora de toda a lógica. Assim, cada jovem tinha de levar uma redação escrita de uma folha. Às vezes acompanhada por um desenho. Era uma verdadeira angústia. Para uma criança, ter a obrigação de inventar uma história todas as semanas era um calvário. As poucas ideias que entesouravas terminavam rapidamente. Se na literatura, por acaso, tínhamos estudado naquela semana Rubén Darío, pois havia que escrever um poema com o estilo deste escritor. Ou se tínhamos aprendido as obras da Generación del 27, pois a redação tinha de ser sobre algo relacionado. Obviamente, a meio do ano ou até antes já não sabias que história escrever. O problema destes textos encomendados era a urgência, os prazos, a angústia... Talvez também o medo de quem os pedia.

No dia da redação, formávamos grupos e líamos os textos uns dos outros. Escolhíamos quatro finalistas que tinham de ir ao quadro para ler a própria composição. Parece-me lembrar que

depois tínhamos que votar num vencedor. Esta redação vitoriosa não servia para nada. “La Inés” levava todas as folhas, corrigia as frequentes falhas de ortografia e punha votos sabe Deus com que critério. E começávamos, a pensar na história ou no tema do teu próximo escrito para a semana a seguir; e outro, e outro, e outro...

O crime que nunca vou perdoar a “La Inés” foi que, com os seus alucados métodos, induzisse às crianças da turma o ódio pela leitura. Obrigava-nos a ler um livro a cada três semanas e, uma vez finalizado, tínhamos que realizar um detestável trabalho sobre o mesmo que incluía um monte de apartados: resumo, descrição das personagens principais, melhor descrição do livro e porquê, biografia do autor, etc. Lias cada livro como parte dos trabalhos diários e, em vez de desfrutar da leitura, andavas sempre à procura das respostas do trabalho de sempre. Nas férias de Natal e Semana Santa a carga de leitura era incrementada, já que nesse período havia que ler um livro adicional (sem nos livrarmos do obrigatório de cada três semanas) e fazer o correspondente trabalho depois. E no último ano, no zénite da loucura, adicionou à carga de leituras feriais um pequeno livro em inglês, então, o ódio pelas duas cadeiras dela alcançou quotas inadmissíveis. Lembro-me de como nos levava para biblioteca do colégio como feras no matadouro. Podíamos escolher o livro que quiséssemos, mas, na verdade, não queríamos escolher nenhum. E também não era assim tão livre a eleição, tínhamos que ler Galdós, Delibes e outros autores do género que ela gostava. Não eram maus livros, alguns até são obras fundamentais da nossa língua, mas para as crianças de doze ou treze anos que éramos, ter que ler de maneira obrigatória as penúrias descritas em exemplares como “Marianela” ou “El Camino”, era sem dúvida uma das maneiras mais efetivas de conseguir que no futuro víssemos uma novela e saíssemos a correr. Naquelas jornadas bibliotecárias, “La Inés” permitia-nos pegar numa banda desenhada de Asterix, Tintin ou Spirou das estantes mais visitadas do recinto, mas com a condição de que lêssemos algum livro da nossa casa. Eu costumava agarrar algumas daquelas e durante um tempo resolvi o frete lendo um livro da coleção “Historias seleccion” de Bruguera. Em minha casa havia vinte ou trinta. Tratavam-se duns livros pequeninos, com muitas ilustrações e que não eram mais do que um resumo das grandes obras da literatura universal. Na lombada havia desenhos das caras dos principais protagonistas de cada novela e como adorno de estante ficavam muito bem. De rápida leitura, eram adequados ao minúsculo tempo que tínhamos para ler cada livro e realizar o tedioso trabalho de depois, mas como neste último havia que indicar a editora e

coleção, a abominável Inés, ao quarto ou quinto livro que apareceu desta série nos meus resumos, apercebeu-se da minha artimanha e levei a minha boa bronca e a proibição de voltar a ler um livro deste tipo, então descobri Pío Baroja e as suas novelas de aventuras. Um autor da Generación del 98 não podia estar censurado por “La Inés”, ou isso pensava eu na minha inocência. Li “Zalacain el aventurero” e, justamente depois, “Las inquietudes de Shantil Andia”, um livro de piratas, nada menos, com ilha do tesouro e tudo. Mas “La Inés” não me permitiu que seguisse com a minha aflição por Baroja. Pelos vistos não era um escritor do seu gosto. Segundo as suas estúpidas diretrizes, tinha de mudar de autor, mas sobretudo de género, de maneira que Julio Verne ou Emilio Salgari (dos quais havia um monte de livros na minha casa) não podiam estar entre as minhas futuras eleições. Já não me lembro dos livros inflamáveis que me tocou ler depois; e sem ter nenhuma vontade de lê-los, que é o pior.

Depois de tanta leitura obrigatória, rápida e dirigida com sanha até o contrário aos meus gostos, nos meus anos de instituto unicamente li os livros que me obrigaram segundo o plano de estudos, que eram dois ou três por ano. Uma enorme perda de tempo que devo agradecer a esta nefanda senhora. E estive quase para não voltar a ler uma novela nunca mais na minha vida se não fosse num bom dia ter visto em alguma publicidade ou montra da livraria a portada de “Los Pilares de la Tierra” de Ken Follet, com essa impressionante, misteriosa e hipnótica gárgula rodada pela lua (refiro-me à edição de 1990 da editora Plaza&Janes). Essa ilustração atraiu-me como um íman, de tal maneira que mal pude comprar um exemplar. Então descobri a leitura relaxada, por puro prazer, escolhida por mim mesmo, sem pressas, sem obrigações nem prazos, sem trabalhos ou exames para fazer depois. Foi quase uma revelação, um milagre. Diante dos meus olhos abriu-se um tremendo sistema de ócio que me tinha sido negado. Assim, devorei as mil páginas daquela novela histórica e quase que fiquei com pena quando terminou. Desde então não deixei de ler livros e, com o tempo, de escrever. Sempre me perguntei se estas duas afeições um pouco tardias não são mais do que uma vingança contra esta aborrecível professora que tive de aguentar durante os últimos três anos da EGB.

Anos depois de sobreviver a “La Inés”, no instituto e na universidade tive de padecer às terríveis artes de professores maus de verdade, gente sem nenhuma vocação e interesse por realizar bem o próprio trabalho, totalmente negados para a docência, preguiçosos, sem vergonha...também houve algo bom, atenção; ou isso quero pensar. Entre toda esta caterva de

maus docentes destacou-se uma professora de química de BUP, cujo nome coincidia com aquilo dum continente onde há savanas com leões e elefantes de grandes orelhas. Apelidamo-la de “La Butanos”, não tanto pelo aspeto robusto e corpulento, mas sim pela fórmula química deste hidrocarboneto saturado cujo estudo fazia parte da cadeira. Os métodos dela lembravam os de “La Inés” dado que parecia pertencer à mesma corrente maligna e inadmissível. Assim, as aulas dela estavam cheias de explicações impossíveis de acordar algum interesse pela cadeira, ralhetes, maus modos, humilhações sempre referindo-se ao aludido pelo apelido, geração dum ambiente desagradável e aborrecível, de tensão...Entrava na sala como o dono duma plantação de escravos da Luisiana do século XIX e sabias que te esperava uma hora de intranquilidade, tormento e perda de tempo, dado que era quase impossível aprender algo com os métodos dela.

—Boa tarde —cumprimentava enquanto tirava o casaco e deixava as coisas na mesa. A seguir abria o caderno e procurava alguém para chamar ao quadro. Nunca sabias quando ia ser a tua vez, mas o facto de levar muitos dias sem o ser indicava que o teu turno estava cada vez mais perto. Depois de uns instantes de inquietude e angústia chamava com infinita impudência o condenado—: Garrido, ao quadro.

E o mencionado saia com um caderno ao paredão, com o coração a latir, dado que nunca sabias por onde ia sair aquele monstro. O resto dos congregados bufavam de alívio. Aparentemente estavam salvos até à próxima aula. Mas só em aparentemente...

—Faça o favor de ler o enunciado do exercício de ontem e resolvê-lo no quadro – ordenava, sempre igual, com a mesma malícia e insolência.

O facto de ter os trabalhos feitos não te dava nenhuma garantia, dado que podia acontecer que tivesses resolvido mal o problema. Ou que tivesses dedicado toda a tarde do dia anterior a tentar resolvê-lo sem êxito. Todos estes tipos de vicissitudes mundanas não faziam parte do imaginário de “Los Butanos”. Para ela não existia o esforço que às vezes fracassa. Só o êxito. Pensava que as patéticas e ineficazes explicações do dia anterior eram boas para qualquer pessoa e a convertiam imediatamente num génio que com um pouco de estudo podia resolver os problemas da cadeira dela. Para ela não existia a piedade ou o benefício da dúvida. O mundo era branco ou preto. Sem matizes. Quase sempre preto, a propósito.

—Garrido, faça o favor de voltar para o seu lugar —exigia, com o rosto imperturbável, depois de saborear asquerosamente o fracasso das explicações do adolescente, a inútil tentativa de resolver o problema. Em seguida, fazendo um movimento inequívoco com a caneta sobre o papel, registava um “negativo” junto ao nome do aluno. Este fatídico símbolo restante contaria para o voto final de forma impiedosa.

Então, a seguir, com estudado silêncio, com praticado patetismo, com teatral parcimônia, rebuscava na lista dela um novo forçado e, depois de levantar a cabeça e localizá-lo entre as mesas, pronunciava o apelido dele. Igual a uma martelada.

JUDO

Nos meus distantes anos de estudante completei a minha formação com uma só atividade extraescolar: o judo. Praticávamo-lo no mesmo recinto do colégio, das cinco às seis da tarde um par de dias por semana. Vestíamos-nos de judocas nas casas de banhos e deste jeito acedíamos ao ginásio. Acompanhavam-nos as nossas mães, que ficavam sentadas num canto do recinto. O professor estendia os colchões que faziam parte do equipamento do ginásio, para assim fazer um tatâmi que ocupava quase toda a superfície. Para agilizar os trabalhos, costumávamos dar uma mão. Quando já estava montado, tirávamos os sapatos que davam pouco rigor ao nosso vestuário e, descalços como corresponde, entrávamos no tatâmi não sem antes fazer a protocolar reverência flexionando um pouco o tronco do corpo para a frente.

A primeira coisa era aquecer. Corríamos em redor do tatâmi mudando de direção de vez em quando. Em seguida, com disciplina japonesa, púnhamo-nos cada um num sítio, separando-nos exatamente à mesma distância um dos outros e começávamos a fazer diversos exercícios de pé e no chão. Quase todos os movimentos estavam orientados à flexibilidade, fundamental neste desporto para evitar lesões. E assim, perfeitamente entoados, posicionávamo-nos de joelhos com as mãos nas coxas —postura que em criaturas de curta idade fica mais engraçada do que marcial—, para receber a lição do dia. Para a nova chave, o professor, precisava sempre dum voluntário. Depois da demonstração, púnhamo-nos em duplas e praticávamos o novo movimento, debaixo da supervisão do maestro, que tentava corrigir as inúmeras imperfeições.

—A pessoa que inventou o judo, no Japão medieval—relatava o professor muitas vezes—era um homem muito pequeno e não era muito forte -inventava, para que os mais pequeninos da sala se sentissem identificados com tal legendária personagem—. Apesar disso teve que enfrentar inimigos muito grandes, com armaduras e fortemente armados. E ganhava sempre porque era muito esperto. Inventou as chaves do judo para aproveitar o peso dos seus rivais, desequilibrá-los e deixar que se desmorassem...Como eram tão grandes e pesados e, além disso, não sabiam cair, magoavam-se muito...

As mães, sentadas em alguns bancos numa lateral do ginásio, apoiadas nos espaldares, em geral não falavam muito. Estavam atentas a história “não oficial” da origem do judo que o professor contava. Ou talvez dissimulavam prestar atenção, mais ocupadas em dissecar o

jovem professor, dado que era um bom rapaz, forte e compacto devido ao desporto que praticava e aos olhos das senhoras, mostrava-se atraente com o seu traje branco de judoca e o seu meritório cinto preto. Suponho que acordaria mais do que uma paixão não reconhecida em alguma mãe não demasiado à antiga.

Mas deixemos de inventar romances e voltemos ao tatâmi. Nalguns dias praticávamos o combate. Apesar de pouco a pouco aprendermos muitas chaves, usávamos sempre a mesma para tentar atirar ao chão os nossos adversários. “O soto gari” era o nome e consistia, resumidamente, em atrair o teu rival até ti e fazer-lhe uma rasteira para que caísse. Provavelmente, os puristas desta arte marcial terão uma definição melhor desta chave, mas nas idades e habilidades que nos moviam naqueles tempos, “O soto gari” era basicamente fazer uma rasteira com a perna do teu inimigo para que caísse de costas. Sem olhar para “elegâncias” nem “execuções perfeitas ou preciosistas” da ação. Só “rasteiar” assim conseguisses.

Com o tempo o meu cinto branco mudou para branco-amarelo, e depois para o amarelo; e cheguei a luzir algumas cores mais. Estes “kyu” herdava-los do meu irmão, que também tinha praticado judo quando tinha a minha idade. Em algumas competições estudantis o meu irmão ganhou muitas medalhas, oito ou dez. Eu só ganhei uma, mas era de ouro. Suspeito que a todas as crianças que participaram naquela exibição lhes deram a mesma medalha, mas este detalhe era impossível de demonstrar. Provavelmente alguma mente invejosa difundiu estas falácias... Seja como for, todas essas medalhas que acumulámos entre os dois irmãos —um aportou mais do que o outro, é verdade, mas agora interessa o conjunto dos êxitos— andaram perdidas, esquecidas em algum acessível canto de certo quarto de arrumos. Ou simplesmente já não estão e só fica a memória delas.

Para passar de cinto tinha que se passar um teste. Lembro-me daquele que realizei para conseguir o kyu laranja. O professor pediu que executasse, entre outras, a chave “Ippon Seoi Nage”. Este movimento consiste em meter o braço debaixo do sovaco do rival, tirar do braço, flexionar os joelhos, carregar ligeiramente o adversário como se fosse um saco e com um empurrão lançá-lo por cima do ombro. Impossível se o outro não deixar. Sobretudo se o “outro” fosse uma criança dois ou três anos mais velha. Mas não era um combate, eu tinha que executar a chave e o rival não devia mostrar nenhuma resistência. Mas era muito grande, insisto. Então, imbuído pela energia do “inventor não oficial do judo”, aquela personagem fraca, mas muito esperta, carreguei como pude o meu “inimigo” e lancei-o pelos ares. Intuo que o outro me deixou, em parte, fazê-lo, mas a questão é que o tribunal considerou o meu esforço e passei. Acredito que o invisível e bondoso espírito do inventor do judo, num canto

do ginásio, observando a minha evolução, sorria talvez reconhecendo-se em mim; igual a um conto de fantasmas japoneses.

Antes de terminar a EGB dei por concluída a minha passagem pelas artes marciais. Na realidade, não gostava demasiado e disse que não queria continuar. Mas tenho que reconhecer que o meu corpo aprendeu a cair sem se magoar, até saltando um obstáculo. O meu subconsciente ou o meu organismo assimilaram este útil ensino e, nas poucas vezes que foi preciso, aplicou-o de maneira instantânea, quase por instinto. Só por isto valeu a pena chegar a ser cinto verde nesta disciplina.

O POLIDESPORTIVO

O polidesportivo de Aluche é um espaço enorme pelo qual de uma forma ou outra passámos todos nós do bairro. Na minha memória há muitas histórias ambientadas neste recinto, sempre, logicamente relacionadas com o desporto, apesar de maneira secundária, dado o meu enviesado historial desportivo. Para não confundirmos, tentaremos contar as mais destacadas de maneira cronológica e separada, tal há de ser o nosso nível de abstração

I — Natação.

No polidesportivo havia várias piscinas de verão e uma de inverno que chamávamos de “a climatizada”. Atrás deste inquietante nome escondia-se uma piscina separada das outras, emboscada num pavilhão cujos vidros estavam sempre embaciados pelo vapor vindo do interior. Para tão sinistro lugar levaram-me os meus pais quando tinha cinco anos para que aprendesse a nadar. Com o meu calção de banho “Turbo” preto com bandas laterais brancas, última moda do momento, estava à mercê dum ogro que, debaixo dum turbador disfarce de professor de natação, impunha a disciplina dele aos novos nadadores. Respondia ao bélico apelido de Cerezal.

Pelos vistos, nem o ambiente nem o duro professor acabaram por convencer-me, visto que mal podia saia da piscina e escapava a correr.

—Já terminei —argumentava como defesa quando era apanhado em flagrante nos balneários ou até no vestíbulo. Tendo em conta que a aula tinha começado dez minutos antes, o meu álibi não se sustinha, de maneira que a minha mãe, depois de abortar a minha evasão sem

atender às minhas justas razões, voltava a meter-me na zona climatizada e, vestida de rua (com os calores consequentes), ficava a vigiar-me para assim tentar que uma vez na água não voltasse a sair.

Os meus pais dizem que era uma criança muito má —por estas aventuras aquáticas e muitas outras cuja veracidade e lenda seria bom contrastar—, mas neste caso acho que se tratava só de puro instinto de sobrevivência: o professor era um tirano, na piscina não tinha pé, como salva-vidas davam-me um noodle de esponja cor de laranja que tinha que agarrar com as duas mãos para tentar avançar com os pés, engolia mais água do que os meus infantis pulmões podiam albergar...e tudo isto, não nos esqueçamos, sem saber nadar! O mais natural era sair da piscina e pôr-me a salvo. Vem no manual.

Não duraram muito as aulas. Os meus progenitores decidiram não me levar mais. Tempos depois, em diferentes sessões com o meu pai, o meu irmão mais velho e algum primo, seja por ter sido noutra piscina ou no mar que banhava os nossos veraneios, aprendi a nadar sem maiores problemas. Questão de confiança.

II — Dias de piscina.

Quando era criança, durante as férias de verão, íamos de vez em quando para as piscinas ao ar livre do polidesportivo. Geralmente acudia um grupo formado pela minha mãe, o meu irmão e eu, em conjunto com a Loli e filhos dela. Era um dos dias mais felizes durante o estio em Madrid.

Nas bilheterias trabalhava a Mari Carmen, uma sobrinha da minha mãe que, por azares e piruetas familiares tinha mais idade que a minha progenitora, que era a tia dela. As crianças, sem entrar nestas confusas excecionalidades dinásticas, cumprimentávamos efusivos a bilheteira. Até entrávamos para dar beijos se fosse preciso. Atrás de tão quentes boas-vindas e as conversas rápidas e banais de rigor, a Mari Carmen fazia a vista grossa e deixava-nos entrar da maneira mais barata que existe. Aos sete que éramos, como se nada fosse. “Hoje por ti, amanhã por mim”. Pequenas licenças que nos permitíamos naquela época. E que, para falar a verdade, tentamos permitir-nos também em qualquer outra, imitando os sábios costumes de nossos antepassados.

Uma vez resolvido o trâmite da entrada, caminhávamos até à zona de recinto habilitada com mesas a modo de zona de piquenique. O cheiro a cloro, a piscina, fazia que nós crianças apertássemos o passo para encontrar um lugar onde instalar o “acampamento”. Nós tirávamos

a roupa como se não houvesse amanhã (o fato de banho já o tínhamos posto) e, depois de passar um creme protetor, começávamos como loucos a jornada de banhos.

Havia várias piscinas. Algumas eram proibidas, devido ao nível da água. Em concreto uma que chamavam “a olímpica” e outra que tinha ilhas e pontes no desenho. Onde ficávamos principalmente era nas piscinas “gémeas”. Tratavam-se de duas piscinas enormes, de distinta profundidade, separadas por uma ponte. Entre uma e outra passávamos quase todo o dia com os nossos jogos e parvoíces aquáticas. Até que se enrugassem as mãos.

Depois também havia uma piscina rodeada por uma cerca e uns enormes choupos centenários, que no seu abandono tinha um ar melancólico e misterioso. Era uma piscina de saltos e contava com um trampolim que, em várias alturas, teve que ter um passado atlético e heróico. Mas havia uma lenda urbana do bairro que contava que vários saltadores se tinham matado ali e por isso desfizeram as instalações, abandonando-as. O descuido do lugar, as estruturas enferrujadas e algum destroço dava-lhe um certo ar fantasmal. Passávamos sempre ao longe e quase sem olhar, não fosse estar algum espírito daqueles supostos saltadores mortos a espreitar.

Às duas da tarde comíamos como feras as tortilhas de batatas e o filete de frango empanado que as nossas mães amorosas tinham preparado pela manhã, antes de ir para as piscinas. A comida estava fria mas sabia a glória depois de toda a manhã na água. Depois havia que se respeitar as duas horas de digestão que sempre foram de cumprimento obrigatório na minha infância. Durante este tempo jogávamos às cartas. Em particular, as partidas que mais êxito colhiam eram aquelas dedicadas à “porejilla”, que era um jogo onde a sota de ouros (a porejilla) fazia de joker e que por ter umas normas tão básicas, era ideal para o consumo infantil. Também jogávamos muito ao “cinquillo”, ao “mentiroso” e ao “pum”. As duas horas de digestão passavam a voar. Um dia, um avozinho da mesa do lado juntou-se ao jogo e depois ensinou-nos uns quantos truques de magia com o baralho. Eu não me esqueci desses truques, mas o mais curioso da anedota era a confiança e boa convivência vicinal que desfrutávamos. Tudo isto se perdeu na Madrid atual. De facto, com os anos, as piscinas do polidesportivo de Aluche encheram-se de ciganos e começou-se a falar de roubos e situações desconfortáveis, com sucedidos bem detalhados acontecidos a um vizinho ou outro que conhecíamos de vista...Todas aquelas histórias, sejam verdadeiras ou não, geraram um efeito imediato: Nunca mais voltámos.

III — Patinagem artística.

Nos tempos do ensino secundário tínhamos uma companheira que praticava patinagem artística, na modalidade de patins de rodas (não sobre o gelo), no polidesportivo. Era loira, atraente, risonha, simpática, carinhosa e tinha o corpo duma patinadora. Nós éramos talvez o completo oposto, mas isso não impediu que começássemos a ganhar afeição por este desporto tão longe, no princípio, de outros mais da nossa praia, como o basquete e o boxe. Quem sabe porquê...Apesar de acreditar que as urgências próprias da adolescência tenham tido muito peso no assunto.

Ia com os amigos do instituto de então: o Ernesto, o Luis, o Julio e a ruiva Cristina, esta última porque rondava o Luis, não tanto por ver as evoluções da Eva, a patinadora, que acredito que não lhe interessassem muito. Independentemente dos êxitos pessoais que cada um pudesse conseguir com estas ações, todos coincidíamos em meter-nos com a companheira da Eva na pista de patinagem. O rapaz, ao qual lembrámos amaneirado e teatral, apesar de talvez não ser nenhuma das duas coisas (só eram exigências do desporto), foi motejado sem piedade com o cruel “Robertito Rodamientos”. Aquilo que na Eva nos parecia habilidoso e estilizado, no Robertito resultava-nos ridículo, tal era a “masculinidade” mal utilizada que gastávamos. Claramente, o senhor Rodamientos, em virtude do ensaio das distintas coreografias, acedia ao corpo da Eva em todas as formas e zonas permitidas, que eram muitas...ou talvez todas. Enquanto que, os demais olhávamos invejosos. Pois, para poder fazer “algo” não basta desejá-lo, tens que poder fazê-lo. Esse era o ensino que talvez o Robertito tentava inculcar-nos de maneira ineficaz desde a pista de patinagem.

Acabada a patinagem do sábado, os cinco dávamos uma volta e fazíamos coisas próprias da idade. Com o tempo distanciamos-nos apesar de, necessariamente, continuarmos a ver-nos todos os dias no “María de Molina”, o nosso instituto de BUP e COU . A universidade, que nos conduziu cada um por um caminho distinto, desagregou o grupo.

IV — Ping-pong.

O Ernesto e eu continuávamos a ver-nos para desenvolver uma nova afeição: jogar ping-pong. No polidesportivo, muito antes dos jogos de raquete derivarem até o moderno padel ou exigente squash, havia cinco mesas deste desporto que nós vizinhos usávamos de maneira gratuita. Foi assim que passámos um monte de tardes de sábado dedicados a esta disciplina. No princípio jogávamos de forma ordenada e rigorosa, seguindo as normas de maneira

milimétrica: mas pouco a pouco a coisa derivava numa sorte de boladas sem controle, sem observar nenhuma contagem, permitindo que a bola pudesse pular tanto no tabuleiro como no chão e outras lindezas à margem de qualquer regra.

Foram jornadas de muito exercício, dado que quase todo o tempo corríamos atrás da bola ou tínhamos de nos agachar para apanhá-la do chão. As dores musculares dos dias seguintes eram testemunhas.

Mas, como veremos a seguir, acabámos por deixar este desporto, para o qual não tínhamos nenhum futuro, por outro de que gostávamos mas por distintas razões.

BASQUETE FEMININO

Chegámos ao pavilhão coberto do polidesportivo de Aluche às 12:15h e a bancada já estava parcialmente cheia. Escolhemos um lugar na segunda fila de assentos, mesmo em frente ao banco do Exprés. As meninas da nossa equipa, vestidas com o uniforme preto e amarelo, parecido àquele do Estudantes, treinavam o passe e o tiro ao cesto. As adversárias, a equipa de Majadahonda, esticavam os músculos com exercícios variados de elasticidade.

—Já viste que a 10 está vestida à civil —alertou-me o Ernesto.

—Deve estar lesionada.

—Pois, sem a 10 a Exprés perde meia equipa.

—Sim, pode ser a nossa ruína.

—Além disso, já viste a altura das outras. E o quão grandes são...parece uma equipa de rugby.

—No ressalto e nas lutas individuais estamos perdidos —disse eu pensando que, geralmente, os árbitros desta categoria, quando não sabiam o que apitar, marcavam bola ao ar.

Era mais ou menos assim que começavam os jogos que fomos ver o Ernesto e eu, durante duas temporadas, do Exprés, equipa da primeira divisão B feminina da qual fomos fãs e incondicionais seguidores. Um amigo do Ernesto da universidade foi quem nos fez descobrir esta equipa de bairro, dado que fazia de delegado de campo desta equipa de basquete. Passámos manhãs e tardes gloriosas, atentos a algumas das áreas de jogo que albergava o pavilhão de Aluche. Com o tempo perguntámo-nos o que íamos ver realmente: basquete, do que havia pouco, ou as meninas, que havia várias e algumas muito bonitas. Outro mistério que está por resolver para o qual nos faltam dados.

—Hoje temos que gritar e animar mais do que nunca —disse-nos o delegado de campo quando nos viu. Com certeza, o Majadahonda parecia um osso duro de roer. Estava em primeiro na liga e o Exprés costumava rondar a metade da tabela, no melhor dos casos.

—Não te preocupes, aqui estaremos até à morte —assegurou o Ernesto—. Como sempre.

O delegado despediu-se e foi colocar os marcadores digitais que indicam o tempo de cada jogada. Pois ser delegado de campo nestas categorias, vestia muito a priori, mas na realidade era o equivalente a ser o menino dos recados ou o menino faz tudo.

—Viste como jogam... —disse ao Ernesto, assombrado pelo nível de acerto no tiro e ferocidade com que iam ao cesto as jogadoras do Majadahonda no aquecimento.

—Pois sim. Se perdermos por menos de 30 já nos podemos contentar – reconheceu o meu amigo, lúgubre e agoireiro.

Olhámos então para a mesa de anotadores. Ali estava o casal arbitral. Tratava-se duma mulher e dum homem. Era a primeira vez que víamos uma senhora a fazer de árbitro. Nenhum de nós os dois gostou daquela “novidade” arbitral em forma feminina. A nossa mentalidade não tinha desterrado todos os rastros de machismo herdados dos nossos antepassados. Era uma questão de tempo consegui-lo, mas esse momento ainda não tinha chegado.

O recinto ficou cheio, como sempre, até limites insuspeitáveis. Havia grande afeição entre os vizinhos do bairro ou muitos familiares das jogadoras. O certo é que muitas vezes havia pessoas até em pé, na parte alta da bancada.

A árbitra assinalou que faltavam três minutos para o começo das hostilidades. Cada equipa reuniu ao redor de cada treinador para receber as últimas instruções. Pouco depois, a árbitra assinalou com o correspondente apito que só faltava um minuto para o começo do jogo. As jogadoras do Exprés juntaram as mãos encestadoras, formando uma só, ao grito de «Quem vai ganhar?», vozeámos elas e o público como um só homem «Exprés! ».

Acabado o ritual, iniciava-se o encontro com a bola nas mãos de Majadahonda e com os habituais erros arbitrais, que não deixavam jogar ou deixavam jogar demais. Enquanto a teve por perto, o treinador do Exprés protestou violentamente com a árbitra, ante tal sem-fim de inexatidões, e ela, de imediato, apitou uma falta técnica. Provavelmente era tão suscetível porque por ser mulher os treinadores creiam que tinham o direito de chamar-lhe a atenção à primeira oportunidade que se apresentasse, coisa que com um homem, talvez, não teriam feito. A única arma dela para erradicar pela raiz este comportamento era a falta técnica. Seja como for, esta sensação aqueceu o ambiente na bancada. Não se podia tocar no nosso treinador. Exatamente o mesmo com as nossas jogadoras. O público disse-lhe de tudo, aproveitando a sua condição de mulher. Eram assim as coisas naquele tempo.

—Mas viste o teu “pandeirol”?... Vão explodir as calças. Força, vai dar de comer aos teus filhos, pesa-te o rabo! —advertiram outros.

—Volta para casa para lavar a louça —recomendaram outros.

—Mas que raio sabes tu de basquete? —perguntaram uns terceiros.

Apesar do público, no fundo, ter razão (a falta técnica no primeiro minuto tinha sido excessiva e injusta), sem dúvida não a tinham na forma correta (os comentários machistas estavam fora de lugar). Era algo inadmissível, de maneira que pouco a pouco, as mães das jogadoras que acompanhavam os familiares que diziam estas coisas, começaram a afeiar o comportamento deles e parece que a coisa se acalmou um pouco enquanto a bola voltou a botar sobre o parqué.

Nos minutos seguintes, o jogo desenvolveu-se com marcadores muito apertados, mas com o Majadahonda sempre na frente. Logo que se aproximava o Exprés perigosamente, algum dos árbitros apitava alguma falta pessoal, alguns dribles, alguns passos, que às vezes existiam realmente, mas geralmente inventavam. Ou isso parecia-nos a nós seguidores da equipa do bairro. Apesar disso, o incansável público não parava de animar as respetivas equipas, conforme as preferências de cada um. E sobre as floridas frases que se dedicavam aos juízes da contenda, havia muito engenho e muita falta de respeito. Merecida, com certeza.

—Guarda-me dois iguais para hoje! Cego! —diziam desde o bando majariego.

—É preciso ler o regulamento! —exigiam outros.

—Daqui não saem vivos, têm de mandar vir a polícia! —advertiam os setores mais fãs e exaltados cada vez que algum árbitro estava mais ou menos perto. Todas bravatas, obviamente, mas aí deixavam para quem quisesse ouvir.

—Filho da mãe! —gritou indignada uma mulher utilizando uma elocução mais generalista, fora do âmbito do basquete. Estava sentada diante de mim e, sem dúvida, devia ser a mãe de alguma das jogadoras.

—Fica tranquila, mulher —recomendou-lhe o senhor do lado muito surpreendido.

—É que quando fazem estas coisas às coitadas, os nervos põem-se em franja.

—É só um jogo.

—Sim, mas não é justo. Pagam-lhes para arbitrar bem, não é?, pois que o façam. Estão a roubar o jogo! —sentenciou objetiva.

É que nestes encontros, onde jogam os filhos de cada um, há grandes ideólogos do desporto em questão; pessoas que além de serem familiares de alguma jogadora, também são grandes espertos e teóricos da disciplina desportiva em particular; apesar de saberem o regulamento, não presenciam nenhum outro jogo que não seja aquele em que participa a filha e a primeira vez na vida deles que viram um encontro desse tipo fora aquele em que se estreou a herdeira deles, há, por exemplo, um ano. Assim éramos então; e agora também, temo.

Terminou o primeiro tempo e o Mejadahonda estava a superar-nos por 6 pontos. O Ernesto e eu, absortos no jogo, comentávamos as jogadas e lances do mesmo sem nos levantarmos do

lugar, por medo de que chegasse algum esperto, dos que não estavam sentados, e nos o tirasse. Afinal, como não se pagava nada, não se podia exigir nada. Ao falar das intervenções de cada jogadora, fazíamo-lo defendendo-as com a palavra “boa” nos dois seguintes sentidos: o de ser e o de estar. Dependia do caso.

O segundo tempo começou duma forma trepidante. Dois triplos consecutivos da nossa número 5 repuseram a igualdade no marcador.

—Como joga bem o Exprés eh! Como joga bem o Exprés eh! —Entoava quase todo o pavilhão de maneira estrondosa.

O encontro manteve-se igualado até ao fim. Isto disparou os ânimos de todos.

—A sete não bloqueia, abraça! —gritou alguém a um dos árbitros, com bastante razão. Pois o Majadahonda jogava duro, ao limite da falta ou ultrapassando esse limite de forma descarada. Acontece sempre quando os árbitros deixam jogar e nestas categorias quase sempre é o caso. Uma ida ao cesto genialmente executada por uma jogadora do Exprés desatou um fortíssimo aplauso do público. O treinador do Majadahonda pediu falta de maneira irrespeitosa, quase lançando espumaradas pela boca.

—Técnica, técnica! —exigiram os fãs do Exprés —Saca uma técnica ao “bigode”! —insistíamos, caso houvesse alguma dúvida sobre a quem tinha que se apitar a falta antidesportiva.

Foram necessários vários protestos irados para que o treinador da equipa majariega recebesse a técnica correspondente. Os dois tiros livres subsequentes subiram o nosso marcador.

—Toooooonta, toooooonta, toooooonta! —entoava a bancada cinco minutos depois, justamente quando uma jogadora do povo madrileno perdia uma bola de ouro da maneira mais “tonta” possível.

Depois dessa perda, as do Majadahonda encadearam quatro tiros falhados, dois deles de lanços livres depois duma falta do Exprés. O treinador pediu tempo morto. O marcador era 48-48.

—Então, se por acaso não o sabem, o objetivo deste jogo é meter a bola no cesto! —gritou.

A bancada riu pela asseveração e o treinador bigodudo enfureceu-se um pouco mais.

O fim foi emocionantemente trágico. A dez segundos da conclusão do jogo ganhava o Exprés por um ponto. Era a vez das Majadahonda atacarem e procuraram um cesto rápido, falharam e a bola saiu rejeitada para as mãos da pivô do Exprés. Um mal-entendido entre esta e a base provocou com que lhe roubassem a bola e a pivô, num movimento tão infantil como raivoso, cometesse uma claríssima falta pessoal à escolta que lhe tinha tirado a bola. Contudo, tivemos sorte, já que os árbitros continuavam com a inoperância e covardia deles e não se atreveram a

apitar o justo: falta intencional. O lance resolveu-se, portanto, com uma falta normal. Na mesa de anotadores mostraram o cartel vermelho com um cinco, que assinalavam a quinta falta da nossa pivô titular e a mandava diretamente para o banco. Saiu furiosa e chutou com toda a força um dos bancos. O treinador da equipa preta e amarela não arrancava os próprios cabelos por ser um pouco calvo, mas dava saltos de raiva no sítio. Pediu tempo morto rapidamente. Em vez de elaborar uma jogada que lhe desse a vitória, parecia mais que o treinador estava a repreender calorosamente as jogadoras. Acabada a pausa, deviam marcar os lances livres. A escolta do Majadahonda meteu os dois lances limpos, com um sangue frio digno de elogios, apesar de na claque do Exprés a vaiássemos descaradamente. Perdemos por um ponto. A pressão em toda a área de jogo era evidente. A bola voou muito alto e, como se fosse um passe do mesmíssimo Joe Montana, foi parar nas mãos da base do Exprés com o número quatro. A oito ou nove metros do anel, a jogadora lançou a bola como quem solta um seixo, enquanto recebia um golpe que se ouviu forte e claro em todo o pavilhão. Os árbitros despreocuparam-se desta falta pessoal, pois só faltavam dois segundos e deviam querer ir para casa o mais rápido possível. A bola, desviada para cima da sua trajetória inicial atrás do brutal golpe, começou a dar voltas sobre si mesma, ascendendo até alcançar a sua altura máxima. Neste instante não se ouvia nem uma mosca. O silêncio magoava. A bola ficou quieta, suspensa no ar uma décima de segundo, quase já no céu da área de jogo e, nesse ponto, começou o descenso, primeiro devagar e depois a grande velocidade, e caiu diretamente dentro do cesto. Tinha sido um cesto limpo que não voltara, possivelmente, a repetir a genial base nunca mais na vida. Os pilares do pavilhão quase sucumbem com o grito do público, posto em pé de uma só vez e em unísono. As jogadoras de uniforme preto e amarelo formaram uma pinha humana em cima da extraordinária base.

—¡Pao, Pao, Pao, Pao! —aclamava o respeitável, dando pulos na bancada, deixando entender que a número quatro devia chamar-se de Paola.

Muita gente desceu ao parqué para parabenizar o treinador e alguns familiares e amigos abraçaram-na sinceramente. Ao homem faltava-lhe chorar. Tinha a cara totalmente congestionada. De facto, ganhar este jogo significava passar para a fase seguinte da competição, o que, no mínimo, significava ficar nesta categoria.

—Que jogo! —disse o Ernesto.

—Eu ainda tremo.

—Vamos descer para dar os parabéns ao delegado.

Nem todos os jogos foram assim tão emocionantes e vitoriosos. Havia muitos “minutos de lixo” nestes encontros e os marcadores, por volta dos 50 pontos por equipa, dão a medida do nível de acerto que se praticava. Mas houve alguns que foram tão emocionantes como o narrado. De qualquer maneira, é possível que na embrulhada das minhas lembranças misturara sucessos de vários jogos para contar esta história; apesar da jogada final protagonizada pela base com número quatro ter ocorrido; talvez não contra o Majadahonda, mas esta jogadora fez-nos vibrar com um cesto desse calibre no último segundo.

Também, dentro da citada “embrulhada”, veem-me lembranças de ir para um café que estava lá perto tomar algo com o delegado e as jogadoras depois de algum encontro. Não sei, talvez isto faça parte mais dos sonhos do que das realidades que povoam estes relatos.

EXPRESSÃO ARTÍSTICA

Quando era pequeno pratiquei quase todas as artes, como se fosse um homem do renascimento. Obviamente não cheguei ao nível dos grandes daquela época, mas fiz o que pude. Aqui estão as testemunhas da minha prematura contribuição às disciplinas artísticas que povoam os museus por fora e por dentro.

I –Arquitetura.

O meu pai fumava muito quando eu era criança. Mais especificamente, gostava dos “Celtas”, que era uma marca de tabaco com uma obscura lenda de dureza nas costas. A caixinha era bonita e épica: debaixo do homem da marca havia um imaginário guerreiro celta desenhado, que parecia mais um viking, com a espada ao alto, o escudo e o capacete com asas. Para poupar algum duro, o meu pai comprava o tabaco por volumes, de maneira que às vezes entravam em casa várias dezenas de caixinhas de uma vez. Quando não me viam, pegava nesses tijolos, que na realidade eram as caixinhas aos meus olhos, e dava vida aos meus dotes de arquiteto e desenhador de espaços. Assim, fazia torres, pirâmides e casas de elegante e quadrado desenho. Mas o meu ponto forte era construir robustas fortificações para os Clips de Famobil, com as portas feitas com três caixinhas e os muros de dobra altura. Os Clips viviam algum tempo em paz, defendidos pela tão bem desenhada paliçada. Mas nos meus jogos infantis existia sempre o drama e o conflito, incluindo a guerra; e assim, um dia inesperado, desde lugares remotos e com intenções de conquista, apareciam dois bonecos Geiperman, três ou quatro vezes maiores do que os pobres Clips e, se compararmos os desenhos de uns e de

outros, num estado de evolução bastante superior. Altura a qual os meus muros de caixinhas de Celtas tinham de demonstrar o próprio valor. O choque entre as duas civilizações era sempre cruento e sem quartel; e como não podia deixar de ser, as primeiras baixas levou-as o tabaco.

Quem sabe, nas provas de resistência, que representavam estas batalhas para as minhas construções, algumas caixinhas acabavam por ser amassadas, até partidas; por fora e por dentro. Pequenos danos colaterais que em qualquer estado de resistência de superfícies é preciso assumir. Longe de louvar as minhas inquietudes arquitetônicas, os meus pais afeiavam a minha conduta, repreendiam-me e tiravam-me a matéria prima com que formava os meus sonhos edificáveis.

Os coitados dos Clips de Famobil, sem defesas estruturais, aturdidos enquanto viam como os muros defensivos desapareciam no céu por forças que não entendiam, eram varridos pelos dois Geiperman, que aproveitavam o inexplicável golpe de sorte sem piedade. Uma carniçaria.

Anos depois o meu pai deixou de fumar. Deu-se conta na oficina de encadernação onde trabalhava nesse momento, que tinha acendido três cigarros em diferentes lugares e ia a acender o quarto. Apagou os quatro cigarros e deitou fora o maço. A partir de então passou uns meses chateado, dado que a comida lhe sabia mal e o vinho que acompanhava o almoço picava. Depois do período de adaptação do organismo, voltou a saber-lhe tudo bem e desintoxicou-se para sempre. Foi um grande avanço pessoal e familiar, apesar de, por outro lado, a arquitetura moderna ter talvez perdido o seu maior maestro; mas isso nunca se saberá.

II — Escultura.

Como Miguel Ângelo Buonarroti, eu também dediquei um tempo à escultura quando era pequeno. Talvez estejamos a falar de níveis diferentes de excelência, mas isso são só detalhes. Foi no terceiro ano de EGB que tirei o escultor que tinha dentro. Os pequenos habitantes das três turmas do terceiro ano eram os que ano atrás ano tomavam a responsabilidade de realizar o belém do colégio. Na aula de “trabalhos manuais”, no final de outubro, começavam os trabalhos. Naquele ano, as figurinhas far-se-iam com o barro. Na repartição das personagens, a mim calhou-me fazer um porco; talvez não fosse uma das figurinhas com mais firmeza dos

beléns tradicionais, mas parece que naquela campanha o claustro quis dar um toque fazendeiro à representação bíblica.

Não foi uma tarefa fácil. Pegar nas várias partes do porco à base de água era uma utopia. Os grudes que tentavam reproduzir as orelhas, ao ser tão pequenos, perdiam-se entre aula e aula. Cada quinta-feira, dia de trabalhos manuais, encontrava o meu pobre porco mutilado por algum lado. No fim consegui juntar tudo, apesar do animal ter perdido parte da identidade transformando-se num ser não criado pelo Senhor. Mas aos meus olhos continuava a ser um porco, de cor branca, uns bons lombos e melhores presuntos; embora o coitado tenha ficado com um corte na parte da costelinha direita que não houve maneira de unir. Depois havia o problema de conseguir pintá-lo com a cor que quer que seja que tenham os porcos. No fim ficou com o tom próprio das alucinações provocadas por LSD.

Visto no computo geral, não me causaram nenhuma preocupação as minhas pequenas licenças porcinas. As figuras humanas não eram muito melhor. E o pobre menino Jesus, é melhor não falar.

Finalmente, no dia 15 de dezembro, montaram o belém com todas as esculturas dos três cursos do terceiro ano. O nascimento daquele ano era um prodígio de arte cubista e alguma nova tendência artística por descobrir. Como adiantados ao nosso tempo, as crianças do terceiro ano descartaram o realismo e a proporcionalidade entre as personagens que tanto se tinham utilizado nos beléns de todos os tempos, para se meterem em correntes escultóricas mais alternativas, transgressoras, quase, diria eu, que afastadas da fé. Aquilo, mais do que a representação do nascimento de Jesus, parecia a parada dos monstros, mas nem por isso as irredutíveis crianças do terceiro ano deixaram de se sentirem orgulhosas do trabalho.

No último dia de escola, antes de começar as férias de Natal, deram a cada criança a própria figurinha do belém. Orgulhoso, levei o meu porco para casa, disposto para que se admirasse a minha destreza para as três dimensões. Quando o tirei da carteira, a minha mãe contemplou-o estranhada, demorou o tempo dela, como quem olha para um objeto de arte abstrata que não sabe como qualificar e do que procura com denodo e urgência o objeto ou ser que tenta representar.

—Olha, um cãozinho. Que lindo! —disse por fim a minha mãe, docemente.

—Mas qual cão! É um porco! —protestei ante tal falta de subtileza.

A escultura acabou naquele instante para mim.

III — Desenho.

Como se fosse o Rafael do bairro de San Ignacio, o meu era sem dúvida o desenho. Gostei desde o momento em que me colocaram um lápis na mão. Apesar de não haver registros, podemos assegurar que os primeiros desenhos de certa entidade foram cópias de Mazinger Z e as bestas mecânicas do malogrado doutor Inferno. Esta série de desenhos animados japoneses tinha agarrado completamente as crianças da altura e desenhar robots não era uma afeição só minha. Cedo o papel ficou insuficiente e emulando o Miguel Ângelo quando pintou a Capela Sistina, deitava-me no chão (dado que não dispunha de andaime como o genial artista renascentista) e, debaixo da mesa da sala ia utilizando a superfície de debaixo do tabuleiro da mesma, desenhava os meus frescos afastados do realismo. Eram composições formadas por raios e formas geométricas sem nenhum fundamento. Parecidos a muitos quadros que vi depois e que valem fortunas. Acho que com a minha prima Anabel, na casa da minha tia Aurora, entre os dois, deixámos outro fresco de rabiosos traçados feitos com ceras ou lápis da exitosa marca Plastidecor na mesa do comedor. Pintado com idêntica técnica, deitados e debaixo da mesa. Receio que estas obras monumentais perpetradas a quatro mãos nunca foram descobertas e infelizmente perderam-se quando reformaram os móveis que as continham. Espero que a história de arte possa recuperar-se de tão importante perda.

Também quis experimentar a técnica do retábulo. Como aos meus quatro ou cinco anos não recebi nenhuma encomenda de nenhuma basílica, utilizei os quadrados dum pequeno móvel castelhano que tinha à entrada da casa. Em cada quadrado de madeira desenhei com rotuladores cenas costumbristas que terminavam com quatro traços; tal era a minha maestria. Esta arte, provavelmente adiantada à sua época foi incompreendida pelos meus pais, que me repreenderam por ter pintado os móveis, coisa que desgastou muito a unidade familiar. Não me lembro do castigo mas não o voltei a fazer. E, se não bastasse, a minha obra, sublime e transgressora, perdeu-se depois de uma conscienciosa limpeza.

Tive que voltar ao papel, dado que as obras plasmadas neste material pareciam ter maior possibilidade de perdurar. Assim, alguns dos meus desenhos de então foram reconhecidos com uma nota 10 na aula e, dum em concreto, que era uma versão livre duma folha de desenho Freixas dum avô com um chapéu e uma pipa, gostaram tanto os meus pais que a molduraram. A obra está datada 22 de outubro de 1983. Antes tinha ganho um concurso de desenho na escola e na festa infantil da paróquia pelo Natal. Os prémios eram fracos e o reconhecimento não saía do âmbito familiar, mas tanto umas coisas como as outras fizeram patente as minhas atitudes e gosto pelo desenho, então assim que tive mais idade, os meus

pais inscreveram-me na aula de pintura aos sábados pelas manhãs no Colegio de La Salle. Ali aprendi alguns fundamentos com o carvão, mas cedo vimos que aquilo era um “aldrabice” em que se aprendia pouco ou nada, basicamente chegavas, o professor indicava que desenhasses algo, fazia-lo e pouco mais. Não durei muito, mas consegui entesourar algum rudimento artístico para sempre. Até agora não me serviu para nada.

Depois deu-me para desenhar bandas desenhadas. Comecei muitos projetos e não terminei quase nenhum. Tentei muitas técnicas que não me convenceram. O meu maior êxito foi que terem publicaram algumas destas páginas na revista do instituto. E foi exatamente aqui, no primeiro BUP, onde na aula de desenhos nos pediram que fizéssemos uma composição que se montaria pelos corredores do recinto. Eu resolvi desenhar uma estátua grega de um atleta em primeiro plano, de cintura para acima. O desportista heleno, claramente, estava nu, tal como era costume da época. Atrás da magnífica estatua representei todo o tipo de andaimes, escadas, cordas, ferramentas, polés e qualquer coisa relacionada com a sua construção, mas tudo desenhado com linhas retas. A ideia era criar um efeito que destacasse este fundo quadriculado com as formas perfeitas da estátua. Quando a professora viu a obra finalizada, longe de apreciar este brutal e genial contraste, só viu o tronco da estátua e quase lhe dá uma síncope. Devia ser muito beata e não entendeu a essência da obra.

—Mas não é um homem, é uma estátua clássica, ao estilo da antiga Grécia. E, ainda por cima, não se vê nada, pois vê-se do umbigo para cima —matizei.

—Sim, mas mesmo assim eu punha-lhe algo em cima.

—Mas os atletas gregos iam nus —protestei frente a uma ingerência tão anacrónica na minha obra.

—Bom, isso não interessa. Pensa em algo adequado, uma túnica se calhar...

No fim tive de vestir o coitado do atleta. Optei pelo mais fácil: pus-lhe uma camisa de manga curta. Claramente, ficava-lhe apertada e ridícula. Limitei-me a desenhar o descole, as mangas e as raias verticais do estampado. Já não parecia nem um atleta nem nada. Como o desenho era um dislate, culminei o homem com uma barba de três dias. A modo de vingança. Assim o espantalho já estava completo.

—Agora sim —disse a tola da professora quando apresentei a obra acabada.

O desenho ganhou o concurso e, junto com outros onze, esteve longas semanas exposto nos corredores do I.B. María de Molina. Eu tentava não olhar para ele cada vez que passava ao lado. Era um pouco grotesco.

Acho que aquela incursão na minha incompreendida arte pictórica foi o princípio do fim. Pouco a pouco fui deixando de desenhar com assiduidade. Depois cheguei a universidade e o

trabalho, dado que eu fui dos que faziam as duas coisas ao mesmo tempo. Nesse momento, por azares do destino, mudei de arte: deixei o desenho e comecei a escrever, mas essa é outra história.